



Âncoras e Fuzis

Corpo de Fuzileiros Navais



Ano IX - Nº 40 • julho de 2010 • Nº 04 publicada pelo CIASC • ISSN 2177-7608

Cooperação Brasil-Namíbia
Nosso conhecimento em proveito de outros povos



Financiamento Imobiliário

POUPEX

Sua casa própria em 1º lugar

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

Mais informações: 0800 61 3040 • casapropriapoupex.com.br

POSTO DE ATENDIMENTO DA FHE NA FREGUESIA - ILHA DO GOVERNADOR-RJ - PSTFR

Est. Quilombo, s/nº - CNIG/CIASC - Freguesia - Ilha do Governador - 21911-016
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 3386.0335 - Fax (21) 3386.0338

POUPEX

Associação
de Poupança
e Empréstimo

poupex.com.br



Palavras do Comandante do CIASC

Gerações de Fuzileiros Navais Fortalecendo o Espírito de Corpo

Dotado de raciocínio superior, o ser humano, consciente dos deveres que a ele compete cumprir, identifica como lei natural o progresso contínuo e ininterrupto. Desse modo, invade-lhe a idéia de um futuro promissor e, assim, é capaz de obter novas conquistas invejáveis, alcançando o sucesso.

Imperioso é lembrar que todas as grandes conquistas somente tornam-se perenes se sustentadas por compromissos igualmente perenes, por crenças e pela sintonia entre gerações que visam ao progresso e ao bem comum, e não apenas a realizações individuais efêmeras.

A história de nosso CIASC é um exemplo vivo desse pensamento e nos ensina que aqui temos uma obra construída por diversas gerações, obra essa iniciada a partir de um sonho do patrono do Corpo de Fuzileiros Navais, o Almirante Sylvio de Camargo, e cujo progresso, ao longo de mais de cinquenta anos, só foi possível graças à dedicação e à condução segura de diversos Comandantes e Tripulações que por este Centro de Instrução labutaram. O CIASC não é apenas um conjunto arquitetônico suntuoso. Arrisco afirmar que o CIASC é um ser vivo, um ser coletivo, um ser que tem alma.

A própria essência da formação de um fuzileiro naval nos leva a entender bem a afirmação anterior, pois, ao longo dos anos, várias turmas se reencontram no CIASC para realizar suas especializações e seus aperfeiçoamentos. São Oficiais e Praças convivendo com espírito de equipe em uma mesma OM, cumprindo a mesma rotina, alimentando-se do mesmo cardápio e, sobretudo, sob um mesmo Comando, seguindo orientações idênticas e tendo a oportunidade de relembra vivências anteriores, fazer análises críticas do estágio em que vivemos e idealizar so-

luções para um futuro que, melhor preparados, poderão construir.

Uma das instalações edificadas no CIASC que exemplifica bem o comprometimento com conquistas e que cumpriu fielmente sua finalidade durante mais de quatro décadas, contribuindo imensamente para o aprimoramento do ensino com relação às Operações Anfíbias, é o Tabuleiro Anfíbio (TABANF), cujo propósito foi simular o desenvolvimento esquemático e a execução de um Assalto Anfíbio. Hoje, tal obra encontra-se imortalizada em um painel nas dependências do Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais (CECFN), e não é por acaso que lá se encontra: o CECFN representa um marco importante para o CFN que se visualiza para as próximas décadas, e a imagem do TABANF manterá sempre vivo o esforço das gerações passadas em prol do legado deixado, da mesma forma que, por honrar a nossa história, renovará as forças que deverão ser despendidas pelos novos Fuzileiros Navais, sintonizados com o progresso permanente e sustentado.

É exatamente nesse local, no painel que imortaliza o TABANF, que resolvemos inscrever, pela primeira vez, nosso lema, o qual engloba presente, passado e futuro, pois transcende a idéia de apenas promover estímulo à tripulação, traduzindo, em especial, o culto a todos os que contribuíram e contribuem para a realização de tão nobres tarefas, nascidas de sonhos audazes: "CIASC - GERAÇÕES DE FUZILEIROS NAVAIS FORTALECENDO O ESPÍRITO DE CORPO".

Boa leitura!

Alexandre José Barreto de Mattos
Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC



Editorial

Nossa revista, na sua quarta edição produzida pelo CIASC, conta uma passagem importante da história que está sendo escrita por namibianos e brasileiros na formação da Marinha naquele país amigo: trazemos um artigo preparado pelo Grupo de Apoio Técnico de Fuzileiros Navais na Namíbia (GAT-FN) e uma entrevista com o Comandante-Geral dos Fuzileiros Navais namibianos, mostrando a perfeita integração que preside o intercâmbio de conhecimentos profissionais e os laços de amizade que se estreitam a cada etapa vencida.

Neste número também dedicamos atenção especial aos reflexos produzidos na missão de paz no Haiti após o terremoto de 12 de janeiro: publicamos uma entrevista obtida por carta com o Exm^o Sr. Embaixador do Brasil no Haiti, cujas perguntas foram enviadas pouco antes do lastimável acontecimento e respondidas após. Somam-se a ela trechos de relatos colhidos pela nossa equipe com os integrantes do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti-11 e o artigo escrito pelo seu Comandante. Esses registros, em nossa opinião, constituem um mosaico rico em lições a serem estudadas para aplicação futura nas operações de paz.

Desejamos que apreciem esta edição e aguardamos seus comentários, que nos ajudarão a fazer uma revista cada vez mais sintonizada com o nosso LEITOR.

Boa leitura ! ADSUMUS!

Marco Antonio Nepomuceno da Costa
CMG (FN-RM1)
Editor-Chefe de Âncoras e Fuzis

Expediente

Distribuição Gratuita

Ano IX – Número 40 – 2010

ISSN 2177-7608

Número IV publicada no CIASC
Publicação semestral do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo
Situado no Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG)
Rua Magno Martins s/nº - Bancários – Ilha do Governador
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 21911-430

Alvaro Augusto Dias Monteiro
Almirante-de-Esquadra (FN)
Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais

Marco Antonio Corrêa Guimarães
Vice-Almirante (FN)
Comandante do Pessoal de Fuzileiros Navais

Alexandre José Barreto de Mattos
Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC

Marcelo Ribeiro de Figueiredo
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)
Imediato do CIASC

Áthila de Faria Oliveira
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)
Centro de Estudos do CFN

Editor-Chefe

Marco Antonio Nepomuceno da Costa
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN-RM1)
ancorasefuzis@gmail.com

Editor-Adjunto

Cintia Sanguinetti Guimarães
Primeiro-Tenente (T-RM2)
cintia.guimaraes@ciasc.mar.mil.br

Ajudante de Edição

Maryanne Cícera Briggs da Cruz
Hortência da Silva Oliveira
Estagiárias

Revisão Ortográfica

1T (T-RM2) Luciana Aparecida Mendel
1T (T-RM2) Barbara Poubel dos Santos
1T (T-RM2) Jaqueline Vanessa Barbosa Melo
1T (T-RM2) Eliane dos Santos Braga Sayão
2T (T-RM2) Adriana Guimarães Aloiza

Revisão Bibliográfica

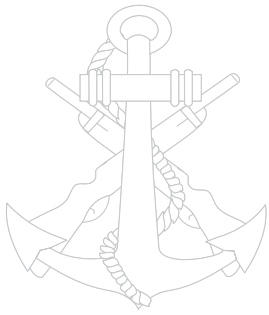
1T (T-RM2) Marcela Barcellos Araújo
1T (T-RM2) Flávia Costa de Jesus Pereira Baptista

Colaboradores

CF (FN) Alexandre Aballo Nunes
CC (FN) Marcio Rossini Batista Barreira
CC (FN) André Duarte Canellas
CC (FN) Flavio dos Santos Nascimento
CC (FN) José Domingos Araújo Vallim
CC (FN) Dirlei Donizette Cêdo
CC (FN) Leonel Mariano da Silva Junior
CC (FN) Eli Ângelo Araújo
CC (FN) Bruno Kochulinski Caldas
CC (FN) Antonio Marcos Gomes Ferreira

Sumário

Palavras do Comandante do CIASC	03	A Missão das Nações Unidas no Chade e República Centro-Africana - MINURCAT	25	Programa de Leituras Profissionais	47
Editorial	04	A influência das margens dos rios nas OpRib	28	Intenção do Comandante	49
Sumário	05	Fuzis <i>Bullpup</i> e o futuro do armamento individual	32	Português para estrangeiros: uma nova perspectiva de ensino	51
Cartas dos leitores	06	A importância de atirar bem e do treinamento a custo reduzido	35	Formosa 2009	52
Histórico das origens: Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais	07	As experiências dos componentes do GAT-FN durante o assessoramento para a consolidação do Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia	38	Atividades no CIASC	52
Amplificação de Luz Residual x Imagem Térmica - Um breve descritivo sobre Equipamentos de Visão Noturna	10	Entrevista: Comandante Haimbala	42	Biblioteca do CFN	57
Entrevista: Embaixador do Brasil no Haiti - Igor Kipman	12	Os Fuzileiros Navais e as Missões de Desminagem Humanitária	44	Meio ambiente em linguagem clara & simples	59
Haiti - Experiências do 11º GptOpFuzNav	14	Entrevista: Comandante Haimbala	42	Decida nº 40	61
1º Simulador Tático de Infantaria a Laser (STIL)	22	Os Fuzileiros Navais e as Missões de Desminagem Humanitária	44	Decida nº 41	62
				Pense	62



Cartas dos leitores

ancorasefuzis@gmail.com

As cartas que não tiveram suas respostas publicadas serão respondidas diretamente aos leitores.

Recebi a última edição, do ano 2009, da revista “Âncoras e Fuzis”. Ao agradecer a gentileza da remessa, transmito a V. Exa. meus cumprimentos pela excelência da publicação que apresenta uma qualidade gráfica de alto nível e um conteúdo de assuntos profissionais que servem para corroborar minha crença – de longa data – na competência e eficiência operacional de nossos Fuzileiros Navais.

ADSUMUS!

General-de-Exército Clóvis Jacy Burmann
Presidente da FHE/POUPEX

Agradeço a gentileza do envio da nova edição da revista “Âncoras e Fuzis”, um trabalho do CIASC do mais alto gabarito.

Atenciosamente,

Contra-Almirante (FN-RM1) Hércio Blacker Espozel

Agradeço a gentileza do envio e aproveito para cumprimentá-lo pela qualidade e conteúdo da Revista “Âncora e Fuzis”.

Grande abraço,

Walter Carrara Loureiro
Contra-Almirante

Agradeço pelo encaminhamento da revista “Âncoras e Fuzis” e cumprimento o prezado amigo e seus colaboradores pela excelência do trabalho exercido.

Um forte abraço,

José Carlos Mathias
Contra-Almirante

Excelente, como sempre, o novo número de “Âncoras e Fuzis”.

Muito obrigado.

Forte Abraço,

Vice-Almirante (FN-RM1) Paulo Frederico Soriano Dobbin

Agradeço a V. Exa o envio da revista “Ancoras e Fuzis” nº 39. Ela está despontando como mais um expoente da Comunicação Social “especializada” da Marinha. Aproveito para cumprimentos a toda a equipe de editoração.

Um grande abraço,

Domingos Savio Flavio Almeida Nogueira
Contra Almirante
Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

Durante o período que fui aluno do C-AP/2009, assisti suas apresentações sobre meio ambiente. Gostaria de saber o que foi realizado no CIASC sobre Gestão Ambiental até então.

3º SG-FN-IF Martins, do 2º BtlInfFuzNav, por email.

Resposta: Alguns projetos ambientais foram desenvolvidos, principalmente na área de Educação Ambiental. A divulgação de informações ambientais ao público interno e externo deve estar presente em qualquer Sistema de Gestão Ambiental (SGA). Abaixo estão algumas ações de responsabilidade ambiental desenvolvidas no CIASC em 2009:

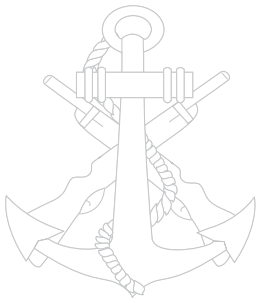
- Foram ministradas palestras para todos os cursos e para as crianças do projeto Forças no Esporte, contendo as principais orientações e preocupações relacionadas ao meio ambiente.

- Foi contratada uma empresa especializada e licenciada pelo órgão ambiental estadual para auditar todo o Sistema de Tratamento de Esgoto da OM. O estudo visa adequar o sistema para que funcione em conformidade com a legislação estadual sobre

lançamentos de efluentes de origem sanitária. Além disso, será elaborado um edital para contratação de empresa especializada em limpeza de caixas de gorduras e remoção de material orgânico acumulado nas fossas sépticas e tubulações.

- Acompanhamento dos serviços de poda de manutenção e de segurança realizados por empresa contratada e licenciada pelo órgão ambiental municipal, com fiel observância ao que determina a lei. Foi analisada a necessidade de poda de cada indivíduo arbóreo, considerando: conflitos com equipamentos urbanos, aspectos fitossanitários e condição de refúgio da vida silvestre local.

Assessoria de Controle Ambiental
3º SG-FN-ES Gilvan



Histórico das origens: Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais

O Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais (BtlBldFuzNav) tem sua origem na extinta Companhia de Carros de Combate (Cia CC) e na incorporação da Companhia de Viaturas Blindadas (CiaVtrBld) do Batalhão de Viaturas Anfíbias (BtlVtrAnf), ambas com muita história e tradição nas operações do CFN.

Subordinada ao Batalhão de Comando da Tropa de Reforço, a Cia CC foi criada, em 20 de fevereiro de 1980, com a missão básica de prover limitado apoio de Carros de Combate à Divisão Anfíbia, ou uma Força de Desembarque nucleada em torno dessa ou de suas Unidades Subordinadas.

A criação da Cia CC veio ao encontro das necessidades de emprego de Carros de Combate nas Operações Anfíbias, principalmente quanto ao emprego do conjugado Infantaria-Carro de Combate nos primeiros estágios de conquista de uma cabeça de praia, além de outras secundárias.

Após uma série de estudos realizados pelo Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN) a aquisição de Carros de Combate Leve Sobre Rodas (CCL SR CASCAVEL Mod. EE-9) foi a solução exequível e aceitável naquele momento, dentre as alternativas apresentadas.

A adoção da linha de ação CCL SR ocorreu em face da inviabilidade de aquisição de CCL SL importado, além do mercado nacional não oferecer alternativa confiável, constituindo fator de alto risco a tentativa de implementá-lo.

Consoante a decisão favorável do Conselho do Almirantado, o ComGerCFN foi autorizado pelo Ministro da Marinha a assinar contrato com a empresa ENGESA S/A para o fornecimento de seis CCL SR CASCAVEL Mod. EE-9 com os respectivos equipamentos, sobressalentes e dotação de munição.

Em 25 de maio de 1980, a Cia CC é destacada para a Di-

visão Anfíbia, ficando subordinada ao respectivo Batalhão de Comando.

Passados quase sete anos de subordinação da Cia CC ao Batalhão de Comando da Divisão Anfíbia, o Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra (ComFFE) aprova a transferência da Cia CC para o Batalhão de Comando da Tropa de Reforço (BtlComTrRef).

Em 06 de dezembro de 1993, como parte do processo de reestruturação da Força de Fuzileiros de Esquadra (FFE), o Ministro da Marinha resolve extinguir o Batalhão de Comando da Tropa de Reforço e criar as seguintes Unidades: Base de Fuzileiros Navais da Ilha das Flores (BFNIF), Companhia de Carros de Combate (Cia CC) e Companhia de Guerra Eletrônica (Cia GE), todas com sede no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, e subordinadas ao Comando da Tropa de Reforço (ComTrRef). A Cia CC foi criada com semi-autonomia administrativa e com o propósito de prover apoio de Carros de Combate aos Grupamentos Operativos formados pela FFE.

Em 20 de setembro de 1995, a subordinação da Cia CC passou para o Comando da Divisão Anfíbia e a localização de sua sede para a área da Ilha do Governador, município do Estado do Rio de Janeiro.

Visando atender às necessidades do CFN para a execução de suas ações e operações terrestres em prol de uma campanha naval, bem como a guarda e segurança de instalações navais ou de interesse da Marinha, foram incorporadas ao extinto Batalhão de Manutenção e Abastecimento, em 07 de novembro de 1974, trinta (30) Viaturas Blindadas (VtrBld) da família M113, sendo 24 VtrBld M113A1 TP (Transporte de Pessoal), 02 VtrBld M125 A1 (Morteiro), 02 VtrBld M571 A1 (Comando), 01 VtrXM806E1 (socorro) e 01 VtrBld M113 A1G (Oficina).

Após sua incorporação no CFN, as VtrBld M113 foram transferidas do Batalhão de Manutenção e Abastecimento para o extinto Batalhão de Transporte Motorizado.

Em 20 de dezembro de 1977, a então denominada Companhia de Viaturas Anfíbias do extinto Batalhão de Transporte Motorizado passou a denominar-se Companhia de Viaturas Blindadas (CiaVtrBld) e, em 26 de fevereiro de 1985, o Batalhão de Transporte Motorizado passou a chamar-se Batalhão de Viaturas Anfíbias (BtlVtrAnf).

Por mais de 20 anos, o CFN empregou os CCL SR EE-9 CASCAVEL que, apesar de suas limitações relativas à mobilidade (por ser uma viatura sobre rodas), poder de fogo (por pos-



suir um canhão de 90mm) e blindagem, cumpriram a importante tarefa de servir como embrião da mentalidade de utilização de CC por nossas Forças.

No entanto, o CFN nunca deixou de considerar a solução “Sobre Lagarta” como apropriada para as suas necessidades de CC.

Em 2000, no simpósio “O CFN do Terceiro Milênio”, uma proposta de reestruturação da FFE foi apresentada. Dentre as mudanças estava a criação do Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais (BtlBldFuzNav).

Tal Unidade foi ativada em 26 de março de 2003, após a desativação do seu Núcleo de Implantação, sendo constituída pela integração da até então Cia CC e pela transferência de subordinação da CiaVtrBld do BtlVtrAnf para o BtlBldFuzNav.

Essa nova organização permitiria a melhoria do preparo e emprego dos meios blindados pelos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) e a ampliação da capacidade de organização por tarefas dos mesmos, além de concentrar, em local único e próximo aos BtlInfFuzNav, viaturas cujos sistemas de armas se complementam e operam harmonicamente com a infantaria.

Para a concretização de tal anseio, a compra dos CCL SL SK 105 A2S acompanhados de uma VtrBld Socorro, ferramental, sobressalentes e munição foi consolidada.

No período de fevereiro a julho de 2001 foram realizados os cursos de operação, manutenção de 1º e 2º escalão no Centro de Reparos e Suprimentos Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CRepSupEspCFN) e os testes de desempenho do CCL SL SK 105 A2S na região do Guandu do Sapê e do Campo de Provas da Marambaia. Em julho de 2001, os CC foram entregues ao setor operativo com cerimônia de recebimento na Cia CC, presidida pelo ComGerCFN.

A partir do observado, sobre o crescente número de operações em áreas urbanas e no intuito de gerar mobilidade e proteção sem a perda da ação de choque, fator preponderante para o sucesso de qualquer missão no que se refere às Viaturas Blindadas, o CFN adequou-se a essa tendência. Teve início o processo de obtenção das novas VtrBldEsp SR PIRANHA IIIC 8X8, sendo adquiridas inicialmente quatro viaturas destinadas ao transporte de pessoal e uma viatura socorro.

A MOWAG, empresa suíça criadora da VtrBldEsp SR PIRANHA IIIC 8X8, forneceu o treinamento ao pessoal nas dependências do BtlBldFuzNav entre os dias 04 de junho e 13 de julho de 2007, compreendendo diversas modalidades como: Operação e Manutenção de 1º Escalão da Viatura; Operação e Manutenção de 1º Escalão do Sistema de Comunicações; Operação, Manutenção e Reparo de 3º Escalão do Lançador de Granadas LAG-40mm; Operação, Manutenção e Reparo de 3º Escalão do Periscópio de Visão Noturna NAP 5-11; Operação, Manutenção e Reparo de 3º Escalão da Metralhadora 12,7mm M2HB QCB Machine Gun e Operação, Manutenção e Reparo de 1º Escalão do Sistema de detecção Laser LIRD-4D.

Em agosto de 2007 as VtrBldEsp SR PIRANHA IIIC 8X8 foram incorporadas ao setor operativo, o

que propiciou sua ação em conjunto com as tropas que compõem o GptOpFuzNav no Haiti.

Visão de Futuro: Planejamento para Modernização das Viaturas Blindadas Especiais M113A1

Mundialmente famosa, a viatura blindada M113 equipa um enorme número de países fornecendo transporte de tropas blindadas e capacidade polivalente para inúmeras missões, desde comando, defesa anti-aérea, transporte e apoio de fogo.

O Corpo de Fuzileiros Navais possui um total de 30 veículos, contudo apenas 66% estão em operação. Ao longo de seus 33 anos de existência, essas viaturas apresentam um estado aceitável de conservação que lhes confere a possibilidade de atender a varias solicitações. Sua tripulação de dois homens conta com a proteção da blindagem do veículo em uma liga especial de alumínio e a sua mobilidade, estando a plataforma armada com uma metralhadora de 7,62mm e tendo uma autonomia de 560km. Tais viaturas foram incorporadas ao serviço do Corpo de Fuzileiros Navais em 1974, constituindo hoje uma parcela significativa do BtlBldFuzNav.

Agora, sobre o que podemos chamar de a “versão M113 MB1”, o CFN fará uma modernização profunda que deverá compreender a modificação do casco para a instalação do novo sistema de transmissão/propulsão, do sistema de suspensão mais reforçado e instalação da nova estação de armamento, modificação do “top deck”, transferência do tanque de combustível para a parte externa da viatura, além da conversão das VtrBldEsp SL MRT M125A1 para a configuração Transporte de Pessoal (TP), dentre outros subsistemas.

O Escopo do Programa é a modernização dos trinta veículos blindados, incluindo 24 Viaturas Transporte de Pessoal, duas Comando, duas Morteiro (que serão convertidas para TP), uma de Manutenção e uma Viatura Socorro.

O programa será executado pela IMI (*Israel Military Industries*) e pela MB no CRepSupEspCFN. A empresa fornecerá o treinamento para o pessoal da MB em todos os



níveis, para capacitá-los para a operação e manutenção dos M113 modernizados.

Segundo informações da revista digital ¹Defesa@net, “a linha de produção do M113 ainda está ativa, quase 50 anos após a primeira encomenda (1959), pelo US Army à companhia FMC, de Jan Jose, Califórnia. Mais de 80.000 M113 foram produzidos nos Estados Unidos e em outros países (nas mais diferentes versões). A empresa **BAE Systems** é a atual produtora do M113 e do seu sucessor, o M2/3 Bradley.”

Plano de Modernização das VtrBldEsp SL M113A1

Configuração VtrBldEsp SL M113A1

- **Motor Detroit Diesel 6V53N (159Kw - 212HP)**
- **Caixa de transmissão Allison TX100-1**
- **Sistema de Arrefecimento**
 - Ventilador de refrigeração
 - Radiador
- **Suspensão**
 - Barra de torção
 - Amortecedores
 - Conjuntos do braço da roda de apoio (estações de roda 1 & 5)
 - Conjunto tensor da lagarta e braço da roda tensora
- **Redutor final**
- **Diferencial Controlado**
- **Juntas**
- **Alternador 105 Amp**
- **Lagarta com Patins tipo T130E1**

Configuração VtrBldEsp SL M113MB1

- **Novo Motor Caterpillar C7 (224 kW-300HP)** – Automático com injeção eletrônica; versão militar (off-road); possui componentes encontrados no comércio nacional, que minimizam custos; e asseguram a disponibilidade de suprimento de sobressalentes por longo tempo
- **Caixa de Transmissão Allison 3200SP automática** – Possui seis marchas para frente e uma reversa; é controlada eletronicamente; e possui componentes encontrados no comércio nacional
- **Nova Unidade Diferencial Controlado Regenerativo** – Freios com sistema hidráulico, ativação mecânica por pedal a disco; permite maior redução da velocidade máxima; possibilita a execução de rotação (pivô), girando as lagartas em direções contrárias
- **Nova Unidade de Caixa de Transferência**
- **Sistema de Arrefecimento Aperfeiçoado**

- Novo conjunto de ventilador de refrigeração
- Novo radiador
- Tanque de expansão
- **Aperfeiçoamento da Suspensão** – Melhor desempenho QT e um maior conforto à tropa embarcada
 - Novas barras de torção
 - Novos amortecedores e mais robustos
 - Acréscimo do setor de contato com o amortecedor e batentes de proteção do patim
 - Novos conjuntos do braço da roda de apoio (estações de roda 1, 2, 4 & 5) – maior afastamento do solo e melhor absorção de choques
 - Kit reposicionamento do conjunto tensor da lagarta e braço da roda tensor
- **Redutor Final Novo e Aperfeiçoado**
- **Kit de Velocidade Variável do Ventilador de Direção** – possibilita melhor transferência de potência, proporcionando maior eficiência à viatura; e aumenta a vida útil do ventilador, reduz ruídos e melhora o desempenho do motor
- **Kit Aperfeiçoamento de Controle de Direção** – Novo Controle de Direção Aperfeiçoado, de funcionamento hidráulico, possuindo volante de direção, semelhante ao do CLAnf (substitui os manches da versão atual); aumenta a manobrabilidade e a segurança das operações, reduz a fadiga do operador da viatura, por possibilitar melhor controle de direção; possui componentes encontrados no comércio nacional; a nova estação do operador possui controles de regulador de pressão, controle de transmissão, freio motor de pedal e de mão e dispõe de variados tipos de sensores
- **Sistema Elétrico Aperfeiçoado de 200 Amp** – Sistema com duas baterias de 12 V com capacidade de 100 Amp
- **Substituição das Lagartas pela Diehl System Track 513 aggressive** – Aumento da vida útil do patim (almofada de borracha maior) e da área de contato, proporciona melhor desempenho, redução de vibrações e ruído e das rodas de apoio

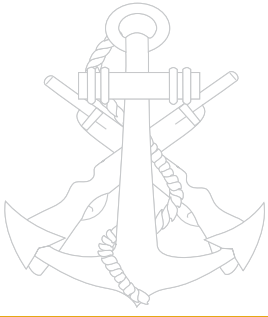
- **Tanques de Combustível Externos** – aumento da autonomia; segurança da tropa em caso de incêndio no interior da Vtr e em caso de avaria, em apenas um tanque, não impede o seu funcionamento
- **Estação de Armamento Platt PLATT MR555 Mod-2 (26)** – Reparo para armamento FN HERSTAL.50 - BROWNING M2HB QCB; LAG 40mm SB-M2 e MAG 7,62mm
- **Ar condicionado**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

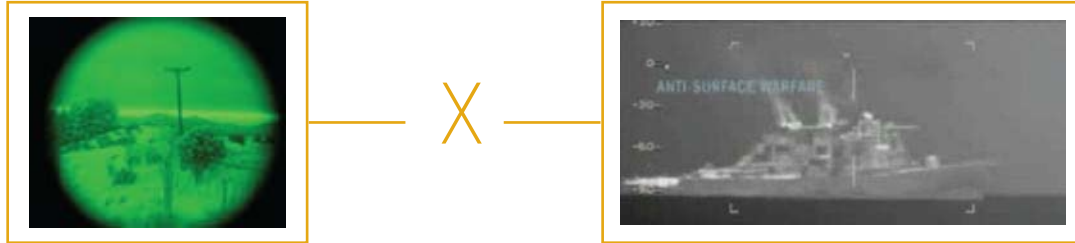
BRASIL. Marinha do Brasil. Batalhão De Blindados de Fuzileiros Navais. **Livro de Estabelecimento**. Portaria nº 283 do Comandante da Marinha. Rio de Janeiro, 2002. v.II.

CASTRO, CMG (RM1) Oswaldo Queiroz de. **Plano de Modernização das VtrBldEsp SL M113A1**. Rio de Janeiro, 2009. Palestra.

1 Fonte: <http://www.defesanet.com.br/afv1/m113.htm>. Matéria do dia 22 de fevereiro de 2008. Acesso em 28 de maio de 2009.



Amplificação de Luz Residual x Imagem Térmica - Um breve descritivo sobre Equipamentos de Visão Noturna



Considerações Iniciais

As doutrinas de operações na guerra moderna dão grande ênfase ao combate noturno. Desta forma, equipamentos de visão noturna (EVN) que possibilitam visão em ambientes pouco iluminados ou sem nenhuma iluminação, de emprego individual ou coletivo, embarcado ou não, constituem-se de elementos essenciais na dotação das tropas sob o ponto de vista estratégico. Por estas possibilidades, as tecnologias dos EVN são reconhecidas como geradoras de assimetria positiva para as Forças que as operam.

O objetivo deste artigo é mostrar as tecnologias atuais em uso na área de EVN e suas principais diferenças, limitações e vantagens.

Os principais tipos de tecnologia de Visão Noturna

Basicamente, os EVN podem ser divididos em duas categorias. Em função da tecnologia que empregam, podem ser de amplificação de luz residual ou imagem térmica.

a) Tecnologia de Amplificação de Luz Residual ou de Intensificação de Imagem

Baseia-se na detecção da radiação visível e no infravermelho próximo refletidos por objetos fracamente iluminados. Os equipamentos baseados nessa tecnologia são empregados principalmente para a observação em condições de luminosidade noturna, em razão da qual ganharam a alcunha de equipamentos de visão noturna. Também são conhecidos pela sua terminologia em inglês: *Night Vision Goggles (NVG)*.

O NVG possui um fotocátodo em sua entrada e uma janela de saída chamada fotoanodo, que são energizados de forma a gerar uma diferença de potencial de alto valor entre esses dois elementos - da ordem de 10.000 mil volts - gerada por circuitos alimentados por baterias comuns, gerando assim um intenso Campo Elétrico. A função desse Campo Elétrico é acelerar a pequena quantidade de

fótons de luz, que chegam colimados pelas lentes de entrada do EVN, pela Placa de Microcanais (*Microchannel Plate*), o principal elemento sensor deste tipo de EVN. Os fótons colimados se deslocam e se chocam nas paredes internas de pequenos tubos filamentosos, os quais compõem a Placa de Microcanais. Esses tubos são revestidos internamente com material fotossensível que, à medida em que ocorrem os choques, amplificam a quantidade de fótons que chegam individualmente. Com a soma das diversas contribuições de cada tubo, os fótons multiplicados se chocam com uma tela fosforescente localizada após a Placa de Microcanais, formando assim a imagem da cena. Nas figuras 1 (a e b), abaixo, pode-se observar a estrutura básica de um EVN desse tipo de tecnologia e uma célula fotomultiplicadora.

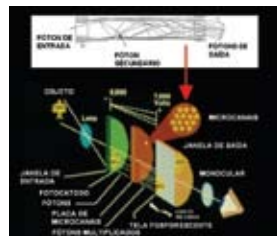


Figura 1a – Esquema Básico de EVN com tecnologia de amplificação de luz residual



Figura 1b – Imagem de um elemento fotomultiplicador e sua placa de microcanais



Figura 2a – Óculos AN-PVS-7D adaptado para capacete



Figura 2b – Visão de EVN com tecnologia de amplificação de luz residual

Nas figuras 2 (a e b), pode-se ver um exemplo de óculos de visão noturna que usa a tecnologia de amplificação de luz residual e sua imagem característica.

b) Tecnologia de Imagem Térmica

Baseia-se na detecção da radiação emitida por corpos quentes. Do ponto de vista físico, todo corpo acima de 0° K (zero grau Kelvin ou -273°C) emite radiação térmica. Os equipamentos de imagem térmica possibilitam, portanto, detectar a radiação emitida por um soldado, pelo motor ou pneu de uma viatura, pelo escape de gases de uma aeronave, ou qualquer outra fonte de calor em um campo de batalha.

A radiação infravermelha é uma forma de radiação eletromagnética com comprimentos de onda na faixa de 0,75 µm até cerca de 1000 µm, situada entre a faixa de microondas e da luz visível. A figura 3 apresenta as diversas faixas de frequência de emissão eletromagnética e a localização da faixa infravermelha.

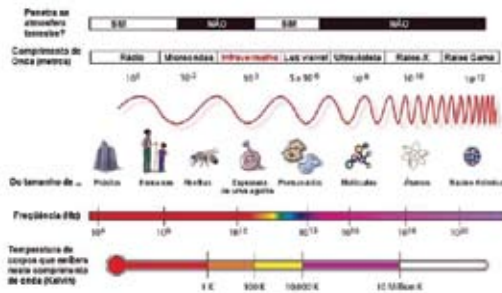


Figura 3 – O espectro eletromagnético e a localização da radiação infravermelha

Os principais detectores infravermelhos são os fotodetectores, nos quais os fótons incidentes são absorvidos pelo material por meio de interações quânticas na estrutura eletrônica. A modificação na configuração dessa estrutura eletrônica (por exemplo, uma variação de corrente) resulta no sinal observado. Os fotodetectores medem a taxa de chegada de partículas e mostram uma dependência da resposta com a unidade de radiação incidente e com o comprimento de onda dessa radiação, ou seja, para diferentes tipos de emissão do cenário, o fotodetector terá um diferente tipo de resposta. Um exemplo de esquema de operação de um fotocondutor pode ser visto na figura 4, abaixo.

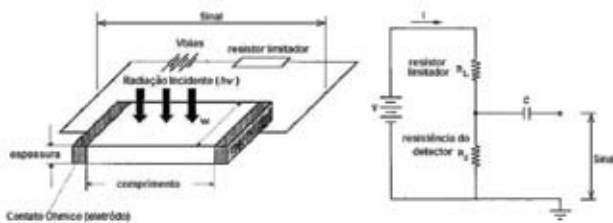


Figura 4 – Esquema de operação de um detector fotocondutor e o circuito de medição da radiação incidente



Figura 5 – Exemplo de imagem gerada por uma câmera termal comercial. Repare a dependência cor x temperatura, onde as áreas mais escuras estão relacionadas às áreas mais frias.

O equipamento mais usual para esse tipo de tecnologia é a câmera infravermelha de visada direta, também conhecida como FLIR (*Forward Looking Infrared*), muito utilizada em alças optrônicas, como a EOS-400/10B das Fragatas Classe “Niterói”.

Na figura 5, podemos ver um exemplo de câmera FLIR comercial e a imagem obtida com a sua respectiva correspondência termal.

Análise Comparativa

Os EVN com Tecnologia de Imagem Térmica apresentam como limitações principais, além da necessidade de refrigeração para funcionarem (nos últimos anos, vem sendo desenvolvidos sensores de imagem térmica que dispensam essa refrigeração, conhecidos também como *uncooled infrared*), o fato de serem mais caros, mais pesados e de montagem mais complexa que os de amplificação residual.

A despeito dessas desvantagens, eles detectam imagens na completa escuridão, não necessitando de qualquer iluminação natural ou artificial, sendo, dessa forma, totalmente passivos. Alguns modelos já podem trabalhar inclusive durante o dia.

Os EVN com Tecnologia de Amplificação de Luz Residual apresentam como limitações principais, a não-funcionalidade à luz do dia, em função da saturação de fótons, podendo provocar inclusive danos a Placa de Microcanais e provocar a inoperância do EVN; a necessidade da presença de alguma radiação residual no cenário de Operação, devido à dependência de alguma fonte luminosa no ambiente. (Alguns EVN utilizam-se de iluminadores infravermelhos acoplados, entretanto, caso o inimigo também possua esse tipo de equipamento, o iluminador será também detectado e denunciado a presença do usuário). E mais susceptibilidade a áreas com neblina, devido à absorção ou ao espalhamento da luz nesses ambientes.

Como vantagens, são equipamentos relativamente mais baratos, mais leves e simples que os equipamentos de imagem térmica não necessitando de refrigeração.

Na figura 6, pode-se observar a diferença na qualidade das imagens geradas por esses diferentes tipos de tecnologias e, inclusive, uma câmera comum na faixa do visível.

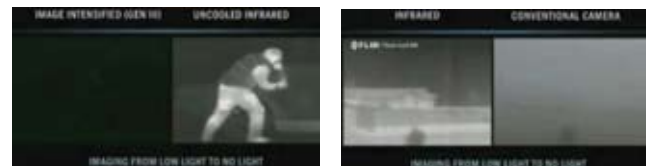


Figura 6 – Comparação de Imagens de Sistemas de Imageamento. a) Sistema de Intensificação de Imagens x Câmera Térmica não refrigerada; e b) Câmera Térmica Refrigerada x Câmera CCTV comum.

Conclusões

A despeito das vantagens e desvantagens de cada tipo de EVN, a utilização de equipamentos dessa natureza é imprescindível para as Forças Armadas. Devido à complexidade de sua construção, o domínio dessas tecnologias só será atingido por meio de investimentos não somente em

aquisição, mas principalmente em pesquisa e fabricação em nosso país.

A partir dessa premissa, ao alcançarmos, de forma plena e satisfatória, a independência do projeto, da fabricação autóctone, da aquisição e do suporte ao usuário final, ou seja, as tropas de Fuzileiros Navais e a Esquadra, permitiremos, assim, o melhor cumprimento das missões navais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCHETTI, C. O espectro infravermelho. Disponível em: <<http://www.las.inpe.br/~cesar/Infrared/espectro.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2010.

FLIR SYSTEMS. Disponível em: <www.flirsystems.com>. Acesso em: 24 jan. 2010.

ISSMAEL JÚNIOR, Ali Kamel. **Estudo, modelamento e simulação das principais figuras de mérito de fotodetectores infravermelhos a poços quânticos**. 2007. 106 f. Monografia (Especialização em Análise do Ambiente Eletromagnético) – Instituto Tecnológico de Aeronáutica, São José dos Campos,

2007. Disponível em: <<http://alikamel.sites.uol.com.br/trabalhos.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2010.

_____. **Generalidades do Espectro Óptico, IR e Laser**. Curso de Especialização em Guerra Eletrônica para Oficiais (C-EXP-GE-OF). Rio de Janeiro: Centro de Adestramento Marques de Leão (CAAML), 2007. Notas de aula.

_____. **Emprego do Espectro Óptico**. Curso de Especialização em Guerra Eletrônica para Oficiais (C-EXP-GE-OF). Rio de Janeiro: Centro de Adestramento Marques de Leão (CAAML), 2007. Notas de aula.

_____. **IR e Laser na Guerra Eletrônica**. Curso de Especialização em Guerra Eletrônica para Oficiais (C-EXP-GE-OF). Rio de Janeiro: Centro de Adestramento Marques de Leão (CAAML), 2007. Notas de aula.

MILITARY INFRARED. Disponível em: <http://www.militaryinfrared.com/AN_PVS_&_Night_Vision_Goggles_SEA.html>. Acesso em: 24 jan. 2010.

RAZ IR INDUSTRIAL. Disponível em: <www.raz-ir.com>. Acesso em: 24 jan. 2010.



CMG (FN-RM1) Marco Antonio Nepomuceno da Costa
nepomuceno7@globocom.com

Entrevista: Embaixador do Brasil no Haiti – Igor Kipman



Sabemos que V.Exa é um profundo conhecedor da realidade haitiana. No quadro atual, além da participação das tropas, qual a contribuição mais expressiva do Brasil para a estabilização política e reconstrução do Haiti?

A participação das tropas é bem conhecida e fundamental para a manutenção de um ambiente de segurança, que permite ao país buscar seu rumo em contexto estável. Para além da participação das tropas, o Brasil e os brasileiros dão inestimável contribuição para a estabilização política e reconstrução do Haiti, principalmente pelo exemplo: um dos maiores contribuintes na Conferência de Doadores de Nova York, em 31 de março passado, o Brasil foi o primeiro país a efetivamente depositar sua contribuição para o Fundo de Reconstrução do Haiti que será gerido pelo Banco Mundial, o que ocorreu em Washington no dia 11 de maio corrente. Além disso, já vinha sendo mantido, antes do terremoto de 12 de janeiro deste ano, um elenco muito importante de projetos de cooperação técnica por meio do qual o Brasil transfere tecnologia e conhecimento aos haitianos em áreas como agricultura, educação, saúde, proteção da mulher, entre outros. O programa de cooperação técnica, gerido pela Agência Brasileira de Cooperação, sofreu, a partir da catástrofe, importante incremento e cobre hoje outras áreas, como formação profissional e treinamento da Polícia Nacional do Haiti.

O fato de o Brasil ter o comando do contingente militar da MINUSTAH desde o início da missão contribui de alguma forma para auxiliar o trabalho da Embaixada Brasileira? A nossa imagem junto à sociedade local é efetivamente positiva?

A imagem do Brasil no Haiti já era positiva, até mesmo antes do advento da MINUSTAH, em 2004. A presença do contingente militar brasileiro no país – o maior contingente militar da MINUSTAH – e o exercício do comando militar da missão só contribuíram para dar maior visibilidade à presença brasileira e aumentar significativamente o respeito, o apreço e o carinho que o povo haitiano nutre em relação ao brasileiro. Para tanto, tem sido fundamental a conduta de nossos soldados, das diversas armas, muito bem sintetizada na frase “braço forte, mão amiga”, que tem norteado o trabalho do contingente brasileiro desde sua chegada no país em junho de 2004. A Embaixada Brasileira tem contado, permanentemente, com a infatigável e sempre pronta resposta dos militares brasileiros quando solicitados. Na verdade, posso afirmar, sem medo de estar exagerando, que a Embaixada do Brasil no Haiti e o Contingente Brasileiro de Força de Paz formam uma parceria imbatível na soma de esforços para trazer dignidade, apoio e desenvolvimento para a nação irmã do Haiti.

Existem críticas a respeito dos caminhos trilhados pela MINUSTAH no processo de estabilização, inclusive críticas provenientes de algumas ONGs brasileiras. Quais são as razões substanciais para acreditarmos que o Haiti está se distanciando dos conflitos do passado e seguindo em direção a um futuro de desenvolvimento pacífico?

Sem querer cair no lugar comum das frases feitas, vou me atrever a dizer que “só erra quem faz”. Críticas sempre haverá a respeito de quem “dá a cara a tapa”... De novo! Frases feitas! Enfim, diferenças de pontos de vista, divergências sobre a conduta, isso é até salutar e contribui para o aperfeiçoamento do trabalho. Infelizmente, muitos dos que criticam desconhecem inteiramente as condições no terreno e assim suas opiniões, algumas vezes, carecem de fundamento. Entretanto, qualquer pessoa que tenha vindo ao Haiti antes de 2004 e observou que não se podia caminhar nas ruas de Bel Air ou Cité Soleil, sob risco de ser vitimado por uma bala perdida em tiroteios entre gangues rivais, que havia ruas onde não era possível trafegar, seja devido a trincheiras abertas pelos criminosos para impedir o acesso de veículos ou até mesmo devido à quantidade de lixo amontoado nas vias públicas, e que hoje visita os mesmos locais, como eu e minha esposa, caminhando tranquilamente pelas ruas e em contato direto com a população, verifica que houve significativa evolução nas condições de segurança do país. Já conseguimos atingir todos os objetivos? Não, claro que não. Ainda falta muito caminho pela frente e o terremoto de 12 de janeiro

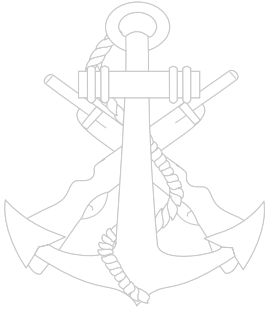
foi um grave retrocesso, mas o povo haitiano é lutador, perseverante e, com nossa ajuda, continuará trabalhando para superar suas limitações e dificuldades.

Recentemente, o Conselho de Segurança da ONU prorrogou, por mais um ano, o mandato da MINUSTAH. A missão já ultrapassou cinco anos de duração e já apresenta resultados visíveis no campo político. V. Exa considera que o Haiti já pode viver em paz sem a presença de nossas tropas? Em que prazo poderemos planejar nosso retorno na vossa opinião?

Se essa pergunta fosse formulada antes de 12 de janeiro deste ano, eu não teria dúvidas em responder que sim, definitivamente poderíamos e deveríamos começar a planejar o retorno das tropas a partir da posse do novo Presidente da República, no início de 2011. Lamentavelmente, o terremoto, um dos maiores desastres naturais da era moderna – uma “catástrofe de dimensões bíblicas”, nas palavras do Chanceler Celso Amorim – modificou radicalmente as necessidades. Hoje a presença das tropas, ainda que continue sendo necessária do ponto de vista da manutenção da segurança, passou a ser mais importante do que antes na condução de atividades como ajuda humanitária, apoio para a recuperação de infraestrutura e viabilização da reconstrução do país, ou, como muito bem coloca o Governo do Haiti, na refundação do país em bases mais seguras, sólidas e autosustentáveis. Assim, não me atrevo hoje a estipular um prazo, pois as tentativas tanto da comunidade internacional quanto do Governo local, para finalizar os projetos de reconstrução, ainda se encontram em curso e qualquer tentativa de estabelecer um prazo ainda seria um exercício de mera adivinhação.

Por fim, gostaríamos de pedir a V.Exa. que fizesse algumas considerações sobre o futuro das relações Brasil - Haiti, depois de concluído o processo de estabilização daquele país.

Com a decisão de integrar a MINUSTAH com o maior contingente militar e assumir o comando de sua vertente militar, o Brasil estreitou enormemente suas relações com o Haiti. Na esteira de tal decisão, houve um incremento exponencial nas relações de cooperação técnica, cultural, educacional, política e religiosa entre os dois países. A presença brasileira no Haiti, militar e civil, deixará marca indelével que não será jamais esquecida. Mesmo após a partida dos militares brasileiros do país, a cooperação terá atingido patamar tão elevado que não creio que haja recuo nas relações. Poderá e deverá certamente ocorrer uma mudança de perfil na cooperação, na medida em que o Haiti galgare os degraus do desenvolvimento sustentável, mas continuará a cooperação fraterna e amigável que já hoje marca o relacionamento bilateral.



CF (FN) Júlio César Franco da Costa
francofn@uol.com.br

CT (FN) Alex Dantas Espírito Santo
espiritofn@yahoo.com.br

CT (AFN) Abraão Azulai de Souza
azulai@hotmail.com

CT (FN) Carlos Eduardo Gonçalves da Silva
Maia - gmaiaclanf@yahoo.com.br

1ºTen (FN) Thiago Ribeiro de Jesus
thiagorj@uninet.com.br

1ºTen (FN) Flávio da Silva Pereira
flavio.pereira@bol.com.br

1ºTen (FN) Eduardo Henrique Cardoso Kuwahara
duencks@hotmail.com

1ºTen (FN) Osman Silva de Albuquerque
osman.albuquerque@gmail.com

Haiti - Experiências do 11º GptOpFuzNav

O ano de 2009 e o início do ano de 2010 nos marcarão para sempre. Foram vários desafios e conquistas profissionais e pessoais recheados de dificuldades e alegrias, vividos em toda sua plenitude.

O período de seleção e preparação do pessoal; os vôos de rodízio; as tarefas diárias extenuantes, rotineiras e, muitas vezes, inopinadas; a adaptação a um país sofrido e repleto de injustiças; as distintas subordinações e requerimentos; o trato com a população local; as dificuldades com o idioma; o afastamento dos lares, o convívio em um mesmo ambiente com os mesmos companheiros por um longo período de tempo e a tragédia que se abateu sobre o Haiti não conseguiram abalar a qualidade dos serviços prestados pela tropa durante o período da missão. Não houve uma só tarefa que deixou de ser cumprida de forma exemplar.

Tudo foi possível graças ao apoio recebido, em todos os níveis, da Cadeia de Comando e, acima de tudo, pelo profissionalismo e a liderança exercida em todos os níveis, o comprometimento, a dedicação, a abnegação, a coragem moral, a cooperação, a camaradagem, a integração e a lealdade que caracterizaram o comportamento e as atitudes dos militares deste Grupamento Operativo.

Além disso, a execução das tarefas foi muito facilitada devido à motivação profissional, baseada nos seguintes aspectos: a competência e a determinação de uma tropa constituída de soldados profissionais; a capacidade expedicionária dos Fuzileiros Navais; a participação em uma missão real representando a Marinha e o Brasil; a atuação destacada das tropas brasileiras e sua representatividade perante a ONU; a possibilidade de aplicação e transmissão do aprendizado ao longo da carreira; e a interoperabilidade entre as Forças Armadas.

Nos trechos a seguir, tentaremos transmitir algumas experiências vividas pelos distintos Componentes do GptOpFuzNav, a fim de demonstrar as peculiaridades de uma missão de manutenção da paz de longo período, em outro país, sob distintas subordinações e com a tropa submetida a um regime de confinamento ao qual ela ainda não havia sido submetida.

Relato do Comandante do GptOpFuzNav, dez dias após o terremoto de 12JAN2010

Além das tarefas rotineiras, estávamos nos preparando para as eleições que ocorreriam no final de fevereiro. Coube ao GptOpFuzNav coordenar e realizar todos os trabalhos da Ilha de La Gonave, ilha na Área de Responsabilidade (AOR) do BRABATT, distante cerca de 50km do porto de Porto Príncipe. Todos os reconhecimentos já haviam sido feitos e a responsabilidade pela Ilha de La Gonave, assumida pelo GptOpFuzNav, ratificava a característica anfíbia de nossa tropa, plenamente apta para ações que envolvem a utilização de meios navais e terrestres.

Provavelmente, as eleições não ocorrerão na data prevista, porém toda a preparação para as mesmas já foi executada. Há, inclusive, uma Ordem de Operação já minutada pelo GptOpFuzNav.

Vivíamos a bordo em um clima de muita tranquilidade, sem esquecer jamais que a missão ainda não havia terminado, apesar de já ter ocorrido o 1º vôo de rodízio e já termos feito nossa cerimônia de despedida do contingente, três dias antes do terremoto.

Depois do terremoto, deixamos de realizar algumas tarefas, pois as instalações desabaram. Também, por enquanto, não estamos realizando a tarefa de apoio à Patrulha Marítima da Polícia Nacional do Haiti (PNH), pois a PNH sofreu baixas e encontra-se, com o que restou de seu efetivo, apoiando a população nas ruas. As operações em conjunto também não têm ocorrido pela conjunção dos fatores anteriormente relacionados.

Durante o terremoto, não tínhamos idéia do que estava acontecendo, pois não sabíamos o que era um terremoto. Foi um grande susto. Quando nos conscientizamos e começamos a perceber a gravidade do que ocorrera, verificamos os danos que a Base havia sofrido e partimos para saber de todos os nossos militares que estavam nas ruas e no Ponto Forte. Ao todo eram trinta e dois militares fora da Base. Todos os grupos possuíam telefones celulares ou rádios militares, entretanto, já não havia sinal de celular e nossas antenas haviam sido derrubadas. Tomadas todas as

providências emergenciais, em cerca de duas horas, conseguimos descobrir que todos os nossos militares estavam bem. Alguns se deslocando para a Base e outros já apoiando algumas pessoas nas ruas e no Ponto Forte 22, do Exército Brasileiro. Faltava o pessoal da Marinha que estava no BRABATT e no EM da MINUSTAH. No início da noite, consegui a informação de que todo pessoal da MB, no Haiti, estava bem. Durante os eventos anteriores, em nenhum momento nossa Base perdeu contato telefônico com o Brasil, feito por meio do sistema de comunicações militares por satélite, o que possibilitou, imediatamente após o terremoto, que todos os nossos militares avisassem suas famílias que estavam bem. Além disso, nenhum dos sistemas vitais da Base sofreu danos, permanecendo funcionando normalmente após o abalo: geradores, sistema de purificação de água e internet. É claro que, nessa noite, dormimos todos no pátio central, ao relento, pois não sabíamos o que poderia acontecer novamente. Durante as primeiras 24 horas após o grande terremoto, sofremos mais de 40 outros pequenos terremotos, sem qualquer dano ou avaria.

Ficou evidente nesse momento, posterior ao terremoto, a necessidade de um equipamento de comunicação veicular, instalado em cada uma de nossas viaturas, semelhante ao utilizado pelos rádio-táxis. Demoramos muito para restabelecer nossas comunicações, não por deficiência de pessoal ou material, mas sim por falta de flexibilidade nos equipamentos disponíveis. Sugerem-se como modelos os seguintes equipamentos: Digital Motorola DGM6100MOTOTRBO™, Rádio Portátil Bidirecional DGP 6150 – Mototrbo, Repetidora Digital Motorola DGR 6175 – Mototrbo. Ressalto que é fundamental que cada uma de nossas viaturas, independente de serem de comunicações, ½ TON TP ou UNIMOG, possuam, integrado ao painel, um equipamento veicular do tipo sugerido, pois oferece praticidade, confiabilidade e permite até localizar o veículo (GPS). Embora tenhamos restabelecido as comunicações prontamente, tivemos muita dificuldade nessa ação e na manutenção das mesmas.

Nós adotamos procedimentos especiais em nossa Base por ocasião de tremores mais violentos, como por exemplo: abandonar os alojamentos, fechar o gás de cozinha, desligar os geradores, concentrar todo pessoal no pátio central para verificação de presença e o pessoal de serviço rodando a Base para avaliar se havia feridos e/ou danos em instalações.

Nosso moral sempre esteve e está elevadíssimo. Não perdemos nada, nem material nem pessoal. Estamos cumprindo nossa missão e reiniciamos o retorno para casa. Foi um grande susto, mas tivemos muita sorte e Deus nos ajudou. O Ponto Forte desabou, mas todos os militares conseguiram escapar dali sem qualquer arranhão. A estrutura e a arquitetura do prédio ajudaram. Na Base, as perdas foram mínimas: três muros e um local de confraternização.

Depois da tragédia, na qual muitas vidas foram perdidas, inclusive no Comando da MINUSTAH e no BRABATT, apareceram novas condicionantes em nossa missão. O Haiti reapareceu na mídia internacional e muitos países

decidiram enviar todo tipo de ajuda ao país. Desde então, além das tarefas que permitem manter um ambiente seguro e estável (patrulhas a pé e motorizadas, *static points*, reconhecimentos, Ações Cívico-Sociais, etc), executamos várias outras relacionadas à ajuda humanitária, entre elas: escolta de comboios de alimentos; segurança de equipes de resgate de diversos países, inclusive do Brasil, para remoção de escombros e busca de sobreviventes; doação de alimentos à diversas comunidades carentes de nossa AOR; escolta da PNH para recolhimento de dinheiro de bancos que desabaram para outras agências que permaneceram intactas; reconhecimentos de portos ao norte do país; segurança de depósitos de alimentos da ONU; e apoio de segurança a distribuições de alimentos realizadas por outras instituições e organismos internacionais.

Nossas maiores dificuldades, atualmente, dizem respeito à quantidade de tarefas a realizar. A fim de manter o mesmo padrão de excelência, que tem caracterizado os Contingentes de Fuzileiros Navais, a tropa tem se desdobrado e se desgastado bastante. São novas tarefas e em grande número. Há que se considerar, ainda, que já havia começado o rodízio das tropas quando ocorreu o terremoto, ou seja, já estávamos completando o sétimo mês de missão. Um fator tem nos ajudado a manter o padrão: não termos, como consequência do terremoto, sofrido qualquer perda de material e pessoal (nem sequer feridos). É, sem dúvida, no momento, nossa maior motivação para encerrar a missão da mesma forma que a iniciamos e regressarmos para nossos lares.

Comenta-se que Porto Príncipe deverá ser reconstruído, ou seja, iniciar do zero. Relembro que as principais instituições governamentais perderam seus integrantes e instalações. Muita ajuda tem chegado ao Haiti, principalmente alimentos e água. Todos os alimentos e água recebidos pelo GptOpFuzNav têm sido distribuídos aos mais necessitados em nossa área de responsabilidade. Além disso, também estamos distribuindo essa ajuda no limite de nossa capacidade de meios. Essa distribuição de alimentos tem sido feita de duas formas, a fim de evitar tumultos e sofrimento para quem necessita:

– Diretamente nas comunidades, empregando pessoal e viaturas do GptOpFuzNav, geralmente de madrugada, quando as comunidades estão ainda dormindo ou despertando, ou seja, estão mais tranquilas e podem ser organizadas mais facilmente, ou

– Por meio de ligação com os diversos líderes comunitários de nossa área, com os quais travamos contato e realizamos ACISO durante o período da missão, para que venham diretamente a nossa Base retirar os alimentos e possam entregá-los em suas comunidades. Ressalto que essa entrega é fiscalizada por nossas patrulhas ou em contato direto com as pessoas da comunidade.

Vale salientar que tudo que é recebido está sendo entregue. Em cerca de uma semana, o GptOpFuzNav doou 10TON de alimentos e 35.000 litros de água engarrafada. Não podemos esquecer que temos, ainda, diversas outras tarefas.

“Em uma missão temos que estar preparados para tudo. Quem esperaria viver um terremoto? Eu esperava viver um confronto, não um terremoto.”

SO-FN-AT Matinho
Miro Rodrigues

Quanto ao sentimento de frustração por não poder ajudar a todos, ele não existe em nossa tropa. Primeiro, porque temos trabalhado na recepção e entrega dos alimentos e, segundo, porque sabemos que tudo que foi recebido, foi doado. Se não fazemos mais é porque está além de nossa capacidade. Os alimentos estão chegando à população, demora um pouco, pois são inúmeros desabrigados, entretanto muitas instituições e organismos internacionais também estão engajados nessa tarefa.

Considero, ainda, que as maiores necessidades da população são: água, alimentos, casa, emprego e saúde (sem qualquer prioridade na sequência elencada). Acredito, também, em uma necessidade urgente de essa mesma população voltar o mais rápido possível a uma situação de normalidade, que já era visível antes do terremoto. Havia pobreza, entretanto percebia-se, claramente, que as pessoas estavam menos infelizes com a vida que levavam. Não se pode esquecer de que Porto Príncipe encontra-se pacificada e isso, graças à atuação das tropas brasileiras desde 2004, o que também é uma questão importante. É necessário que se mantenha o nível de segurança obtido, após muito trabalho de nossas tropas ao longo de mais de cinco anos.

Não há gangues ou indícios de violência nas comunidades. Diria que os casos que têm ocorrido são muito esporádicos e semelhante aos casos que ocorriam antes do terremoto. A situação de segurança está controlada e acredito que a imprensa tem exagerado um pouco quando se refere à violência, saques e ataques a idosos e crianças. Posso afirmar que, até o presente momento, não há registro de qualquer atividade desse tipo em nossa área de responsabilidade e a população tem reconhecido nosso esforço, em fazer chegar as doações recebidas, e tem nos apoiado muito, a despeito da dor e sofrimento a que tem sido submetida. Tudo isso, fruto do trabalho desenvolvido por todos os contingentes brasileiros que passaram pelo Haiti. Fizemos uma doação de alimentos em que fomos aplaudidos pela comunidade local. Os haitianos, a cada dia que passa, surpreendem-nos mais; seja pela esperança, que nunca perdem, ou pelos seus sorrisos, quando percebem nosso respeito, amizade e nossas ações para ajudá-los com o máximo que podemos. Eles sabem, exatamente, com quem podem contar em qualquer momento, especialmente nesse. Estamos com eles, junto deles, desde 2004.”

O Componente de Combate Terrestre XI (CCT XI)

“O exército vitorioso primeiro realiza as condições para a vitória e só depois busca travar a batalha”

SunTzu

O profissionalismo, a união, a seriedade, a compreensão da missão, a preparação séria, uma análise criteriosa e simplificada das situações apresentadas fizeram com que o CCT estivesse sempre pronto para travar todas as batalhas que surgissem nestes sete meses de Haiti.

Para realizar seu trabalho, o CCT foi composto por quatro Pelotões de Fuzileiros Navais (PelFuzNav), os quais

cumpriam um sistema de rodízio de funções, incluindo o Arejamento/Leave. As frações se revezavam em Pel de Serviço no Ponto Forte-09 (PF-09), Pel de escolta e Pel de Reação.

A diversidade e multiplicidade das atividades diárias exigiram muita flexibilidade, profissionalismo e liderança, principalmente, nos pequenos escalões. A união e o entendimento da missão tornaram o trabalho mais fácil e agradável.

O CCT seguiu assim, sem nenhum disparo e sem nenhum confronto, venceu todas as batalhas e cumpriu todas as missões que lhe foram atribuídas. Nenhuma munição foi consumida a não ser durante os adestramentos de tiro.

O respeito e a admiração do povo haitiano ao Soldado Fuzileiro Naval mostraram que o trabalho foi realizado na direção certa. Assim como os outros contingentes, estávamos ajudando a recuperar as esperanças de um povo tão sofrido.

Como prova da satisfação do povo com o trabalho realizado pelos Fuzileiros Navais, foi realizada uma pesquisa de opinião junto à população, cujo resultado foi uma aceitação de mais de 90% em toda a nossa área de responsabilidade.

Honrar o trabalho desenvolvido em cinco anos de Haiti foi o nosso maior desafio. Fizemos tudo aquilo que se espera de um verdadeiro soldado da paz.

A experiência dos Tenentes Comandantes de Pelotão do CCT XI

Muitos foram os ensinamentos colhidos durante o comando de um PelFuzNav em missão real. Ao sermos designados para tal missão, passamos por momentos de ansiedade, tensão e expectativas, principalmente quando sob nossas ordens estavam militares com um pouco mais de experiência profissional e, em sua maioria, com idade superior à nossa. Esse aprendizado foi distinto em cada fase da missão:

Preparação

Nos dias atuais, são poucas as oportunidades para um jovem tenente comandar um PelFuzNav em sua plenitude e o GptOpFuzNav-Haiti permite que isso ocorra. Durante o processo de seleção, passamos pela ansiedade de conhecer quem seriam os nossos futuros comandados, momento no qual paramos para refletir na forma como iríamos tratá-los e que voga iríamos impor, pois tínhamos a certeza de que grande parte do desempenho de nossas frações dependeria de nossas atitudes.

Intentamos conhecer cada militar, tanto profissional como pessoalmente, conhecimento de fundamental importância para seleção dos militares participantes dessa missão real, pois do comportamento de cada um dependia a harmonia do grupo e o bom andamento da missão.



Contudo, nós também éramos constantemente avaliados por nossos superiores e determinadas atitudes do grupo recaíam sobre o nosso estilo de liderança. Esses fatos faziam com que nossa forma de liderar estivesse em uma constante evolução. Acreditamos que a liderança seja um processo cíclico, contínuo e flexível, pois ordens emanadas em algumas situações alcançavam o efeito desejado e em outras não.

Durante a missão

“As palavras convencem, mas só o exemplo arrasta.” – O antigo ditado, tão disseminado no âmbito militar, nunca foi tão bem aplicado na vida de um tenente, pois não há uma maneira melhor de liderar seus militares que não seja pelo exemplo. Os subordinados observarão seu caráter, sua forma de lidar com determinadas situações e, muitas das vezes, tomarão atitudes sem que seja necessário dar uma ordem ou estar presente. Estar à frente do pelotão na execução de determinadas tarefas irá amenizar questionamentos por parte de seus subordinados. Se, ainda assim, essa velha máxima não surtir o efeito desejado, podemos utilizar outro ditado igualmente difundido: “As palavras convencem, o exemplo arrasta, mas só o cajado empurra!”.

O oficial Comandante de Pelotão será responsável pelas ações de sua fração. As decisões partirão dele; as tarefas e a autoridade serão delegadas, diferentemente da responsabilidade, que nunca deverá ser. Assumirá atos feitos por sua fração, mostrando coragem moral e isso influenciará sua integração ao grupo, pois não seremos apenas os mais antigos.

O relacionamento do oficial Comandante de Pelotão com sua fração deverá ser baseado na lealdade e na confiança, sendo importante que ele tenha coragem, iniciativa, humildade, senso de humor, tato, justiça e autoconhecimento. Não obstante, deverá lutar contra a auto-recriminação, se desejar preservar a confiança que necessita ter em si próprio, e a confiança de seus homens, de modo a poder tomar decisões futuras.

Outro aspecto, de fundamental importância para alinhar os pensamentos do oficial com as necessidades do pelotão, é a utilização da figura do Auxiliar, pois este serve como entreposto das idéias, um braço de ligação entre seus pensamentos e a execução das tarefas, que devem ser executadas pelo grupo. É uma constante preocupação do comandante de pelotão com o aprimoramento na execu-

ção das tarefas, adestrando e orientando diariamente, evitando o excesso de confiança, que faz com que procedimentos de segurança sejam sempre reforçados e aprimorados.

A condução da tropa com o padrão de moral aceito diante da sociedade civil haitiana e o comportamento condizente com a de um soldado da paz são alvos de constante monitoramento, pois o contato entre a tropa e a população local é muito próximo. Conforme relatos de militares após o retorno da missão, é notória a frustração devido à impossibilidade de realizar grandes mudanças a curto prazo em um país com tantas dificuldades como o Haiti. O Comandante de Pelotão vive diariamente o dilema do cumprimento da missão, sem expor seu pessoal a essas frustrações, ajudando a população na manutenção de um ambiente seguro e estável.

Ensinaamentos Colhidos

Dentre os ensinamentos colhidos no decorrer de toda a missão, podemos destacar:

- Reforço da liderança dentro das pequenas frações, desde o nível Comandante de Pelotão até o nível Comandante de Esquadra de Tiro. Para isso é primordial o aprimoramento da formação e da educação profissional desses militares, tendo em vista quem, em diversas situações, serão os comandantes de cena de ação e terão que tomar decisões sem tempo hábil para consulta ao escalão superior.
- No que diz respeito aos aspectos sociológicos, fica latente que se o mais antigo conseguir personificar os anseios gerais do grupo, haverá maior facilidade para conduzir seus comandados, porém deve-se ressaltar que o exercício da liderança não pode ser confundido com a idéia de popularidade. Por diversas vezes, pudemos verificar que o grupo tende a ter idéias individualistas com relação a outros grupos; nesse caso, outros pelotões. Cabe ao líder corrigir esse tipo de postura, mesmo que tal atitude acarrete queda de sua aceitação por seus liderados.
- Mudanças de humor devem ser sempre percebidas e analisadas, pois, muitas vezes, essas mudanças de comportamento são reflexo de descontentamento e conflito interno. Tarefas simples, como escalas de serviço, faxina no alojamento e divisão de missões podem provocar, ao longo da missão, desavenças que comprometem o espírito de equipe – quanto mais coesa estiver a fração, mais fácil será perceber as mudanças de humor no grupo.
- Após o terremoto ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, pudemos exercer ainda mais a nossa habilidade, englobando todos os ensinamentos aprendidos no decorrer da missão, para gerenciar a instabilidade presente nas situações vividas, controlando a nossa ansiedade e a dos subordinados diante da tragédia que assolou o país, e buscando minimizar os efeitos da perda de vidas de companheiros do Exército Brasileiro e da população haitiana.

O Componente de Apoio de Serviços ao Combate XI (CASC XI)

Em Porto Príncipe, o GptOpFuzNav está instalado na Base de Fuzileiros Navais Acadêmica Rachel de Queiroz – no Campo Charlie.

Apesar das excelentes e novas instalações que os contingentes anteriores nos deixaram, o CASC do 11º contingente do GptOpFuzNav recebeu o desafio de consolidar as obras em andamento e executar todas as necessárias para que a Base pudesse proporcionar a proteção física do material, a segurança e o bem estar da tropa.

Para que se tenha uma idéia real da importância do CASC no Haiti, citaremos abaixo algumas das inúmeras atividades e tarefas ali realizadas pelos militares de cada destacamento, no período de permanência naquele país (22JUN09 a 05FEV2010):

- conservação do aspecto marinho das instalações da Base;
- apoio de transporte às missões de todos os componentes do GptOpFuzNav;
- manutenção e abastecimento diário de todas as viaturas e geradores;
- aquisição e armazenamento de gêneros alimentícios;
- confecção de quatro refeições diárias para o contingente;
- produção de 50.000 litros de água potável por dia (Estação de Tratamento de Água pelo Sistema de Osmose Reversa);
- segurança das instalações (serviços diários);
- controle patrimonial de todo o material;
- confecção de relatórios (diários, quinzenais, mensais e de fim de comissão)
- manutenção e operação dos sistemas elétrico, hidráulico e de refrigeração da Base;
- aplicação regular do fumacê para o controle de vetores causadores da Malária e da Dengue;
- atendimento médico, remoção de pacientes para hospitais de nível 1 (Hospital Argentino em Porto Príncipe) e nível 2 (na República Dominicana);
- planejamento das Ações Cívico-Social (ACISO) em conjunto com a Seção de Assuntos Cívicos e com o Componente de Combate Terrestre-CCT;
- preparação do material e execução das ACISO;
- ações humanitárias (principalmente após o terremoto do dia 12 de janeiro de 2010);
- preparação de alojamentos para apoiar militares de outras forças (ex: 21 bombeiros do CBMDF que trabalharam no Haiti logo após o terremoto);
- distribuição de água à população em apoio à Seção de Assuntos Cívicos;



- abastecimento diário do Ponto Forte por meio do caminhão Pipa com 5.000 litros de água;
- operação de uma cantina e uma barbearia;
- compras diversas (itens de aplicação imediata);
- recebimento de vôos logísticos;
- repatriação de itens inservíveis ou para reparo no Brasil;
- pequenos consertos, reparos e construções de pequena monta, realizados pela nossa própria prefeitura;
- prontificação da Base para as Inspeções mensais da ONU e para as diversas visitas de autoridades recebidas ao longo dos sete meses de permanência no Haiti;
- auto-escoltas;
- prontidão como Pelotão Reserva do CCT; e
- diversas fainas inopinadas.

CASC executou todas as funções logísticas e o GptOpFuzNav pode cumprir, de forma exemplar e profissional, a sua missão no Haiti.

O GptOpFuzNav-Haiti XI e as Operações Civis-militares

A imposição de uma mudança de postura nas ações realizadas pelo componente militar da MINUSTAH alterou o propósito da missão do GptOpFuzNav, de “garantir um ambiente seguro e estável”; para o de “manter um ambiente seguro e estável”, fato que foi determinante para um aumento significativo dessas Operações Civis-militares.

Cabe ressaltar que esse tipo de operação não contempla ações puramente assistencialistas, na medida em que sua execução é fruto de um planejamento integrado envolvendo, além da Seção de Assuntos Cívicos (S-9), as Seções de Operações (S-3) e de Inteligência (S-2). Para tal, ainda no 10º Contingente, foi constituído o Centro de Operações de Paz (COP), que acolhe essas três Seções de Estado-Maior, visando integrá-las, de forma que a informação seja trabalhada rapidamente e transformada em ações subsequentes.

Assim, após um minucioso levantamento por parte do S-2 acerca dos principais pontos de encontro de gangues e possível aumento dos níveis de violência na AOR do GptOpFuzNav, planejam-se ações coordenadas de frações do Componente de Combate Terrestre (CCT) seguidas por ações cívico-sociais, conduzidas pelo S-9, com o intuito de angariar a confiança e a simpatia da população local. De acordo com o nível de instabilidade presente, essa ação pode se estender por determinados períodos. Cita-se, como exemplo, a distribuição de água potável, que ocorria duas vezes por semana, próximo às principais bases de gangues locais; quais sejam a Base Van Vire e Beco Kameron, ambas localizadas na Comunidade de Delmas, ao sul da AOR do GptOpFuzNav, (nesse tipo de ação, foram distribuídos mais de 400.000 mil litros de água durante a missão).

Outro fator preponderante para o sucesso das Operações Civis-militares é a aproximação com as lideranças locais. Os integrantes do S-9 tomam a iniciativa de estreitar



“No final da tarde do dia 12 de janeiro de 2010 eu estava realizando o que seria a minha última patrulha no Haiti. A sensação que eu tive, era a de estar dentro do mar: os muros e os postes ondulavam e ouvia-se um grito ensurdecedor.”

1T (FN) Eduardo Henrique Cardoso Kuwahara



relações com líderes locais para conhecer as principais necessidades de suas comunidades e tentar ajudar na reconstrução e no estabelecimento da segurança e de serviços essenciais. A falta de apoio das principais lideranças pode produzir efeitos colaterais desfavoráveis às ações desenvolvidas por nossas tropas, podendo, até mesmo, colocar as Operações Cívico-militares como complicadoras ao invés de facilitadoras.

No Haiti, os principais líderes são eleitos pelas comunidades e são denominados Delegués. Durante a missão, foram realizadas reuniões mensais com as principais lideranças, a fim de conscientizá-los sobre a importância de nossas tropas realizarem patrulhas na região além de proverem segurança às suas comunidades, garantindo a esses líderes que as futuras ações cívico-sociais (ACISO) fossem planejadas e executadas com a participação de todos eles.

Diversas Operações Cívico-militares foram conduzidas pelo GptOpFuzNav-Haiti XI, dentre elas, destacaram-se, a ACISO de distribuição de alimentos como a principal e mais complexa de todas, que envolve contatos diversos com as lideranças locais, um prévio reconhecimento e um planejamento detalhado, mobilizando todos os componentes do GptOpFuzNav. No caso do 11º Contingente, essas ações sofreram um acréscimo significativo, tendo em vista a doação de 500 toneladas de leite em pó do governo brasileiro ao Haiti, cabendo, deste montante, à Seção de Assuntos Cívicos, o planejamento da distribuição de 100 toneladas de leite.

Faz-se mister acrescentar que o método de condução desse tipo de ACISO, desenvolvido e aperfeiçoado pelo Corpo de Fuzileiros Navais por meio de seus onze contingentes, é considerado padrão, tendo sido citado como modelo a ser seguido pelos demais países integrantes do Componente Militar, durante o *workshop* de atividades *Civil Military Coordination* (CIMIC), realizado em agosto de 2009 na sede da MINUSTAH.



“O sentimento é de pena e impotência com a miséria devastando aquele lugar.”

2ºSG-FN-IF Renato Lopes Fonseca

Dentre as principais características de uma ACISO de distribuição de alimentos, destacam-se:

- Ambiente fechado com uma entrada e uma saída.
- Impossibilidade de portar armamento no interior do evento, a segurança é provida pelo CCT nas áreas externas à área de distribuição.
- Distribuição prévia de senhas para a população, empregando, além das patrulhas do CCT, as lideranças locais, como forma de controlar a entrada na ACISO.
- Apenas as mulheres podem ocupar lugares na fila, pois possibilitam melhor controle e maior certeza de que o alimento recebido chegará às suas casas. Os homens, ao contrário, são mais propensos a confusões e ainda poderiam vender o alimento recebido.
- Presença da ambulância para atendimento da tropa e da população.
- Larga utilização dos intérpretes, inclusive para animação e atividades lúdicas com crianças.
- Emprego de equipamento de som com microfone e músicas haitianas.
- Utilização de atiradores de precisão ocupando postos de observação.
- Presença do líder local para ajudar a controlar a população.
- Preocupação em mostrar as bandeiras do Brasil, da ONU e do Haiti, utilizando, se possível, os sacos de distribuição personalizados com a bandeira brasileira.
- Apoio de operações psicológicas para distribuição de panfletos com balas grampeadas, mensagens favoráveis às nossas tropas e o número telefônico do disque-denúncia de Porto Príncipe.
- Continuidade do levantamento de dados de Inteligência e cooptação de colaboradores.
- Durante os sete meses em que esteve no Haiti, o GptOpFuzNav XI, por meio da Seção de Assuntos Cívicos, realizou diversas Operações Cívico-militares, levando esperança a cerca de 10.000 famílias.

Grandes foram os resultados alcançados com o emprego das Operações Cívico-militares durante a permanência do 11º Contingente do GptOpFuzNav no Haiti, que se mostrou eficaz e imprescindível nesse tipo de Operação de Paz.

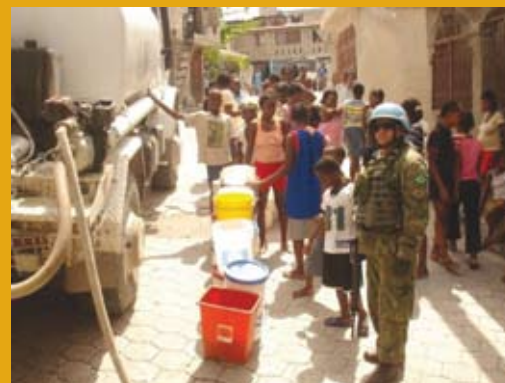
No intuito de aprimorar os conhecimentos já obtidos, otimizando seu emprego, considera-se relevante aprofundar o tema, transformando conhecimentos, lições aprendidas e publicações já existentes em uma doutrina específica para o CFN.

Essa missão nos transformou em soldados mais experientes e em pessoas muito melhores. Ratificou que o maior bem do CFN são os seus combatentes anfíbios.

ADSUMUS!



Reunião com os líderes locais



Distribuição de água potável na "Base Van Viré"



ACISO de distribuição de alimentos



“Hoje o Haiti e o seu povo, mais do que nunca, estão precisando da ajuda de todos os países do mundo, que para isso se propuserem. O Brasil terá, mais uma vez, depositado sobre a sua responsabilidade, a missão de liderar todas as ações para a reconstrução e a devolução, para aquela nação, de um bom lugar para se viver.

O aumento do contingente de militares pelo Brasil no Haiti é um grande sinal de que o país está pronto para continuar o seu trabalho por lá, com fé nos seus objetivos e mostrando toda sua capacidade operacional e humanitária.

Dessa forma, a Marinha do Brasil e os seus Fuzileiros Navais terão que demonstrar todo o seu preparo logístico e de pessoal, pois o momento lá é crítico, devido ao ressurgimento das gangues armadas, formadas por ex-presidiários que escaparam da prisão durante o terremoto, ao grande número de epidemias, entre outras adversidades. Tudo isso, com certeza, será superado com muito trabalho, honra e determinação, pois “devemos estar sempre prontos a cumprir qualquer missão”.

Não podemos deixar que se abata sobre nós a tristeza e a dor pela perda de nossos companheiros de combate, nem que isso esmoreça o nosso brio e determinação. Devemos valorizar e honrar cada gota de sangue, derramada naquele solo, com muito trabalho e dedicação, para que a luta, daqueles que se foram na batalha, não tenha sido em vão.

Eles tombaram por amor à pátria, e é assim que temos que reconhecê-los e lembrá-los sempre, foram heróis.

Devemos mostrar que os Fuzileiros Navais brasileiros são diferenciados, não só por possuírem uma excelente formação técnica/profissional, mas por trazerem consigo um sentimento humanitário de, sempre que possível, melhorar a vida daqueles por onde passam, pois amar ao próximo é uma demonstração de amor à pátria também.

Fuzileiros, sustentar o fogo que a vitória é nossa!”



CMG (FN) Renato de Araujo Leite
renato.araujo@egn.mar.mil.br

1º Simulador Tático de Infantaria a Laser (STIL)

As primeiras experiências envolvendo simuladores táticos ocorreram na Marinha dos EUA na Guerra do Vietnã em 1968. Hoje, a tendência mundial é a criação de Centros de Avaliação e

Adestramento, buscando, no exercício, situações mais próximas da realidade.

Visando a excelência na aplicação das atividades, o Corpo de Fuzileiros Navais adquiriu junto à empresa sueca SAAB, em agosto de 2006, o sistema para simulação BT-47, utilizado em diversas partes do mundo (Fig.1).

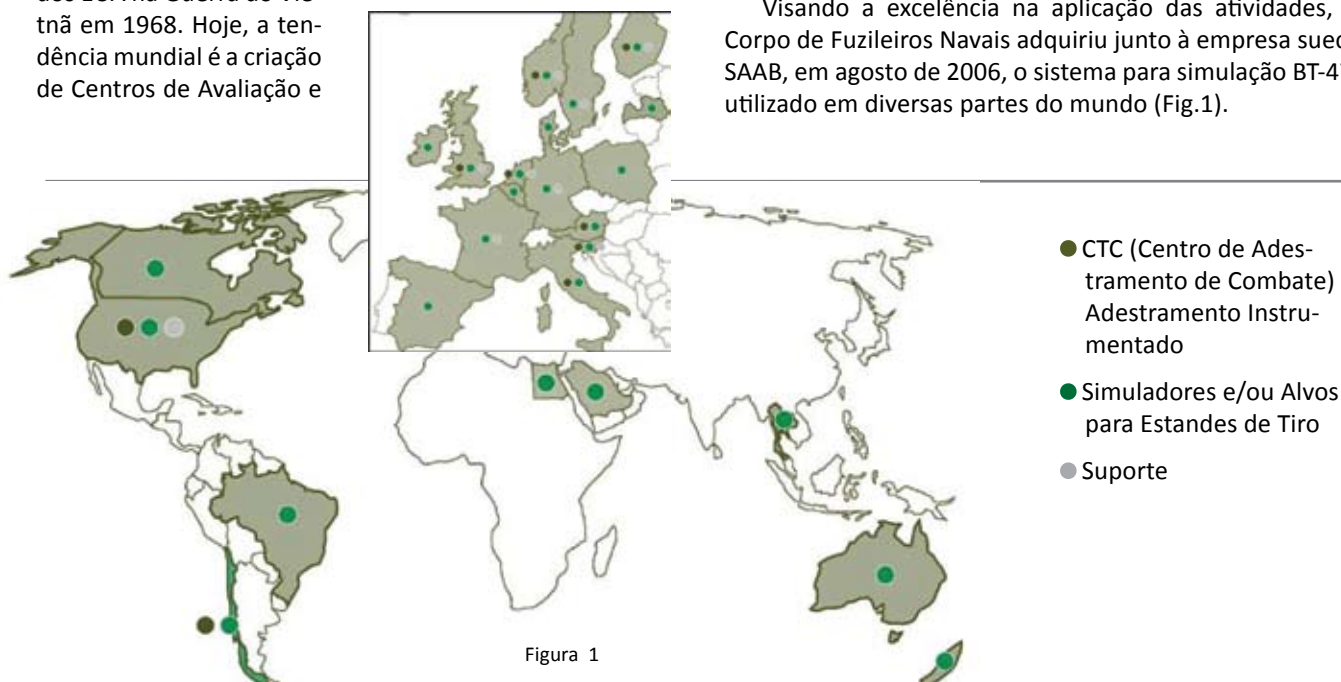


Figura 1

O Simulador Tático de Infantaria a Laser (STIL) está baseado nos simuladores ativos, que proporciona, ao usuário, o realismo necessário no adestramento de sua proficiência para o tiro e para sua destreza operacional no campo em um ambiente tático. Com um sistema de treinamento escalonável e passível de expansão, tem capacidade de ser aumentado em um contexto de treinamento instrumentado. O sistema pode expandir-se em uma gama de possibilidades para emprego em campo aberto e áreas urbanas, com a característica de ser facilmente aperfeiçoado para novas aplicações, de forma a atender futuros requisitos para o treinamento. Podemos citar como exemplos: Ataque coordenado; Defensiva; Operações Militares em Áreas Urbanas (OMAU); Segurança de autoridade; Plano de Segurança Orgânico (PSO); Patrulhas; Resgate de reféns; entre outros.

O STIL visa principalmente ser utilizado na avaliação e aprimoramento das tropas, nas Organizações Militares (OM) ou em áreas específicas, podendo também ser utilizado nos diversos cursos do Sistema de Ensino Naval, proporcionando maior realismo e qualidade às instruções.

O sistema é compatível com o MILES (MILITARY INTEGRATED LASER ENGAGEMENT SYSTEM), utilizado pelos Fuzileiros Navais Norte-Americanos. Pode, ainda, ser acrescido de disparadores para armas coletivas e outros tipos de simuladores, tais como: de granadas de mão, minas terrestres, carros de combate, armamento AC e gases tóxicos (Fig. 2).



Figura 2

Atualmente, o STIL está no Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia (CADIM), sob os cuidados da Divisão de Avaliação Operacional, subordinada ao Departamento de Apoio ao Adestramento. Devido ao êxito alcançado, houve um incremento no apoio ao adestramento das OM operativas do CFN e GruMeC, inclusive expandindo-se para os ambientes urbanos e de selva, configurando o STIL como sendo o marco inicial para a nova estrutura do CADIM, que, em um futuro breve, será um Centro de Avaliação Operacional. Vale dizer, como informação, que o Exército Brasileiro, recentemente, adquiriu o sistema, que foi apresentado no Centro de Adestramento e Avaliação do Exército (CAADEx) por uma equipe do STIL. O Exército Brasileiro utilizava o antigo MILES, versão de 1998.

O STIL permite o aproveitamento das seguintes características:

REALISMO - durante o exercício e, também, na crítica;

REALIMENTAÇÃO - de todos envolvidos;

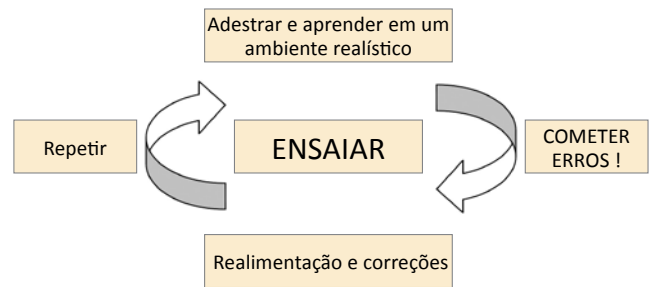
PROGRESSIVIDADE - nos escalões e missões;

MOBILIDADE - facilidade de trocar o equipamento, podendo ser usado com Forças Especiais e com a Brigada desdobrada ou não;

INTERATIVIDADE - em um único exercício, ou seja, ocorrendo real e virtual, simultaneamente; e

DISPONIBILIDADE - produção máxima durante o tempo alocado para o adestramento.

Para se obter um melhor aproveitamento do exercício, por meio da resposta do STIL, sugere-se a seguinte metodologia:



O STIL apresenta a seguinte configuração:

- O sistema divide-se em conjuntos individuais, composto por um PDD (*Personal Detection Device*) e uma cinta de capacete, contendo os sensores, e um disparador a laser específico para o fuzil M-16-A2. As partes que completam o STIL são alinhadores dos disparadores laser, pistola eletrônica especial para o árbitro e um *laptop* que roda o programa PDD-SETUP que grava, processa as interações e gera o relatório de avaliação do adestramento.



Colete, cinta do capacete, disparador, alinhador, baterias e pistola do árbitro

- Seu princípio de funcionamento é o da assinatura eletrônica individual, transmitida por feixe laser de classe I (não nocivo ao homem), cujo sinal pode ser captado por sensores especiais a uma distância de 600 metros. O sinal é processado em um pequeno computador que o transforma em resultado prático das interações, por meio de mensagens de luz e voz. Ao término do adestramento é realizado um *download* desse pequeno computador para o *laptop*, a fim de se gerar um relatório para análise do adestramento.



Geração do relatório de adestramento

- Partes incluídas no PDD:

Vista frontal do PDD Básico (Figura 3)

- 1 – Cinta de Capacete;
- 2 – PIU (*Personal Interface Unit*), incluindo controle de volume e saída para fone de ouvido;
- 3 – Número de identificação (Parte interna do PDD); e
- 4 – Detector de laser.

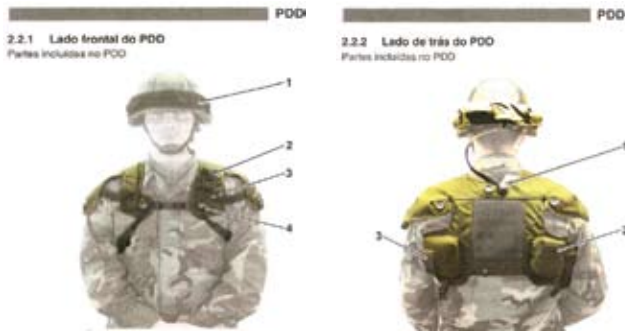


Figura 3

Figura 4

Parte de trás do PDD (Figura 4)

- 1 – Ponto de contato da cinta do capacete;
- 2 – Unidade de Bateria (BU); e
- 3 – Unidade de computador pessoal (PCU).

Transmissor de armamento portátil (SAT)

O *Small Arms Transmitter* (SAT) simula o disparo de armas, sendo ativado pelo disparo de munição de festim, em que o SAT detecta o choque e o clarão no quebra-chamas, e exige que o soldado use um PDD que esteja em um estado “vivo”, uma vez que, em outra situação o SAT não poderá emitir o feixe de luz, mesmo que o militar dispare o festim.

A utilização do festim aumenta o realismo do treinamento.



Aparelho alinhador (SAAD)

O *Small Arms Alignment Device* (SAAD) é instalado na frente do SAT. O combatente através da alça e massa de mira do seu armamento, visualizará um retículo padrão como alvo virtual, fazendo assim o alinhamento correspondente à mira da arma, a fim de aprimorar o adestramento quando for utilizar o equipamento.



Alvo Virtual

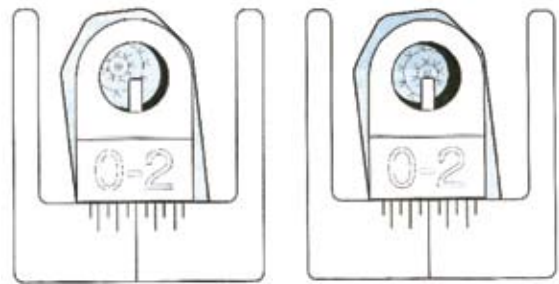
A figura abaixo representa a visão do combatente, quando estiver realizando o alinhamento correto do seu armamento, antes de qualquer adestramento com o STIL.

Caberá a cada militar que participar do treinamento verificar o correto alinhamento do armamento com o disparador SAT, uma vez que, não sendo o armamento corretamente alinhado, poderá levar o militar a não realizar o adestramento dentro dos parâmetros desejáveis.



Retículo padrão “alvo virtual”

Vista da Mira do M16A2



Vista incorreta, antes do alinhamento

Vista correta, depois do alinhamento

Pistola do árbitro (CGUN)

A CGUN SR (*Controller Gun*, a pistola do árbitro de curto alcance) é um equipamento de mão a laser unidirecional. Possui alcance útil de controle de até 40m e serve para controlar os militares durante o transcurso do treinamento. Controlar os militares significa dizer que o árbitro poderá intervir no exercício, podendo “ressuscitar” o militar atingido durante o adestramento.

É composta de:

- 1 – Mira posterior;
- 2 – Indicador de disparo;
- 3 – Tecla (para cima e para baixo);
- 4 – Sensor de luz;
- 5 – Indicador de comando de controle;
- 6 – Interface de infravermelho;
- 7 – Janela de saída do laser e
- 8 – Mira anterior.



Pistola do árbitro (CGUN)

O carregador de baterias é alimentado por um conversor ca/cc para 110V-230V, podendo carregar dois tipos de baterias de íons de lítio, de 1 e de 2 células.



Por meio de um arquivo instalado no computador e a antena WLN, é possível realizar o registro dos militares que participaram do adestramento e, logo após, baixar todos os dados armazenados na PCU dos coletes utilizados pelos militares. Finalmente, gera-se o relatório dos eventos realizados, seja de um militar ou de uma fração de tropa.

Considerações finais

O Sistema proporciona correções de procedimentos com os resultados obtidos. O grau de dificuldade aumentou consideravelmente, elevando o comprometimento do militar no exercício, principalmente em sua conduta.

A utilização do sistema proporciona ao avaliador uma resposta imediata do avaliado ao seu desempenho durante o adestramento.

Pode-se afirmar que foi obtido um grande salto de qualidade em adestramento, comparando-se a avaliação feita nos antigos exercícios com a atual.



CC (FN) Marcio Pragana Patriota
mpragp@yahoo.com.br / patriota@un.org

A Missão das Nações Unidas no Chade e República Centro-Africana - MINURCAT

Introdução

Desde que a região de Darfur, no oeste do Sudão, tornou-se palco de violência desmedida contra civis por parte de grupos armados, o Chade vem recebendo refugiados oriundos daquela área. Este breve artigo visa abordar a situação naquela parte da África e as ações que vem sendo desenvolvidas pelas Nações Unidas em prol de uma solução humanitária para a crise lá existente.

Breve histórico do Chade

O Chade possui uma história muito antiga. Em 2001, um grupo de antropólogos encontrou um crânio a 800 quilômetros ao norte da capital do país, N'Djamena. Análises mostraram que esse crânio pertenceu ao mais velho hominídeo de que se tem notícia. O crânio foi chamado de *Toumai* e estima-se que tenha vivido há 7 milhões de anos.

Outras descobertas levaram à conclusão de que o Chade é uma das moradas mais antigas do homem. Antes das mudanças climáticas que tornaram o Saara um grande deserto, por volta de 7.000 anos a.C., populações compostas por caçadores e fazendeiros do período Neolítico e da Idade do Ferro já habitavam aquela área.

Ao longo de sua história, diversos reinos locais foram estabelecidos e combateram entre si. A religião islâmica chegou à região por volta de 1085. A região denominada Darfur, que hoje é vista nos mapas como parte integrante do Sudão, englobava a porção oeste do Sudão e parte da região leste do Chade, antes que esses países oficialmente existissem.



A região de Darfur era dividida em Darfur Oeste, Norte e Sul, os quais eram governados por diversos sultanatos.

Entre 1897 e 1898, as primeiras tropas francesas chegam à região, comandadas por Emile Gentil. A colonização francesa tem início e apoiou-se principalmente na região sul do Chade, onde se introduziu a cultura do algodão, o cristianismo e escolas com padrão mínimo de educação. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Chade foi a primeira das colônias francesas a juntar-se ao General De Gaulle e às Forças da França Livre, opondo-se à expansão alemã na Europa. O território chadiano também foi usado para operações na Líbia pelo General Leclerc contra o *Afrika Korps*.

Assim como em outras colônias francesas, a independência do Chade ocorreu na década de 60, precisamente em 11 de agosto de 1960. O primeiro presidente foi François Tombalbaye, fundador do Partido Progressista Chadiano (PPT – *Parti Progressiste Tchadien*).

A fim de melhor enfrentar os desafios que a pobreza impunha para alcançar o progresso no país, Tombalbaye decide fazer do PPT, o único partido do Chade, unindo toda a população sob uma única bandeira. A medida gerou insatisfação, a qual, aliada à crise econômica sofrida pelos



países africanos por volta de 1964, levou a revoltas no centro e no leste do Chade em 1967. A pedido do governo, a França interveio, mas nascia naquele momento, no Sudão, um grupo de oposição ao governo, denominado Frente de Libertação Nacional do Chade (Frolinat – *Le Front de Libération Nationale du Tchad*). Além de encontrar-se fora do território do Chade (e, portanto, com certa proteção contra o exército chadiano), esse grupo passou a contar com o apoio do coronel Kadafi, o qual havia tomado o poder na Líbia em 1969. Inicia-se um ciclo de guerras internas no país.

Em 1975, durante um golpe de estado liderado pelo general Félix Malloum, Tombalbaye é morto. Os opositores conseguem retomar o poder entre 1979 e 1982, mas novos combates levam Hissène Habré ao poder. Ele governou entre 1982 e 1990, sendo retirado do poder por Idriss Déby Itno em primeiro de dezembro de 1990. Idriss era, na época, coronel do exército e exercia a função de assessor da presidência para assuntos de defesa e segurança. Ele é o atual presidente do Chade.

Cabe ressaltar que o palco principal da MINURCAT é o Chade, pois o número de refugiados em seu território é esmagadoramente maior que na República Centro-Africana (RCA). Em setembro de 2009, por exemplo, o Escritório das Nações Unidas para Coordenação de Assuntos Humanitários (*United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs - OCHA*) estimava em 324.500 o número de refugiados no Chade, contra 8.885 na RCA. Assim sendo, não serão abordados aspectos históricos desta última.

O surgimento da missão

A crise surgida na região de Darfur em 2003 fez com que os habitantes locais fugissem para onde pudessem encontrar ajuda. O destino óbvio foi a porção leste do Chade, uma vez que os laços sanguíneos entre famílias no oeste do Sudão e no leste do Chade ainda existiam, uma reminiscência da época em que Darfur englobava parte de ambas as áreas. Uma parcela da população também se dirigiu para a região de Birao, na porção norte da RCA.

Essa evasão de pessoas rumo ao Chade gerou grande número de refugiados vivendo em condições miseráveis. As ações de grupos violentos, oriundos do Sudão, na região leste do Chade também geraram a evasão de chadianos para outras regiões no interior do próprio Chade, surgindo as chamadas Pessoas Deslocadas Internamente (*Internally Displaced People - IDP*). Fenômeno semelhante ocorreu na RCA. Segundo números da OCHA de setembro de 2009, o Chade possuía 168.467 IDP, enquanto a RCA, 162.284 pessoas.



A fim de reverter essa situação caótica, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a resolução 1778, de 25 de setembro de 2007, a qual estabeleceu uma presença multidimensional no Chade e na RCA, com o intuito de proporcionar condições de segurança que levem a um retorno voluntário, seguro e sustentável dos refugiados e deslocados a seus locais de origem.

De acordo com a resolução 1778, a presença multidimensional supracitada deveria conter a Missão das Nações Unidas no Chade e na RCA (*Mission des Nations Unies en République centrafricaine et au Tchad*), e o acrônimo MINURCAT seria utilizado em todas as línguas para fazer referência a ela. O mandato da missão deveria englobar tarefas na área de segurança e proteção de civis, direitos humanos, cumprimento às leis e apoio à paz regional.

Tão logo a missão iniciou seus trabalhos, foi estabelecida uma força militar oriunda da União Européia para dar apoio aos demais elementos em campo, como agências humanitárias e organizações não-governamentais (ONG). Essa força, denominada *EUFOR*, permaneceu na missão pelo período de um ano e foi substituída por tropas da ONU em 15 de março de 2009.

O quartel-general da missão se encontra ao leste do Chade, na cidade de Abéché. A capital do país, N'Djamena, encontra-se fora da área de operações e abriga um quartel-general de retaguarda.

Mas como a MINURCAT vem trabalhando para melhorar a situação dos refugiados? Conforme as atividades listadas a seguir, dentre outras:

- mantendo estreita coordenação com a Missão Híbrida das Nações Unidas e União Africana em Darfur (*African Union / United Nations Hybrid Operation in Darfur - UNAMID*), no oeste do Sudão, e com o Escritório de Apoio para o Estabelecimento da Paz na República Centro-Africana (*United Nations Peacebuilding Support Office in the Central African Republic BONUCA*), duas missões vizinhas e interligadas aos mesmos problemas e desafios enfrentados no Chade, pela MINURCAT;
- mantendo ligação com a Força Multinacional da Comunidade Econômica dos Estados da África Central na RCA (*Multinational Force of the Economic Community of Central African States in the Central African Republic - MICOPAX*) e com a Comunidade dos Estados Saheo-Saarianos (*Community of Sahelo-Saharan States - CEN-SAD*) para trocar informações sobre ameaças às atividades humanitárias na região;
- provendo proteção aos campos de refugiados por meio do Destacamento Integrado de Segurança (*Détachement Intégré de Sécurité - DIS*), formado e treinado pela MINURCAT a partir de policiais chadianos;
- contribuindo para o monitoramento e a promoção dos direitos humanos no Chade, com atenção particular à violência e abusos sexuais;
- provendo proteção às populações próximas à fronteira com o Sudão, por meio da presença da Força militar. Neste aspecto, cabe ressaltar que os militares também são, por vezes, empregados para escoltar veículos de agências da ONU e de ONG, contribuindo para a execução de atividades humanitárias por parte delas.

Os Oficiais de Ligação

Ao iniciar suas atividades, a MINURCAT necessitava de militares que estabelecessem contatos com as autoridades civis e militares locais, particularmente no interior do país. Foi estabelecido, então, pela própria resolução 1778, um Grupo de Ligação Militar (*Military Liaison Group - MLG*), composto por 50 oficiais. A estrutura desse grupo vislumbra um Chefe dos Oficiais de Ligação (*Chief Military Liaison Officer - CMLO*), seu Imediato (*Deputy Chief Military Liaison Officer - DCMLO*) e demais Oficiais de Ligação (*Military Liaison Officers - MLO*).

Os Oficiais de Ligação foram divididos em oito Equipes de Ligação (*Military Liaison Teams - MLT*), sendo uma na capital do país, N'Djamena, quatro na porção leste do Chade (localidades de Abéché, Iriba, Farchana e Goz Beida), duas na RCA (na sua capital, Bangui, e na localidade de Birao, próxima à fronteira com o Chade e Sudão) e uma equipe no Sudão, em ligação com a Missão Híbrida das Nações Unidas e União Africana em Darfur (*African Union / United Nations Hybrid Operation in Darfur - UNAMID*).

Resumidamente, os Oficiais de Ligação tem por tarefa toda a coordenação, a seu nível, com as autoridades civis e militares em sua área. Isso implica, por exemplo, em visitas diárias à Coordenação Nacional de Apoio ao Estabelecimento da Força Internacional ao Leste do Chade (*Coordination Nationale d'Appui au Déploiement de La Force Internationale a l'Est du Tchad - CONAFIT*), órgão governamental do Chade para apoio e ligação com a MINURCAT, a fim de coordenar atividades e operações a serem desenvolvidas. Também são realizadas visitas regulares aos representantes locais do governo (prefeito, sub-prefeito, sultão, etc.), visitas às tropas francesas da Operação Épervier (no Chade desde a década de 80), visitas regulares aos chefes militares locais, reuniões com as diversas agências



da ONU operando na região para discutir assuntos relacionados à segurança e trabalhos desenvolvidos, dentre outras atividades. Em cada visita, pode-se coordenar, por exemplo, operações militares a serem desenvolvidas pela MINURCAT, vôos de aeronaves da ONU, ou visitas de autoridades da ONU às diversas regiões.

A resolução 1861 de 30 de abril de 2009 do Conselho de Segurança da ONU reduziu o número de Oficiais de Ligação para 25 militares. Atualmente, o Brasil participa com dois oficiais do Exército (um Major e um Capitão) e um oficial da Marinha (um Capitão-de-Corveta Fuzileiro Naval). Até dezembro de 2009, a Força Aérea participava com um Coronel-Aviador, o qual exerceu a função de Imediato do Grupo de Ligação Militar (DCMLO) e de Chefe interino do grupo (*Acting CMLO*) pelo período total de um ano.

Desde o momento de sua criação até março de 2009, o MLG esteve subordinado diretamente ao Representante Especial do Secretário Geral da ONU (*Special Representative of the Secretary General - SRSG*). Depois dessa data e até o momento em que escrevo este artigo, o MLG encontra-se subordinado ao *Deputy Force Commander* (DFC), segundo em comando da estrutura militar da MINURCAT, e um coronel de Benin apresentou-se para exercer a função de CMLO.

Conclusão

A missão vem superando as dificuldades gradativamente em prol de atingir seus objetivos. No entanto, ainda é incerta a renovação do seu mandato em março de 2010* devido a questões políticas entre a ONU e o governo do Chade. Tudo leva a crer, porém, que a missão continuará, levando esperança às populações refugiadas e deslocadas no Chade e na RCA, uma vez que a saída intempestiva da ONU daquela região poderá levar a uma intensificação dos ataques aos campos de refugiados e, conseqüentemente,

a continuação do cenário de morte e desolação. Existe a intenção de se ampliar a atuação da MINURCAT na porção leste do Chade, por meio do estabelecimento da Força em novas localidades, implicando em novos *Team Sites* para os oficiais de ligação. No entanto, isso ainda se encontra em estudo.

Para aqueles que tiverem a curiosidade de se aprofundar no assunto, recomenda-se a leitura do livro *The Translator*, conforme descrito nas referências bibliográficas. O autor é oriundo daquela região e relata, expondo a visão de quem viveu o problema, o sofrimento das vítimas da crise de Darfur.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARI, Dari. **The Translator**. Penguin Books: London, 2008.
- MANDATO da MINURCAT. Nova Iorque: Conselho de Segurança da ONU, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. Resolução 1778. Nova Iorque, 2007.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. Resolução 1861. Nova Iorque, 2009.
- THE ECOFINANCES GUIDES 2009. Chad: a market and its potential. Paris: Groupe Jeune Afrique, 2009.
- THE UNITED NATIONS REFUGEE AGENCY. IDPs and Refugees in Central and East Africa: september 2009. Nova Iorque: United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, 2009. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/refworld/country,,,,CAF,456d621e2,4ae8115112,0.html>>. Acesso em: 26 dez. 2009.

*O mandato foi renovado até 26 de maio de 2010, com a previsão de uma redução do efetivo militar para 1.900 homens. Esse processo continuaria com novas reduções, até que todo o componente militar da MINURCAT deixe o Chade até dezembro de 2010. No entanto, um novo mandato deve ser elaborado pelas Nações Unidas, o qual deverá definir o futuro da missão ao menos até o final de 2010.



CC (FN) Dirlei Donizette Còdo
dirlei@ciasc.mar.mil.br

A influência das margens dos rios nas OpRib

Com a promulgação da nova Estratégia Nacional de Defesa (END) foram enumeradas diretrizes estratégicas relativas a cada uma das Forças Armadas. Coube à Marinha do Brasil, dentre outras, a tarefa de se fazer mais presente na região da foz do rio Amazonas e nas grandes bacias fluviais do próprio Amazonas e do Paraguai-Paraná, por meio do emprego de navios patrulha, navios de transporte e embarcações de combate.

“O Corpo de Fuzileiros Navais deve consolidar-se como força de caráter expedicionário por excelência e, den-

tre outras tarefas, o CFN tem como papel principal, nas vias fluviais, assegurar o controle das margens durante as operações ribeirinhas.”¹

Como exposto acima, verifica-se que ficou ainda mais patente a preocupação com as operações ribeirinhas, como forma de garantir a soberania brasileira nos rios e, de acordo com a nova END, o CFN contribuirá para a manutenção dessa soberania, garantindo o “controle das margens” dos

¹ Citação da Estratégia Nacional de Defesa promulgada em 17 de dezembro de 2008.

rios. Mas como controlar as margens de rios gigantesco como o Amazonas? Como controlar as margens sinuosas do rio Paraguai? Que influência essas margens têm sobre Operações Ribeirinhas?

Durante o desenvolvimento deste ensaio, serão enunciadas algumas dificuldades para se obter o controle das margens dos rios, quais as influências dessas margens e possíveis soluções para esse problema militar.

Na verdade, a tarefa de controlar as margens é decorrente da influência que as mesmas exercem sobre o rio, sobre o tráfego fluvial civil e sobre determinada Força-Tarefa Ribeirinha (ForTaRib) ora em operações.

Variantes, tais como a largura dos rios, tipo de margens, vegetação adjacente, sinuosidades, curvas acentuadas, ilhas fluviais, elevações justapostas e possíveis ações de grupos adversos a partir dessas margens nortearão este trabalho. A enumeração e a exploração dessas variantes é um dos efeitos desejados, de forma a levantar as possíveis soluções para se contrapor às influências das margens sobre a ForTaRib, verificar a adequabilidade dos meios e tropas existentes, e oferecer uma perspectiva de futuro.

A grandiosidade territorial do Brasil se deve a muitos fatores históricos, mas, certamente, os principais rios brasileiros ofereceram condições favoráveis para a interiorização e, conseqüente, expansão do nosso país. As “bandeiras” e “entradas” se aproveitaram dessas vias de acesso, de tanta importância, para empreender suas expedições e, depois de decorridos mais de quinhentos anos, o rio ainda é o único meio de se chegar a muitas regiões do Brasil. O rio Amazonas é considerado o maior rio em volume d’água do mundo e talvez o maior em extensão também, despertando uma grande cobiça internacional. Já o rio São Francisco, apesar de não possuir as dimensões generosas do Amazonas, foi considerado e batizado como o rio da “integração nacional”. A bacia dos rios Paraguai-Paraná foi palco do maior conflito de que a nossa Marinha participou em todos os tempos e, desde os períodos coloniais, foi e ainda é uma importante rota mercantil “de” e “para” o interior do continente sul americano de cinco países, quais sejam: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Decorrente da importância geopolítica desses e de outros rios e das regiões adjacentes a eles, a nova Estratégia Nacional de Defesa contemplou incrementar a atuação das Forças Armadas neste ambiente operacional. Coube à Marinha a tarefa de se fazer mais presente na foz e na bacia do Amazonas e na bacia dos rios Paraguai-Paraná e, particularmente, ao CFN, foi atribuída a tarefa de “assegurar o controle das margens durante as operações ribeirinhas”.²

Primeiramente, deve-se lembrar que as Operações Ribeirinhas podem ser executadas em dois ambientes operacionais com diferenças importantes: O ambiente amazônico apresenta cursos largos e profundos, tais como o próprio Amazonas, o Madeira, o Solimões e seus afluentes, esses rios são realmente largos, chegando a quase 14 km de uma margem a outra na maior extensão do rio Amazonas, mantendo uma média de largura de 1 a 2 Km, dependendo do regime de chuvas anual. Obviamente que os seus afluentes apresentam dimensões menores e, dessa

forma, assemelham-se mais ao ambiente operacional pantaneiro, onde praticamente só existe o rio Paraguai como a principal calha de rio, destacando também, mas em segundo plano, o rio Paraná e o rio Cuiabá, este último com sua navegabilidade extremamente dependente de um regime de chuvas favorável. Neste ambiente, os rios apresentam largura média de 50 a 200 metros entre as margens. Ainda como diferença entre esses ambientes, observa-se que a vegetação ao longo das margens é bastante densa e homogênea na Amazônia, enquanto que, no Pantanal, a vegetação não é tão densa e apresenta-se mais heterogênea, chegando a completos descampadas cobertos por gramíneas em muitas regiões.

Terminadas as diferenças mais marcantes entre esses ambientes, as margens, propriamente ditas, dos rios desses cenários também apresentam algumas semelhanças, tais como: baixa densidade demográfica, raras elevações de porte debruçadas sobre os rios, sinuosidade da derrota, ilhas fluviais, regiões com margens taludadas e, por muitas vezes, dificuldade de identificação das próprias margens, devido ao avanço dos rios sobre elas nos períodos de grande pluviosidade, criando alagadiços cobertos pela copa das árvores e união das calhas dos rios principais com afluentes e lagos, apresentando assim, um cenário totalmente indistinto, observado tanto nas planícies amazônicas quanto no pantanal mato-grossense e sul mato-grossense.

Durante uma Operação Ribeirinha, executada em um cenário de rios com margens bastante distantes (digamos mais de 2 km entre uma e outra), sabe-se que a influência dessas margens sobre a ForTaRib é pequena, pois essa pode se valer do centro da calha do rio para se manter afastada de ambas as margens; já em cenários com rios mais estreitos, a situação é diferente, e a preocupação com as margens torna-se o pivô de toda a Operação Ribeirinha.

O efeito desejado de assegurar o controle das margens visa manter a soberania brasileira sobre os rios, garantindo o tráfego fluvial e a exploração judiciosa das riquezas dos rios; garantida pelas operações de meios fluviais, de fuzileiros navais e aeronavais, de forma singular ou conjunta com outras forças/órgãos.

Os navios fluviais da Marinha (navios patrulha e navios transporte) são os meios que garantem a permanência da força nas operações, no entanto, esses meios são bastante vulneráveis às ações vindas das margens e às ações aéreas inimigas, em virtude do deslocamento dos mesmos ser, literalmente, canalizado. As margens dos rios oferecerem cobertas e abrigos às forças adversas e há extrema dificuldade de se identificar tais ameaças à ForTaRib e de empreender ações contra elas.

Para ilustrar o raciocínio acima, supõe-se a atuação de uma ForTaRib operando em um rio com largura média de 300 metros, com margens taludadas, e que apresenta vegetação favorável ao homizio de forças adversas. Nesse caso, os navios fluviais estão expostos a inúmeras ações inimigas, tais como: tiros diretos de metralhadoras pesadas (calibre .50"/20mm), armamento/munição/mísseis anti-carro (lança-rojão/AT-4/RPG-7/BILL) ou até mesmo canhões, tiros seletivos de “atiradores de precisão”, que podem buscar qualquer integrante da tripulação, e a execução de tiros indiretos com morteiros ou lançadores de

² Estratégia Nacional de Defesa

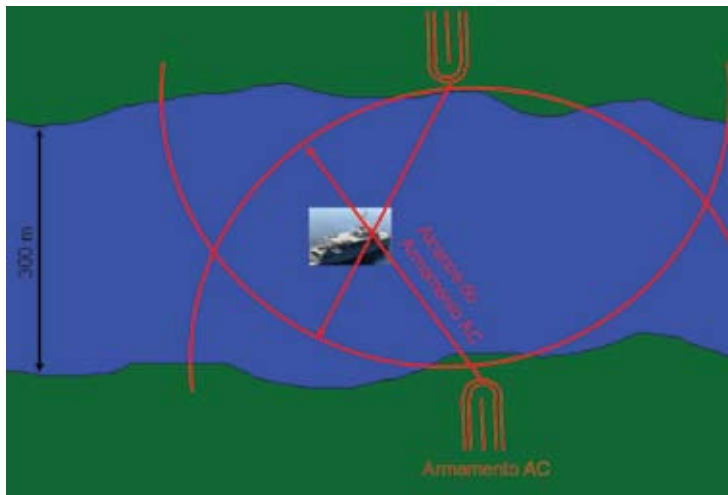


Figura 1 – Navio da ForTaRib sendo atacado das margens com armamento capaz de perfurar blindagem

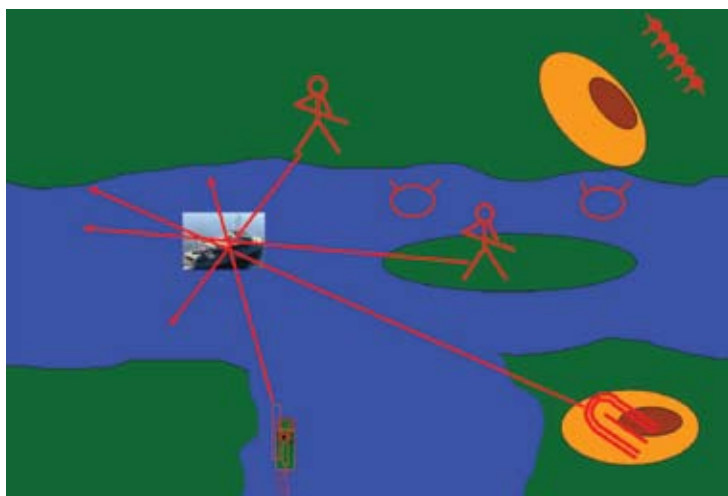


Figura 2 – Navio da ForTaRib sendo atacado a partir de pontos críticos

granada. Apesar da dificuldade de corrigir a execução dos disparos de morteiro, a ForTaRib pode ser alvo de tiros de saturação deste armamento. (Ver figura 1)

Durante o deslocamento da ForTaRib nos rios, é inevitável o aparecimento de pontos de passagem obrigatórios, pontos críticos que ofereçam ainda mais ameaças aos navios, tais como curvas acentuadas, ilhas fluviais, elevações junto às margens e “bocas”³ dos afluentes do rio onde os navios da ForTaRib estão navegando. Esses pontos críticos favorecem e potencializam as ações das forças adversas, pois oferecem comando de vistas e fogos, no caso de elevações debruçadas sobre o rio ou daquelas que estão a uma distância ainda em condições de efetuar e conduzir tiros sobre a ForTaRib. Quanto às curvas acentuadas e ilhas fluviais, as mesmas diminuem ainda mais a distância entre os navios e as potenciais ameaças. Ainda, as curvas acentuadas e as “bocas” de rios afluentes ou quaisquer variantes da calha do rio principal podem oferecer excelentes condições para emboscadas. (Ver figura 2)⁴

Para se contrapor às ameaças supracitadas, já é doutrinário na Marinha o uso de embarcações com tropa de fuzileiros navais embarcada para executar o conhecido

³ Foz de pequenos rios

⁴ Nas figuras 1 e 2 foi utilizado o Método de Integração Terreno Inimigo e Condições Meteorológicas (MITCI)

“batimento de margens”, que provê reconhecimento à frente do corpo principal da ForTaRib, com as tarefas de localizar e neutralizar possíveis ameaças à mesma. No entanto, as embarcações atualmente usadas são as ETT (embarcação de transporte de tropa), que nada mais são do que lanchas de pesca civis com motores de popa de baixa potência pintadas de verde, as mesmas são muito frágeis, não possuem qualquer tipo de armamento ou proteção balística. Também são usadas no ambiente operacional amazônico, as LAR (lanchas de ação rápida), que são fabricadas pela própria Marinha, possuem maior capacidade de transporte de tropa que as ETT e são armadas com uma metralhadora, no entanto, também estão aquém das necessidades requeridas para prover proteção à ForTaRib e assegurar o almejado controle efetivo das margens.

As embarcações de combate que a Marinha deverá dispor para cumprir suas tarefas nas áreas ribeirinhas devem atender a alguns requisitos entre outros: capacidade razoável de transporte de tropas (cerca de 12 fuzileiros navais), blindagem parcial, grande potência para os motores e grande poder de fogo (metralhadoras e lançadores de granadas). Essas embarcações devem fazer parte integrante da ForTaRib e os navios da mesma devem ter capacidade de içá-las ou rebocá-las, de forma que nunca operem isoladamente. Os navios funcionam como suas bases, oferecendo facilidades para a tropa que opera essas embarcações e apoio logístico para as embarcações em si. Desta forma, os navios devem ter a capacidade de reabastecê-las e prover manutenção para as mesmas. Caso essa capacidade não seja desenvolvida, ou seja, mantendo navios e embarcações de combate operando separadamente, a capacidade expedicionária do CFN não será atingida, pois as embarcações não têm a autonomia nem a capacidade de permanência dos navios. A figura 3 ilustra duas embarcações de combate que atendem aos requisitos anteriormente mencionados usadas por outros países.



Figura 3 – Embarcações de combate que atendem aos requisitos levantados neste trabalho

Os navios fluviais, por sua vez, além de possuírem a capacidade de transportar/rebocar e apoiar essas embarcações de combate, deverão possuir características que dificultem as ações inimigas vinda das margens, tais como: eliminar trânsito de militares por partes externas, todo trânsito deve ser feito cobertas abaixo, de forma a evitar que os tripulantes sejam abatidos por fogos oriundos das margens; os navios deverão possuir blindagem adequada nas partes mais sensíveis, tais como o passadiço, tanques de combustível e paióis de munição, entre outras; e a operação dos armamentos orgânicos deve ser remoto, a partir de “casulos” blindados, de forma a se evitar a exposição dos artilheiros. A figura 4 ilustra um navio fluvial que atende aos requisitos anteriormente mencionados usado por outros países.



Figura 4 – Navio Patrulha fluvial colombiano que atende aos requisitos levantados neste trabalho

A soma dos esforços para o desenvolvimento de uma embarcação adequada de navios fluviais que atendam aos requisitos descritos, associada ao emprego de helicópteros e veículos aéreos não tripulados (VANT) para reconhecimento e ataque às margens; o uso de sensores térmicos; imagens satélites; radares de vigilância terrestre; sensores de movimentos; e outros dispositivos tecnológicos que estão no “estado da arte” contribuirão de sobremaneira para diminuir a influência das margens sobre a ForTaRib, criando melhores condições para o cumprimento da tarefa de assegurar o controle das citadas margens.

Finalmente, quando se afirma “controle” das margens, esse dito “controle” pode ser alcançado com o emprego de tropas de fuzileiros navais que desembarcam em pontos críticos e ocupam, desenvolvendo táticas de infantaria, porções do terreno que poderiam facilitar ações contra à ForTaRib. Essa técnica é bastante efetiva, pois se garante a conquista daquela porção de margem, no entanto, ela tem como principal desvantagem, a lentidão inerente à técnica, que preconiza o desembarque nas margens, interiorização, reconhecimento do terreno e possíveis ações



Figura 5 – Técnicas/táticas para emprego das embarcações de combate

contra inimigos presentes; além disso, nesse tempo, teoricamente, a ForTaRib está estática, aguardando o “pronto” da varredura das margens/pontos críticos.

Outra forma de se obter o “controle” pode ser por meio do uso do poder de fogo dos navios, aeronaves e, principalmente, das embarcações de combate, que podem utilizar a técnica de saturação por fogos, intensos metralhamentos das margens/pontos críticos. Contudo a eficácia dessa técnica pode ser questionável, caso o inimigo possua bons abrigos; mas é irrefutável quanto ao fato de que ela é mais dinâmica do que o desembarque em terra. Por vezes, essa será a única forma de se controlar determinadas regiões; mais particularmente as regiões com vegetação bastante densa e alagadiços de grandes proporções, regiões estas que no caso de desembarque de tropas, as mesmas executariam deslocamentos muito lentos, devido à dificuldade de interiorização, o que, conseqüentemente, acarretaria na estagnação da ForTaRib.

Para a utilização dessa técnica, o requisito adestramento é elevado, pois a coordenação entre as embarcações de combate deve ser altíssima, de forma a se ganhar emasamento de fogos sobre o inimigo e se evitar o fratricídio. (Ver figura 5)

Conclusão

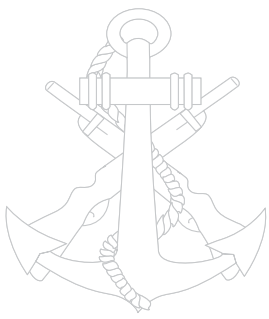
Devido aos fatos mencionados, sabe-se que o Corpo de Fuzileiros Navais tem um longo desafio a ser vencido para obter e adequar meios, além de desenvolver técnicas e táticas que garantam o cumprimento da tarefa atribuída pela END de assegurar o controle das margens em Operações Ribeirinhas.

É claro que comprar meios e implementar técnicas/táticas já utilizadas por outros países pode não ser a melhor solução para o Brasil, pois a realidade do cenário de defesa do nosso país é única. No entanto, sabe-se que os meios disponíveis da MB para a defesa dos ambientes amazônico e pantaneiro, na atualidade, são obsoletos e insuficientes, até mesmo os efetivos alocados para essas regiões estão aquém do necessário.

Sugere-se um estudo detalhado sobre este assunto, verificando os requisitos mencionados neste trabalho e outros a serem levantados. Este estudo não deve centralizar-se somente no âmbito do CFN, deve abranger todos os setores da MB, particularmente o que conduzirá os navios fluviais, os quais servirão de base para as futuras embarcações de combate operadas por fuzileiros navais e que garantirão a soberania do Brasil em nossos rios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando de Operações Navais. **ComOpNav-543**: manual de Operações Ribeirinhas. Rio de Janeiro, 2005.
- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-2500**: manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2005.



Aspirante Guilherme Ferreira Murmel Liali
ancorasefuzis@gmail.com

Fuzis *Bullpup* e o futuro do armamento individual

A incessante busca por armamento individual cada vez mais leve, eficiente e versátil, acompanhando os novos requisitos de mobilidade e versatilidade do emprego de forças terrestres exacerbado, principalmente, com o fim da guerra fria e o advento do mundo multipolar teve como um de seus maiores expoentes o surgimento deste interessante *design*, que extrapola os ditos fuzis de assalto, encontrando aplicação em sub-metralhadoras (como a FN P-90), fuzis de precisão (*sniper*) e inclusive metralhadoras e lança-granadas. Além disso, tais sistemas de armas, que compreendem fuzis *bullpup* e diversos periféricos (lunetas, miras-laser, lanternas) padronizados para trilhos Picatinny (STANAG 1913) fazem parte de diversos programas de “modernização do soldado”, que visam elevar as capacidades, trazendo, em nível individual ou de pequenas frações, o combatente terrestre ao ambiente de informações em tempo real e guerra centrada em redes (NCW, *network centered warfare*).

Configuração básica

A palavra-chave da configuração *bullpup* é “compacta” assim, no intuito de reduzir o peso e o comprimento do armamento, sem, contudo, reduzir o comprimento do cano e, conseqüentemente, a velocidade inicial e poder de parada do projétil; o conjunto empunhadura-gatilho foi levado à frente da culatra e do carregador, com a coronha substituída por uma soleira atrás da caixa da culatra. Tal configuração traz o mecanismo de disparo e provisões para miras e dispositivos óticos para perto do rosto do atirador, permitindo um menor comprimento total do armamento. Devido à ausência de coronha, as miras normalmente são montadas numa posição elevada e empunhaduras extras podem ser instaladas no guarda-mão para melhor manuseio do fuzil. O uso de materiais compostos (fibras e plásticos) no invólucro, inclusive com carregadores translúcidos, que permitem um melhor controle da munição restante, contribui ainda mais para a redução do peso.



Histórico do desenvolvimento

Durante o início do século XX, época de fuzis clássicos, cujo design impressiona até hoje, como o *Mauser M-98*, *m-1 GARANT* e *STG-44*, a Inglaterra já dava os primeiros passos no desenvolvimento de *bullpup*, apesar da histórica aversão dos estadunidenses a essa configuração, que irá manifestar-se posteriormente.

Já em 1902, um engenheiro inglês, J.B Thorneycroft, apresentou um fuzil *bullpup* de ação manual no ferrolho (sistema-padrão na época), chegando a ser avaliado pelo *Small Arms Committee*, contudo, o interesse se esvaiu já em 1903.

No início de 1944 começaram os trabalhos em um novo

fuzil sniper de configuração *bullpup*, o *SREM-1 (Sniper Rifle Experimental Model 1)*. Seu desenho apresentava um ferrolho movendo-se num curso inclinado 12 graus para baixo em relação ao cano, com a própria empunhadura funcionando como alavanca de manejo do ferrolho. Seu projeto foi abandonado em 1945, quando a prioridade do desenvolvimento de fuzis passou para as armas alimentadas por carregadores.

Essas empreitadas iniciais culminaram, em 1952, no projeto inglês *Enfield EM-2* que, contudo, foi desfavorecido nas provas em *Aberdeen* por ocasião da seleção de um novo fuzil para os países da OTAN. Algum interesse pelo design conseguiu cruzar o canal da mancha, e na Bélgica, sede da *FN Herstal* (fabricante original do *FAL*), um engenheiro francês da empresa produziu um protótipo de carabina *bullpup*, mas a iniciativa foi logo cancelada pelo diretor-geral da FN, talvez em favor do próprio *FAL*, que já se mostrava um produto promissor. Curiosamente, em 1949, durante o desenvolvimento do *FAL*, uma versão *bullpup* foi proposta, versão esta que conservava o mesmo mecanismo de operação, mas como todas as armas de mesma configuração da época, seu projeto não foi adiante. Assim, engenheiros franceses assimilaram as tecnologias envolvidas e produziram seu próprio fuzil *bullpup*, o *FAMAS (fusil automatique, manufacture d'armes de St Etienne)*, que entrou em serviço em 1979 e é, atualmente, a arma-padrão das forças terrestres francesas.



Fuzil *Enfield EM-2*, precursor da atual geração de *bullpups*. Notar a tecla de liberação do carregador, semelhante à do *FN FAL*

Do mesmo modo, a firma austríaca *Steyr*, usando um sistema de ferrolho rotativo, configuração herdada do *EM-2* e algumas inovações, como o uso de materiais compostos, colocou em serviço o *AUG (Armee Universal Gewehr, fuzil universal do exército)* em 1977, que, denominado localmente de *STG-77 (Sturmgewehr, fuzil de assalto)*, tornou-se um dos mais famosos e difundidos fuzis *bullpup*.



O FAMAS, cujo desenvolvimento remonta das experiências da FN no campo de bullpups. Acima está a versão A1, um modelo intermediário até a entrada de serviço do FAMAS G2. Notar o carregador exclusivo de 25 tiros. Abaixo, a versão G2, compatível com carregadores padrão M-16, possuindo um guarda-mão de maiores dimensões.



O Steyr AUG, primeiro fuzil bullpup a entrar em serviço no ocidente, em 1977. Acima a versão A1, sem trilhos Picatinny e com luneta fixa de 1,5x. Notar o corpo da arma, de material composto, bem como o carregador translúcido, para melhor controle da munição. Abaixo, a versão HAR, metralhadora leve, e abaixo a mais nova versão A3, que incorpora guarda-mão e trilhos Picatinny.



O Brasil também tomou parte nesse desenvolvimento, durante os anos de 1978 a 1983, com o projeto do LAPA FA-3, apresentando inovações como o design *bullpup* e um sistema de ação dupla de disparo, semelhante ao das modernas pistolas.

Características dos fuzis *bullpup*

Visualmente, percebe-se facilmente as reduzidas dimensões de um *bullpup* em relação a um congêneres convencional; por exemplo, um Steyr AUG é cerca de 30cm mais curto que um M-16A2, ora em uso pelo Corpo de Fuzileiros Navais Brasileiro. O extenso uso de fibras e plásticos nos invólucros, reservando a fabricação em aço estampado/usinado a certos componentes do mecanismo de disparo, proporciona uma considerável redução de peso, permitindo a adição de uma gama maior de periféricos para um peso total compatível com um modelo convencional.

Outra importantíssima característica apresentada por essa configuração: o equilíbrio. O balanceamento do peso ao redor da empunhadura permite uma melhor precisão de tiro, principalmente em relação àqueles que figuram como versões de coronha retrátil de fuzis convencionais, como o próprio Para-FAL, onde a concentração de peso

não balanceado pela leve coronha rebatível é facilmente visualizada. Outro avanço inaugurado por esse tipo de armamento, apesar de ainda não estar presente em todos os modelos existentes, é a possibilidade de operação ambidestra, baseada na inversão da janela de ejeção com relativa facilidade. Um caso extremo é o do FN F2000, em que a ejeção é para frente, longe do rosto do operador.



O FN F2000 é um moderno conceito que alia todas as características de um fuzil *bullpup* com especial atenção à ergonomia, inclusive com operação ambidestra assegurada com a ejeção do cartucho para frente, por uma janela localizada próximo à boca do cano. Notar os vários periféricos dedicados, bem como o trilho Picatinny acima da alavanca de manejo.

Em geral, os fuzis *bullpup* possuem concepção moderna, principalmente no tocante à ergonomia de empunhaduras, guarda-mão, conjunto de miras e apoio para o rosto, bem como pela possibilidade de customização mediante a instalação de vários trilhos Picatinny, conexões padronizadas para uma miríade de periféricos, de miras e lanternas a lançadores de granadas e módulos não-letais, levando a modularidade a um novo estágio, de tal modo que um mesmo mecanismo de disparo pode dar origem a toda uma família de armas, de carabinas e sub-metralhadoras (PDW, *Personal Defense Weapons*) para proteção individual, até armas coletivas, como metralhadoras.



O L-85/SA-80 (acima) é a arma-padrão das tropas terrestres britânicas. Em sua versão A1, destinada às tropas de 1ª linha, dotada de luneta SUSAT de 4x. Sua versão A2, contudo, possui miras mecânicas comuns e trilhos padronizados. Abaixo está a carabina L-22, que equipa as guarnições do Royal Armoured Corps. Notar a luneta SUSAT e a empunhadura extra fixada num trilho Picatinny.

Contudo, tais sistemas de armas não são bem aceitos por vários operadores, com exemplo significativo das forças armadas dos Estados Unidos da América (EUA). Figuram entre as alegadas desvantagens do design *bullpup*: a proximidade do rosto do atirador à caixa da culatra e o excessivo ruído ao qual esse estaria exposto, além do risco potencial de algum tipo de acidente de tiro que possa vir a ferir o atirador. As maiores resistências à adoção desses fuzis, contudo, residem numa possível dificuldade de manuseio por parte do operador: o comprimento reduzido do guarda-mão, a ausência de coronha e a montagem elevada das miras devido a sua proximidade com o rosto, levaria a uma maior exposição do atirador quando atirando

de posição coberta. Desse modo, o atirador teria que expor uma silhueta maior para efetuar disparos, o que seria particularmente relevante num cenário de combate urbano (“close quarter combat”, cqc na terminologia estadunidense). Assim sendo, as Forças Armadas norte-americanas planejam substituir uma miríade de armas individuais por dois modelos de fuzis, ambos de configuração convencional: o FN SCAR (*Special Capability Assault Rifle*) MK-16 e MK-17, para suas forças especiais, e o ainda não adotado XM-8 para as tropas regulares. O FN SCAR, ao contrário do outro, possui um mecanismo de disparo totalmente novo semelhante ao da FN MINIMI. Ele possui três configurações de cano e dois calibres, o 5,56x45mm e o 7.62x51mm, com provisões também para o 7.62x39mm russo, que podem ser configurados em poucos minutos com o mínimo de ferramentas, enquanto o XM-8, mais convencional, de calibre único (5.56x45mm) também possuiria versões com vários comprimentos de cano, desde carabina até metralhadora com cano mais resistente, bipé e alimentada por cinta.



O XM-8, parte do programa OICW Increment 1 surgiu da divisão do SABR XM-29 em arma cinética (fuzil) e lança-granadas. O programa passou por uma revisão, com novos concorrentes passando a competir para a substituição da família M-16/M-4 nas forças armadas estadunidenses.



O XM-29 SABR, que seria parte do programa “Land Warrior”, congregava um fuzil derivado do HK G-36, um lançador de granadas de 25mm com munição inteligente, computador de tiro e lunetas especiais. Ao lado, o XM-25, que, como o XM-8, deriva do SABR. Notar o *layout bullpup* em um lançador de granadas, bem como a operação ambidestra.



O FN SCAR, que dotará as forças especiais dos EUA, apesar de possuir *design* convencional, possui várias características únicas, dentre as quais a possibilidade de trocar-se o calibre da arma para emprego diverso. Acima, o SCAR-L (*light*), no calibre 5.56x45mm, e abaixo o SCAR-H (*heavy*), no calibre 7.62x51mm, bem como sua versão *sniper/designated marksman*, ao lado.



Outra forte alternativa aos *bullpups* materializa-se no HK G-36. Assimilando a tecnologia do ferrolho rotativo e seu aperfeiçoamento, foi desenvolvido esse interessante fuzil que, com seu *design* convencional, reúne todas as tecnologias de ponta presentes nos seus congêneres *bullpups*, desde várias versões, de carabina destinada a forças especiais até fuzis de precisão e metralhadoras, bem como provisões para vários periféricos através de trilhos Picatinny. As excelentes características do G-36, considerado por algumas fontes como o melhor fuzil do mundo, são corroboradas pela sua adoção como base para o programa do fuzil XM-8, que substituiria inclusive a família M-16 nas tropas regulares dos EUA e para o mal fadado XM-29 SABR, que seria a base do programa *Land Warrior*. Contudo, o projeto foi cancelado. Assim o G-36 figura como uma opção avançada e confiável de um fuzil de *design* convencional, indo ao encontro dos requisitos dos EUA e, conseqüentemente podendo acessar mercados influenciados por estes.

Bullpups e convencionais ao redor do mundo

O intervalo temporal entre as primeiras iniciativas no campo dos fuzis *bullpup* até a entrada em serviço dos precursores dessa nova classe, em meados dos anos de 1970, pode ser atribuído, além de questões políticas e econômicas, notadamente o *lobby* em torno da família M-16/M-4, praticado pelos EUA, às dificuldades, em termos industriais, de integrar partes metálicas dos mecanismos de disparo e outros itens com componentes de materiais compostos, como invólucros, guarda-mão, soleira e empunhadura, o que ia de encontro à premissa dessas armas de redução de peso. Os processos industriais necessitaram de tempo para produzir componentes que conferissem a precisão e durabilidade comparável com as armas de construção convencional, com extenso uso de componentes metálicos. Além disso, a busca pelo aperfeiçoamento de mecanismos de operação, notadamente o ferrolho rotativo de sete ressaltos do M-16/AR-15 para adaptar-se a esse novo *design*, também levou a uma demora na prontificação dos programas de fuzis *bullpup*; exemplo disso é o FAMES, que utiliza um sistema de *blowback* retardado (*delayed blowback*) derivado da metralhadora AA52.

É inegável que os fuzis *bullpup* estão se difundindo ao redor do mundo. A maioria das grandes fabricantes já colocou modelos em serviço, porém, percebe-se que mesmo assim, muitas não abandonaram os fuzis convencionais, ainda bastante populares.

Conclusão

A evolução do armamento individual teve várias expressões: famílias de armas com diferentes empregos, baseadas num mesmo *layout* de mecanismo de disparo; fuzis com configurações intercambiáveis de cano e calibre; variedade de periféricos para trilhos padronizados, permitindo vasta customização do armamento para diferentes ope-



O SAR-21, desenvolvido para as forças armadas de Singapura. Essa versão inicial possui mira de 1,5x, com *backup* convencional acima desta, não possuindo provisões para operação ambidestra. Em sua versão RIS (Rail Interface System), possui trilhos acima e abaixo do guarda-mão, permitindo a integração de vários periféricos, como lunetas e lança-granadas.

radores; e, finalmente, os fuzis de configuração *bullpup*, que dispõe das modernas características anteriormente citadas em armas de comprimento e peso relativamente menores, além de uma natural evolução na robustez e confiabilidade. Apesar da relutância dos EUA em sua adoção e de um longo processo de desenvolvimento por que passaram, desde as tentativas iniciais até a maturação nos anos 70 e 80, esses fuzis estarão equipando forças especiais, tropas regulares, guarnições de blindados e helicóp-



A família de armas Tavor, produzidas pela IWI israelense, é um ótimo exemplo do avanço atingido pelos fuzis *bullpup*. Pode-se observar várias versões baseadas no mesmo *design*, bem como a expressiva redução do comprimento total das armas. Recentemente, durante a feira LAAD, foi anunciada uma parceria com a empresa Taurus para a produção sob licença da família Tavor no Brasil.



CMG (RM1) Fernando Lessa Gomes
flg_snipers@yahoo.com.br

A importância de atirar bem e do treinamento a custo reduzido

“No tiro real não há vencedor classificado em 2º lugar”.
Jeff Cooper

A necessidade de atirar bem e equipamentos para treinamento

Todo salva-vidas tem que nadar bem, ninguém discute, senão não seria salva-vidas. Raciocínio análogo, os que abraçaram a profissão militar e os que desempenham funções na área da segurança pública têm que atirar bem. Essa capacidade, para muitos inata, pode ser trabalhada e aperfeiçoada, transformando-se numa verdadeira habilidade, que será intrínseca a cada um.

A forma de desenvolver essa habilidade inicia com o aprendizado dos fundamentos e algumas técnicas: Postura, Posição Natural de Pontaria, Empunhadura, Visada, Controle da Respiração, Acionamento do Gatilho, “Retrato

teros e forças policiais ao redor do mundo, assinalando um novo rumo para o armamento individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLANCY, Tom. **Marine**: a guided tour of a marine expeditionary unit. New York: Berkley Books, 1996.

SISTEMADEARMAS. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 12 fev. 2010

ARMY TECHNOLOGY. Disponível em: <<http://www.army-technology.com>> Acesso em: 17 fev. 2010.

STEYRARMS. Disponível em: <<http://www.steyrarms.com>>. Acesso em: 03 mar. 2010

HECKLER-KOCH. Disponível em: <<http://www.heckler-koch.de>>. Acesso em: 03 mar. 2010.

THE BRITISH ARMY. Disponível em: <<http://www.army.mod.uk/equipment/support-weapons/1458.aspx>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

EHRHART, Thomas P. Major. **US Army**: increasing small arms lethality in Afghanistan: taking back the infantry half-kilometer. Kansas: School of Advanced Military Studies (United States Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth), 2009.

das Miras”, Acompanhamento pós-tiro ou *Follow Through* e, conseqüentemente, o Domínio da Arma. Só então é que o atirador irá se aprofundar em técnicas mais avançadas do tiro de precisão e do tiro instintivo. Assimilados os fundamentos e técnicas, a pessoa deverá praticar permanentemente, por ser essa a única forma de assegurar o bom desempenho e o seu aperfeiçoamento no tiro. Por princípio, os treinamentos devem ser feitos sob orientação de instrutor qualificado, visando possibilitar a correção de eventuais erros, melhores avaliações do desempenho e o contínuo aperfeiçoamento do atirador.

Realizar o tiro com domínio da arma deve ser uma coisa totalmente natural, assim como é beber um copo d’água. Ninguém precisa raciocinar para acertar o copo na própria boca, pois todos os movimentos estão sistematizados e condicionados. Igualmente, a pessoa deve ser ensinada e condicionada a atirar de uma forma natural, condicionando sua memória muscular de tal forma que não precise se esforçar mentalmente para usar a boa técnica. Pelas razões peculiares do confronto, ela deverá acertar o alvo

tão rápido quanto possível, já que se espera que o inimigo também vá atirar. A precisão e a fração de segundo a mais ou a menos para disparar podem significar a vida, a incapacitação ou a morte, sua ou do inimigo. O treinamento de qualidade, portanto, é que vai fazer a diferença, possibilitando ao atirador aperfeiçoar sua precisão e diminuir o tempo para realizar sucessivos disparos, sempre com a confiança de acertar.

Nosso dia-a-dia mostra como é escassa a disponibilidade de tempo para se conseguir manter o treinamento dos atiradores e que existem várias outras dificuldades a serem enfrentadas. As mais comuns são a existência de poucos estandes; localizações distantes; poucos postos de tiro para grande quantidade de usuários; eventualmente, más condições meteorológicas; equipamentos avariados; falta de instrutores qualificados e, como se não bastasse, a questão das baixas dotações de munição e seu elevado custo. Como resolver tudo isso?

Não é de hoje que essas questões vêm atormentando as autoridades das Forças Armadas (FFAA) e das instituições de segurança pública de grande número de países, levando-os a buscar alternativas para minimizar o problema. Assim é que foram desenvolvidos os mais diversos equipamentos, armas e munições especiais para treinamento de tiro. Tudo começou com a invenção do armeiro italiano Bartolomeo Girardoni em 1870, de um inovador rifle de ar comprimido que, pela energia do projétil, foi utilizado como arma de guerra pelo exército austríaco em pelo menos dois conflitos, contra a Turquia e a Prússia.



Rifle Girardoni, em que uma única carga de ar comprimido na coronha lhe dava capacidade para realizar até 30 disparos. Tinha um tubo-carregador lateral com capacidade para 22 esferas de chumbo de 11,75 mm. Consta que um atirador treinado podia disparar toda a capacidade da arma em apenas 1 minuto, até o alcance útil de 140 m.

No Brasil, tivemos um desenvolvimento importante, quando nos anos 80 a empresa Rossi fabricou para as Forças Armadas uma arma conhecida como FAC (Fuzil de Ar Comprimido). Seu propósito era preparar o soldado recruta para realizar o tiro com o FAL (Fuzil Automático Leve) de calibre 7,62 NATO, a arma-padrão. Aquele rifle de ar, uma arma de repetição tiro-a-tiro em calibre 4,5 mm, funciona por mola pneumática quebrando-se o cano para armar o mecanismo de disparo, o qual ainda está em uso em muitas Organizações Militares.

Em havendo disparado com vários FAC pertencentes ao Exército e à Marinha do Brasil, pudemos constatar sua razoável precisão, por isso concluímos ser um rifle adequado para a instrução preparatória para o tiro (IPT). Se tivesse automatismo seria uma arma quase perfeita para treinamento.

A maioria dos países mais avançados passou a utilizar armas especiais e sistemas de treinamento de tiro de forma sistemática, pela certeza de possibilitarem melhor preparo individual com diminuição de custos. O mais comum de se encontrar são as armas de chumbinho acionadas a ar comprimido e outros tipos de gás (CO₂, *green gas*, GLP),

armas *softair*, armas *paintball* do tipo *Real Action Marker* (RAM), armas de fogo de calibre reduzido (.17 e .22), kits conversores para redução de calibre, subcalibres para fuzis de assalto, munições especiais para treinamento, armas que usam propulsão elétrica para lançar o projétil, armas que atiram feixe laser em alvos especiais, sistemas individuais de tiro a laser com apuração em computadores pessoais (SCATT) e, finalmente, os modernos simuladores de tiro.

Existem hoje vários rifles de ar comprimido que são réplicas idênticas aos mais conhecidos fuzis de assalto. Um exemplo é o RAP4, imitando o M16, que é fabricado nos EUA e tem venda livre naquele país por preço bem em conta. Existem muitos outros modelos de diferentes fabricantes pelo mundo. Alguns mais caros e sofisticados, outros mais simples, praticamente todos com boa ou razoável precisão.



Rifle RAP4 (EUA), de chumbinho esférico BB ou diábolo em 4,5 mm, com propulsão a CO₂, semi-automático, com capacidade de 20 tiros - utilizado para treinamento pelas FFAA e policiais de vários países. Também existe uma versão para *paintball*.

Também é comum no exterior de os militares e policiais usarem suas próprias armas para treinamento individual. Nos países onde a munição é barata e o tiro uma atividade de lazer mais disseminada, usa-se armas de todos os calibres. Naqueles onde a munição é mais cara, as preferidas são armas de fogo em calibre .22cl.r. e armas de ar comprimido de chumbinho, *paintball* ou *softair*, muitas vezes adquiridas com subvenção das corporações. A Suíça vai além, chegando a distribuir armamentos e munições esportivas e de guerra aos seus cidadãos com o propósito de praticarem regularmente e estarem prontos para uma eventual mobilização. Estados Unidos, Israel, Inglaterra, Rússia, Polônia e vários outros países europeus também subvencionam o tiro às suas populações civis, sendo que em alguns deles trata-se de uma disciplina escolar. Lá, oferecer tal atividade é política de governo, fruto da experiência em várias guerras ou pela avançada cultura esportiva, o que é bem aceito pela população.



Rifles Baikal IZH 60 e IZH 61 (Rússia), de chumbinho 4,5 mm, acionados a ar comprimido por alavanca lateral, tiro-a-tiro, com capacidade de 1 tiro e 8 tiros, respectivamente. O segundo tem boa relação "Custo X Benefício" para treinamento de grupos maiores.



Carabina Anschütz modelo 1907, de calibre .22 l.r., utilizada para tiro de precisão nas provas olímpicas de Carabina Deitado e Carabina Três Posições a 50 metros - uma boa alternativa para treinamento de atiradores "sniper".

Importantes questões a considerar

Qualquer pessoa da sociedade, quando vê alguém fardado ou com distintivo, tem a natural crença de que aquele profissional foi adequadamente qualificado pela sua instituição, está preparado para enfrentar situações de confronto e até motivado a defendê-la, mesmo com risco da própria vida. Isso tem uma lógica natural, pois o cidadão paga seus impostos, aliás muito altos no Brasil. É patente o seu direito a uma boa segurança.

Em muitos casos, porém, a realidade pode ser bem diferente. Grande quantidade daqueles profissionais, ao se depararem com situações em que tenham de usar a arma, poderão não se sentir seguros para defender nem a si próprios, acarretando maiores riscos a cidadãos inocentes e aos próprios companheiros. Na quase totalidade dos casos, seu preparo em tiro foi deficiente.

Mas por que é tão comum a preparação ser deficiente? Além dos motivos apresentados no item anterior, a maioria das instituições não oferecem a seu pessoal oportunidades suficientes para a realização de treinamentos de tiro, não lhes aplicam avaliações periódicas e/ou não existem critérios pré-estabelecidos de performance para verificar se eles têm nível mínimo em tiro, de forma que, somente assim, pudessem ser considerados na condição "Apto em Tiro". E são tantas outras as tarefas e missões a cumprir que o treinamento de tiro vai ficando "meio de lado" e "para depois".

Formulamos algumas perguntas de forma que todas as pessoas envolvidas no processo, desde o indivíduo que garante ou porta uma arma até aqueles nos níveis mais altos de direção, à luz das próprias respostas, possam se posicionar melhor quanto ao nível desejado de preparação e o possível de ser alcançado. Outras perguntas poderiam ser acrescentadas, conforme as particularidades de cada organização.

- Sinto-me adequadamente preparado para usar uma arma numa situação de confronto?
- Que níveis de atiradores a instituição necessita, em face às possíveis situações de confronto e ameaças?
- Quantos disparos são necessários para a formação de um profissional- 100, 500, 1.000 ou mais?
- A instituição dispõe de estandes de tiro e instrutores qualificados em quantidade suficiente?
- Considerando que para uma pessoa normal manter seu preparo físico e sua saúde precisa se exercitar, no mínimo, 3 vezes na semana, quantos treinamentos de tiro mensais são necessários para manter a qualificação e um bom nível de adestramento - 1, 4, 12 ou mais?

- Quantos disparos são necessários para se realizar um bom treinamento de tiro - 50, 100, 200 ou mais?
- Que critérios de performance em provas de tiro e que periodicidade para as avaliações devem ser estipulados pela instituição para o profissional ser considerado "Apto em tiro"?
- Que orçamento seria necessário e de quanto se dispõe, efetivamente, para atender tais necessidades?
- Diante dos elevados custos de munição e dos orçamentos sempre restritos, que tipos de Treinamento de Tiro a Custo Reduzido (T2CR) serão empregados, de forma a maximizar o preparo do pessoal?
- Até que ponto deve o militar ou profissional de segurança pública ser responsável por manter, à custa de seu próprio esforço, um bom nível em tiro?
- Que ações, facilidades ou incentivos a instituição pode ou deve oferecer ao seu pessoal, de forma a melhorar substancialmente a proficiência em tiro?

Algumas sugestões/ Considerações finais

O Treinamento de Tiro a Custo Reduzido é prática consagrada em todos os países mais avançados, pois serve para ensinar a técnica aos iniciantes, requalificar quem há tempos não pratica, identificar e corrigir erros contumazes ou "vícios do tiro", além de auxiliar na manutenção e aperfeiçoamento de atiradores, inclusive dos *snipers* e dos que participam em competições de alto rendimento.

Para muitos especialistas, não existem equipamentos, armas e sistemas de treinamento "melhores" que outros, mas relações custo X benefício diferentes entre si, que vão variar conforme o foco da instituição, que níveis de performance real têm os diferentes grupos de atiradores a serem atendidos, que níveis esses grupos deverão alcançar, as quantidades de pessoas dos diferentes grupos e, como não poderia deixar de ser, a realidade orçamentária. Cada caso precisaria ser estudado para se fazer a escolha mais apropriada.

No meio militar, doutrinariamente, cabe ao indivíduo manter sua preparação física, visando ao adequado desempenho de suas tarefas – sua vida pode depender disso! Não seria o tiro um requisito tão ou mais importante para os militares e os profissionais de segurança pública? Acreditamos que essas pessoas tenham uma importante parcela de responsabilidade em se manterem qualificadas nos requisitos necessários ao bom exercício de sua profissão, especialmente no tiro, apesar de isto poder lhes gerar algum custo, não devem esperar pela instituição.

Por sua vez, as instituições, em nossa opinião, deverão prover maiores incentivos ao seu pessoal para o aprimoramento no tiro, subsidiando a aquisição de armamentos e munições para treinamento, oferecendo apoio material, facilitando a participação em competições no meio civil, estabelecendo parcerias com outras instituições militares/de segurança pública e clubes de tiro, além de outras medidas. Afinal, atirar é uma atividade prazerosa e acertar é

um reforço psicológico que se repete muitas vezes, de que, praticamente, ninguém enjoa. Portanto, apoiar a prática de tiro é uma forma econômica e inteligente das instituições aumentarem o nível de qualidade do seu pessoal. Os pequenos investimentos citados poderão ocasionar, no final, grande economia à instituição nas rubricas instrução e adestramento. Realizá-los, porém, não pode resultar em inibir outras ações e investimentos de maior monta, visando ao aprimoramento em tiro, especialmente se o nível do pessoal estiver defasado.

As armas de chumbinho são de fácil aquisição no comércio, pois a legislação faculta às instituições militares, policiais e a seus profissionais, além dos clubes de tiro e praticantes de tiro, a compra direta dos fabricantes. É uma opção fácil para todos. As pessoas normalmente decidem adquirir essas armas com os próprios recursos por serem relativamente baratas e por não haver restrições legais para adultos efetuarem a compra, transportá-las ou portá-las, sendo que ainda podem ser recebidas em casa, pelo correio. Por tudo isso, tornam-se uma ótima alternativa para os treinamentos a custo reduzido. Só quem é do meio sabe que 99,9% dos grandes atiradores no mundo praticam tiro dentro de casa, num corredor ou quarto separado, com armas de ar comprimido.

Sendo o custo da munição um fator preponderante a influenciar na preparação do tiro, é sabido que o emprego dos equipamentos, armas e munições especiais para treinamento serão de grande utilidade para melhorar o nível técnico e diminuir os gastos. Porém, por mais sofisticados e eficientes que sejam, jamais substituirão a necessidade

de o indivíduo praticar o tiro real para alcançar uma boa preparação. Portanto, caberá à instituição oferecer tanto o T2CR quanto o treinamento com as armas de serviço, de forma a preparar e qualificar eficientemente os seus profissionais, sob pena de perder credibilidade com seu público interno.

Mas como se faria para qualificá-los? Acreditamos que devam ser estabelecidos dois níveis básicos de qualificação, para isso seriam aplicados testes de tiro com curta periodicidade, numa sistemática semelhante aos testes físicos das FFAA. O primeiro nível seria uma condição mínima de performance com a qual o indivíduo poderia ser considerado "Apto em tiro". Haveria um segundo nível mais alto, de "Apto para combate", a ser exigida somente para quem serve em unidades operativas. Essa mudança de enfoque, além de trazer um benefício pessoal direto a cada profissional, seria ótima para sua instituição e para a própria sociedade, pela confiança de todos os indivíduos de todas as unidades estarem com o melhor nível possível de preparação em tiro.

Finalizando, cabe comentar que está prevista a implantação do T2CR na Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador para 2010. Isso, aliado à estrutura física dos estandes já existentes destinados ao tiro real, presente em reforma e ampliação, deverá propiciar ao Corpo de Fuzileiros Navais um grande aumento da oferta de vagas para cursos e treinamentos. Conseqüentemente teremos, em curto prazo, significativa melhora do nível de adestramento em tiro dos militares da Marinha do Brasil.

CMG (FN) José Calixto dos Santos Junior
calixto2004@yahoo.com.br



As experiências dos componentes do GAT-FN durante o assessoramento para a consolidação do Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia

Introdução

Apresentamos, neste artigo, um pequeno extrato da trajetória de nossa vida profissional e social durante o dia-dia em território namibiano. Nele, falamos do processo de integração e cooperação como militar assessor, pai de família e cidadão. Não pretendemos descrever cada momento vivido em sua totalidade, mas descrever fragmentos de nossas experiências. Mostramos, ainda, como fomos emergindo de um processo que partiu de um sonho, chegando a um nível de consolidação profissional e de integração com os usos e costumes namibianos. Portanto, a nossa proposta é divulgar uma síntese que contém algumas experiências colhidas a partir de diversas atividades desenvolvidas pelos componentes do primeiro Grupo de

Apoio Técnico de Fuzileiros Navais na Namíbia (GAT-FN). Aproveitando a oportunidade, apresentamos, também, algumas informações referentes a esse país.

A criação e o desembarque do GAT-FN em Walvis Bay/Namíbia

Uma missão de instrução e assessoramento é organizada em um país, por intermédio de solicitação e mediante um acordo ou contrato firmado entre dois governos, para prestar assistência e transmitir ensinamentos. Sendo assim, como conseqüência do Acordo de Cooperação entre



o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Namíbia, em 20 de maio de 2008 foi delineado um novo perfil de assessoria naval por ocasião da realização, no prédio do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN), de uma reunião de coordenação entre o Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil (ComGerCFN) e o Comandante da Marinha da Namíbia (CMN).

Naquele momento, foi solicitado o apoio necessário à criação do Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia (CFNN). Sendo assim, foi criado, em 9 de fevereiro de 2009, por intermédio da Portaria 43/MB, o primeiro GAT-FN, composto por 01 CMG (FN), para assessorar a criação do Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais da Namíbia, o Curso de Formação de Soldados (C-FSD-FN), e o desenvolvimento do Cerimonial da Marinha da Namíbia; 01 CC (FN) e 10 praças para conduzir o C-FSD-FN; e 01 CC (T) e 01 praça para contribuir com a elaboração do Cerimonial e prestar assessoramento durante a realização de cerimônias, além de aprimorar a Banda de Música existente.

Os integrantes do primeiro GAT-FN desembarcaram na cidade de Walvis Bay, na Namíbia, no dia 19 de março de 2009, ocasião em que receberam total apoio por parte da Marinha desse país. Essa cidade possui uma população de 65.000 habitantes e uma área de 1.124 km², sendo considerada uma das jóias escondidas da África, situada entre as dunas douradas do deserto da Namíbia e as correntes frias do Oceano Atlântico. Walvis Bay, cidade portuária, é considerada um oásis de tranquilidade e experiências, abriga pessoas de diversas nacionalidades do mundo, tais como indianos, chineses, franceses, alemães, portugueses e espanhóis.

Chegamos ao aeroporto com o forte sentimento de transmitir ensinamentos e respeitar as autoridades, tendo o cuidado em não ferir susceptibilidades; tendo compreensão e acatando os problemas existentes, os hábitos e os costumes que lhes são inerentes.

A maioria dos brasileiros desembarcou alimentado por um imaginário intimamente ligado à África, seja pelas lendárias aventuras de John Weissmüller, na pele do famoso Tarzan, pelos recorrentes documentários sobre a vida selvagem ou pelos mistérios vinculados à origem da nossa própria espécie.

É compreensível que os assessores e instrutores designados procurem transmitir os ensinamentos que, por sua vez, receberam e foram aprovados em seu país na melhor das hipóteses efetuando correções, a fim de adaptar aqueles ensinamentos ao homem e às condições locais. Visando tornar os conhecimentos mais semelhantes com aqueles ministrados no Brasil, promovíamos constantes reuniões com os militares homólogos, tentando esclarecer-lhes questões sobre a racionalidade do planejamento das diversas atividades, sempre promovendo o debate das idéias.

Com relação aos ensinamentos na área de Banda de Música, destacamos a grande capacidade dos militares namibianos em reter os conhecimentos transmitidos e de se mostrarem receptivos quanto aos novos conhecimentos. Quanto aos ensinamentos promovidos pelo C-FSD-FN, os instrutores percebem que estão formando soldados no mesmo padrão daqueles formados no Brasil, o que é muito compensador. Ressalta-se que o esforço principal dos ensinamentos tem sido na área de natação, uma vez que a maior parte dos recrutas iniciou o curso sem saber nadar. A deficiência nas atividades aquáticas talvez tenha explicação com base no fato de não existirem muitos rios e piscinas na Namíbia, associado ao fato de a água do mar ser muito fria.

Sobre os aspectos sociais, a maioria dos militares e dependentes nunca residiu em outro país. Todos chegaram à Namíbia de coração aberto para conhecer novos horizontes, conceitos e costumes. Alguns sentiram um pouco mais de dificuldade, porém todos se adaptaram. E constatamos que, de maneira geral, o essencial para que alguém consiga integrar-se a uma sociedade, é dominar o idioma local. No caso dos instrutores e do restante da equipe brasileira, pôde-se notar que sem o idioma da língua inglesa, tudo fica mais difícil, sendo necessário o apoio de alguém para traduzir as necessidades decorrentes. Apesar disso, esse fato foi atenuado por duas circunstâncias fundamentais: o rápido ingresso de vários representantes do GAT-FN em um curso de Inglês e a amizade com vários descendentes de portugueses, o que facilitou a adaptação e a integração junto aos costumes da sociedade namibiana.

As experiências vividas pelos integrantes do primeiro GAT-FN na cidade de Walvis Bay com cerca de quinze famílias, que totalizam 52 pessoas, certamente em muito poderá ajudar os integrantes dos futuros GAT-FN, destacando-se as seguintes situações do cotidiano, tão diferentes daquelas encontradas no Brasil, contudo enriquecedoras:

Moeda

A moeda na Namíbia é o dólar namibiano, que vale quatro vezes menos que a moeda brasileira, ou seja, cada cem dólares namibianos equivalem a vinte e cinco reais.

Alimentação

A alimentação é parecida com a existente no Brasil, porém, na Namíbia, não se tem o hábito de comer alguns itens da nossa culinária, tais como feijão e farinha, encontrados somente em alguns supermercados de propriedade

dos portugueses. A maior parte dos alimentos encontrados em Walvis Bay é importado da África do Sul, o que torna esses alimentos mais caros, comparando-se esse preço com o do Brasil.

Diversão

Em Walvis Bay, a diversão é encontrada nas belezas naturais que o lugar oferece, tais como subir a pé a Duna Sete, a maior duna de areia do mundo, passear de motociclo pelo deserto; ir às praias de Walvis Bay em Long Beach. Uma outra atração especial da cidade é a enorme lagoa natural repleta de aves marinhas. Cerca de 120.000 aves foram contadas recentemente na lagoa, dentre elas inúmeros flamingos e pelicanos. Todo ano, eles são unidos a 200.000 aves migratórias. Há, ainda, o passeio de barco pela lagoa de Walvis Bay para se observar leões-marinhos, focas, golfinhos e baleias, o que também revela uma atraente forma de lazer.

Encontra-se diversão, ainda, na cidade vizinha de Swakopmund, situada a 30 km de Walvis Bay: um museu, o *National Marine Aquarium*; uma galeria de cristal e duas espetaculares próximas a Langstrand, ao sul do rio Swakop. Perto dali, situa-se uma fazenda de camelos e a locomotiva a vapor Martin Lutero, que data de 1896 e foi abandonada no deserto. Na Namíbia, encontramos os melhores safáris do mundo, como o famoso Etosha National Park, bem como o Erindi - Private Game Reserve, locais já visitados pelos integrantes do GAT-FN.

Educação

Os sistemas educacionais público e particular proporcionam possibilidades para nossos filhos cursarem os ensinamentos fundamental e médio; porém, o aprendizado e o rendimento escolar não podem ser aproveitados no Brasil. Uma alternativa para que nossas crianças não percam o ano escolar, tem sido matriculá-las em alguma escola no Brasil especializada em ensino à distância. Um fato curioso é que em Walvis Bay todas as escolas funcionam somente no horário da manhã.

As faculdades existentes estão localizadas na capital Windhoek, distantes, aproximadamente, 400 km da cidade de Walvis Bay.

Língua

A língua oficial da Namíbia é o Inglês, mas se encontra, com muita frequência, pessoas falando Oshiwambo e o Africâner. A comunicação dos integrantes e dependentes do GAT-FN é facilitada pelas simpatia e cordialidade com que os namibianos tratam os estrangeiros: alguns falam um pouco de Português, influência da cultura angolana, cujo país faz fronteira com a Namíbia.

Trabalho

O trabalho do GAT-FN na Namíbia é tranquilo e agradável, cuja rotina é a seguinte: começa-se a trabalhar às 8 horas, parando-se às 10 horas para beber um chá (tea-time);



Fonte: <http://maps.google.com.br>

o almoço ocorre entre 13 e 14 horas e o final do expediente é às 17 horas. O treinamento físico militar é realizado três vezes por semana: terças-feiras, de 8 às 10 horas, quartas-feiras, durante toda a tarde, e sextas-feiras, das 8 às 10 horas. Em Walvis Bay, não existe engarrafamento, o que torna o deslocamento rápido para o trabalho e durante a volta para casa.

Em Rooikop, a rotina diária dos instrutores de recrutas pode ser definida, resumidamente, pela palavra desafio, na medida em que, diariamente,

os instrutores acompanham todas as atividades dos recrutas, com base na grade curricular do C-FSD-FN, adaptada às especificidades da Namíbia. São diversas aulas práticas e teóricas em que os instrutores brasileiros, escalados sempre com instrutores namibianos, desdobram-se para ministrar uma boa instrução. Para a preparação e condução de uma boa aula, são inúmeras as dificuldades superadas, a começar pelo instrutor, idioma, com extensão às incontáveis limitações logísticas. Todas essas dificuldades têm sido contornadas, quase em sua totalidade, graças ao Engenho & Arte, uma expressão motivadora que está sempre na mente de todo instrutor de recrutas desde o início do Curso, materializada por ações inteligentes, céleres e eficazes. A constante preocupação de cada instrutor volta-se para a manutenção do padrão de qualidade do curso, que tem sido alcançada graças ao esforço empreendedor de toda a instrutoria do Corpo de Alunos – são instrutores brasileiros e namibianos trabalhando juntos para alavancar o C-FSD-FN em Rooikop.

Esse lugar, Rooikop, situado a aproximadamente 20 Km de Walvis Bay, bem no meio do deserto, tornou-se o berço da formação do SD-FN da Namíbia, ficando intimamente ligado à vida do instrutor de recrutas fuzileiros navais. Para o funcionamento do Corpo de Alunos, em Rooikop, foram ocupadas instalações provisórias em um antigo galpão, gentilmente cedido pelo Exército da Namíbia, onde foram construídas salas de aula e escritórios. Em Rooikop, tendo como vizinhos os bons companheiros, integrantes de duas unidades do Exército, uma de infantaria e outra de artilharia, o instrutor vem cumprindo sua rotina de trabalho, durante o Curso, chegando às 8 horas e saindo por volta de 17h30m. É claro que, por força do cumprimento de algumas das atividades do curso, em certas ocasiões essa relação do instrutor com Rooikop se estende um pouco noite adentro, como foi o caso de eventos como a marcha noturna de 16 Km, a pista de acuidade noturna, etc. Em Rooikop os instrutores tiveram a oportunidade de enfrentar experiências um pouco desconfortantes no início, mas que, com o decorrer do tempo e do costume, foram se aproximando da normalidade, dentre as quais pode-se mencionar as tempestades de areia, o forte calor, a claridade excessiva e a comida, que é muito diferente da alimentação do Brasil, certamente por questões culturais. Vale ressaltar que todos os óbices, que não foram poucos, não têm gerado insatisfação, pois todos os fuzileiros navais estão imantados do caráter pioneiro e nobre dessa missão na Namíbia, o que é sempre clamado pela memória desses audazes guerreiros.

Clima

O clima na Namíbia é agradável, variando entre 17° nos meses mais frios (junho e julho), e 27° nos meses mais quentes (dezembro e janeiro). Ressalta-se que em Walvis Bay não chove e pelo fato de o clima ser seco, não há ocorrências de casos de alergias e rinites.

Esportes

O principal esporte da Namíbia é o rugby, mas, devido aos fortes ventos, são muito praticados também o sandboard, o kitesurf, o surf e vela, além da pesca e do golfe. Os integrantes do GAT-FN sentem falta do tradicional futebol brasileiro, pouco praticado na Namíbia.



Futebol de confraternização com os militares brasileiros e namibianos

Transportes

Em Walvis Bay não existe ônibus – como a cidade é muito pequena, os deslocamentos são realizados a pé. O único meio de transporte existente é o taxi, que cobra uma taxa fixa para qualquer local da cidade.

Moradia

Devido à pequenez da cidade de Walvis Bay, à grande quantidade de trabalhadores temporários nas plataformas de petróleo e à grande quantidade de turistas ali presentes durante todo o ano, existe uma grande dificuldade em se encontrar casas para alugar. A procura maior que a oferta, ocasiona especulação no mercado imobiliário, culminando com os altos preços cobrados. Em média, um aluguel de uma casa mobiliada custa seis mil e quinhentos dólares namibianos por mês, o que equivale a cerca de mil seiscentos e vinte e cinco reais, preço superior ao cobrado no Brasil.

Religião

A religião na cidade de Walvis Bay é predominantemente cristã, destacando-se o fato de encontrarmos apenas uma igreja católica, freqüentada em grande parte pela comunidade portuguesa.

Integrantes do GAT-FN participaram de projeto destinado à prevenção da AIDS com relação às mulheres na Namíbia, o qual consistiu em uma caminhada de divulgação e apoio, realizada pela Igreja Católica, na própria cidade. Durante a caminhada, foram usadas camisetas de divulgação da campanha e roupas brancas, e junto ao peito foi disposto o símbolo mundial de prevenção da AIDS. Após a caminhada, houve palestras abordando o tema, show musical de um cantor local e chá beneficente.

Parte dos componentes do GAT-FN participou de uma cantata de natal, na Igreja Batista, que foi considerada um grande sucesso pelos freqüentadores. Nessa ocasião, pessoas de várias nacionalidades conseguiram ensaiar e cantar um repertório de quatro músicas em português.

Comércio

O comércio na cidade é muito parecido com o existente no Brasil: há muitas lojas de departamentos, roupas e material esportivo. O comércio, em geral, abre às 8h30m e fecha às 17 horas, com intervalo para o almoço, na maioria das lojas, das 13 às 14 horas. Podemos encontrar bons supermercados, restaurantes, pizzarias, cafés e bares, porém não existe *shopping center*.

Considerações finais

De uma forma geral, a vida na Namíbia pode ser resumida em uma experiência maravilhosa, com a qual aprendemos muito e passamos a ver o mundo com outros olhos.

Compor o seletivo grupo de brasileiros do primeiro GAT-FN é realmente gratificante em todos os sentidos, não só pelo reconhecimento profissional e institucional, mas também pelas vantagens financeiras que uma missão no exterior pode proporcionar, e, principalmente, pelo fato de se ter a rara oportunidade de viver, durante o período de um ano, em um país tão fantástico como a Namíbia, localizado em um continente que nos era tão desconhecido. Viver na Namíbia nos ajuda a desfazer a imagem passada pela mídia, de que o continente africano é um lugar de conflitos raciais, fome, doenças e pobreza. Ter participado de todas essas experiências na pequena cidade de Walvis Bay, local com uma cultura tão diversificada e com distintos povos, proporcionou, aos integrantes do primeiro GAT-FN e seus dependentes, uma saudável experiência de vida e um enriquecimento cultural sem precedentes, não só pelo aprendizado e pelo aprimoramento de uma nova língua, mas também pelo fato de se viver em uma cidade tranquila, sem engarrafamentos, sem violência e sem poluição, que muito se assemelha a uma pequena cidade do interior dos estados brasileiros.

Todas essas experiências vividas recentemente na cidade de Walvis Bay, com certeza, inesquecíveis, proporcionaram momentos de felicidade e um aprendizado de grande valor cultural, desfrutados por cada componente e familiar desse primeiro GAT-FN. Hoje, seus componentes e familiares já se encontram perfeitamente integrados à cidade, tendo participado de vários eventos sociais e esportivos com os militares namibianos e suas famílias – houve uma integração com as comunidades locais de namibianos, portugueses e espanhóis.

Considerando o período vivido na Namíbia, não podemos negar que vencer as adversidades dos momentos iniciais de nossa chegada foi uma experiência única e desafiadora, mas que foi superada com coragem e determinação, demonstrando a capacidade do brasileiro, de tão rapidamente se adequar a outros lugares e estilos de vida.

Por fim, cabe ressaltar que cumprir essa nobre missão de assessoramento para a consolidação do CFN da Namíbia muito honra e enobrece os integrantes do primeiro GAT-FN.

ADSUMUS



Entrevista: Comandante Haimbala



A Marinha do Brasil ajuda hoje a desenvolver a Marinha da Namíbia, parceria que tem contribuído muito para a disseminação da nossa cultura militar naquele país, incluindo parte de treinamentos, uniformes, cerimoniais, entre outras práticas. Anualmente, o CIASC e o CIAMPA recebem dezenas de alunos namibianos que estudam nas mesmas salas de aula que os nossos militares. Nas próximas linhas, o Capitão-de-Fragata Ndaitwa Appolos Haimbala, Comandante-Geral dos Fuzileiros Navais da Marinha da Namíbia, falará sobre sua carreira militar, que inclui participação na luta pela independência do seu país, o curso de formação na Escola do Exército da Inglaterra, sobre como está sendo essa passagem pelo Brasil e, por fim, sua perspectiva de futuro para a sua Marinha.

Conte-nos brevemente sobre sua carreira militar.

Cmte Haimbala – Estou na carreira militar há 30 anos. O primeiro curso que fiz foi o de Reconhecimento de Força Terrestre na antiga Iugoslávia, em 1982. De 1986 a 1990, a Organização me mandou para a Escola de Diplomacia na Zâmbia. Também, no mesmo ano, participei da guerra para a libertação da Namíbia. Angola foi um dos países que participou. Depois da Independência, me formei oficial do Exército na Inglaterra.

Qual era a sua função na época da guerra da independência da Namíbia?

Cmte Haimbala – Naquela época eu era instrutor de carreira, preparando soldados para o combate.

O curso que o senhor fez na Inglaterra equivale a algum dos ministrados na nossa da Escola de Guerra Naval?

Cmte Haimbala – Não, é diferente. O curso que fiz na Inglaterra foi para formar oficiais, especialmente 1º Tenente. Eu era comandante de pelotão em 1991 e em 1994 fiz um curso de Tropas Especiais de Reconhecimento. Em 1995 fiz um curso de Comandante da Companhia da Namíbia. Depois fiz Reconhecimento das Forças Especiais na Alemanha, em 2000. Após essa formação, fui comandante do núcleo de Forças Especiais da Namíbia. Na Tanzânia, fiz, durante um ano (2005/2006), o curso *Command and Staff Course* (PSC), que equivale ao mesmo sistema que

encontrei aqui no Brasil no Curso de Estado-Maior para Oficiais Intermediários (CEMOI). No meu retorno à Namíbia, fui Oficial de Estado-Maior de Operações e Treinamento no Comando-Geral do Exército. Nos anos seguintes, 2007 e 2008, entrei para a Universidade da Namíbia, para graduar-me em Mestre das Artes em Segurança e Estudos Estratégicos (*Degree of Master of Arts in Security and Strategic Studies*).

Como o senhor foi selecionado para ser Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais do seu país?

Cmte Haimbala – O Comandante das Forças Gerais da Namíbia, junto com o Comandante da Marinha, me escolheu para dirigir o Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia em junho de 2008.

Como é o treinamento militar na Namíbia?

Cmte Haimbala – Na verdade, a Namíbia possui um Centro de Treinamento que se chama Centro de Treinamento das Forças Armadas Unificado, que é responsável por adestrar e instruir Praças da Marinha, Exército e Aeronáutica. Para ser de qualquer uma das três forças, o militar tem que, obrigatoriamente, ficar um ano nesse Centro. Durante esse período, aprendem a cultura geral de defesa da Namíbia. Caso contrário, terão mais dificuldades de adaptação ao longo do tempo. Após essa fase eles poderão ingressar tanto na Marinha como em qualquer uma das outras duas forças.

Como está sendo formada a Força dos Fuzileiros Navais da Namíbia?

Cmte Haimbala – Para compor a nossa Força, as Praças passam por um treinamento no país, no Centro que mencionei, apoiadas pelo grupo técnico de Instrutores Fuzileiros Navais do Brasil. Nós recebemos soldados com um pouco de experiência e damos a formação do Fuzileiro Naval. Os Sargentos continuarão a se especializar aqui no Brasil, mas Cabos e Soldados terão treinamento na Namíbia. A idéia é criar um núcleo de Batalhão. Os Oficiais que iniciaram no Brasil em 2008, terminarão o treinamento em julho de 2010 e o outro grupo acabará no próximo ano, 2011. Vamos continuar mandando Oficiais para serem formados aqui no Brasil.

Como os soldados estão sendo selecionados para fazerem parte do CFN da Namíbia?

Cmte Haimbala – Todos os soldados da Marinha da Namíbia fizeram parte do Exército. Somente os mais modernos foram direto para o Corpo de Fuzileiros Navais. Para começar, criaram um Centro, pois o militar precisaria de mais experiência, isto é, para entrar na Marinha, o soldado teria que passar pelo Centro de Treinamento e Defesa da Namíbia.

Hoje os Oficiais não são mais do Exército. A própria Marinha da Namíbia já forma oficiais Fuzileiros Navais?

Cmte Haimbala – Sim. Todos os Oficiais do CFN da Namíbia são formados no Brasil. Os primeiros Oficiais foram formados aqui no ano de 2005. Inclusive o meu Imediato, o Capitão-de-Fragata (FN) Lázaro. Atualmente são 30 oficiais distribuídos da seguinte forma: 15 estão cursando o C-ESP-GANf aqui no CIASC, e sairão após a conclusão do curso capacitados a 2º Tenente, e outros 15 estão no CIAW realizando o Curso de Formação de Oficiais e ao final serão Guardas-Marinha.



Fale um pouco da sua dificuldade em entender a língua portuguesa.

Cmte Haimbala – Antes de chegar ao Brasil já tinha uma noção da língua, pois a Namíbia faz fronteira com a Angola, onde também se fala Português. Mas mesmo assim, no início tive muita dificuldade em comunicar-me e em conjugar corretamente os verbos. Com o intercâmbio entre a Marinha do Brasil e da Namíbia, estou tendo aulas de Português aqui no CIASC, o que tem sido muito bom, pois a prática é contínua. Aprender o idioma local é necessário, já que minha missão é aqui no Brasil e inclui, além da minha formação como Comandante Instrutor, saber falar a língua para entender as pessoas tanto no âmbito militar quanto social. Estive sempre em boas mãos, minhas professoras me ajudam bastante.

Como é ficar tão longe da família, em um país distante?

Cmte Haimbala – Sempre tenho o sentimento de saudade, mas já estou acostumado a ficar distante de casa. Tenho tido muitas experiências e participado de muitas atividades fora do meu país. Este é, sem dúvida, o período mais longo que estou fora. Antes de sair, conversei com minha esposa e os filhos, disse que era necessário para o nosso futuro. Programei a vinda dela com um casal de filhos para abril e devem ficar até maio.

Qual a sua visão de futuro para o CFN da Namíbia?

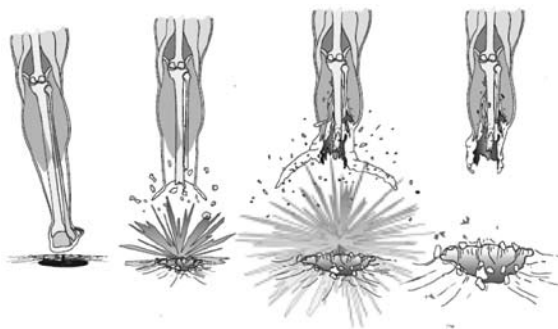
Cmte Haimbala – O plano do Governo da Namíbia tem a visão de estar no mesmo nível internacional dos países reconhecidos e respeitados mundialmente, em 2030. A Namíbia tem que estar mais desenvolvida. Fiz um planejamento de curto, médio e longo prazo, em que já tenho estabelecido o que precisarei fazer a cada período de cinco anos. Nesse tempo, eu quero controlar as ações. Minha meta é ter uma força preparada, profissional, no nível de uma força independente, proporcional ao nosso país, para poder assegurar a fronteira da costa marítima da Namíbia. Queremos ter um Batalhão pronto, com seus apoios. Esta força tem que crescer e realizar o trabalho de uma força expedicionária, com autonomia para atuar onde se fizer necessária e para cumprir as mais diversas missões. Não tenho dúvidas de que a cooperação entre as Marinhas do Brasil e da Namíbia contribuirá para o desenvolvimento desse ideal.



Os Fuzileiros Navais e as Missões de Desminagem Humanitária

O problema das minas antipessoais

As minas antipessoais (MAP) são artefatos traiçoeiros, que não perdoam. Destroçam membros e vidas sem possibilidade de reparação. Diferente de outras armas, que necessitam de alguém que aponte e dispare, as MAP são acionadas pelas próprias “vítimas”. Elas são projetadas para explodir quando uma pessoa pisa nelas, tropeça no arame de disparo conectado a mesma ou manipula-as. Uma vez instalada, seus efeitos são indiscriminados e de longa duração. Ainda hoje descobre-se MAP que foram instaladas durante a Segunda Guerra Mundial, minas que continuam matando ou ferindo 65 anos depois de finalizado o conflito. Esses artefatos mortíferos não diferenciam soldados de civis. Matam ou mutilam uma criança, que brinca distraída da mesma forma que um soldado em patrulha. Nas situações pós-conflito é mais freqüente que a vítima, em sua maioria mulheres e crianças, seja uma pessoa comum, ocupada com seus afazeres cotidianos.



Apesar de todas as feridas de guerra serem horríveis, as feridas produzidas pelas MAP são especialmente graves. A detonação de uma MAP pode arrancar uma ou ambas as pernas da vítima, ao mesmo tempo em que introduz resíduos de terra e de plantas, fragmentos de pedras, de metal e de plástico do revestimento da mina, pedaços do calçado e ossos estilhaçados para o interior dos músculos das pernas e das partes inferiores do corpo. Assim, além da traumática amputação do membro, existe, ainda, um grande perigo de infecção. Levando-se em conta que os médicos civis não vêem, frequentemente, ferimentos como esses, tratar um paciente ferido por uma mina pode ser um grande desafio para o mais competente dos cirurgiões.

Geralmente, se sobrevivem à explosão de uma MAP, as vítimas requerem múltiplas intervenções cirúrgicas e um longo tratamento de reabilitação. Como a maioria dos aci-

dentos com MAP acontece em países com limitados recursos, o acesso a cuidados e tratamento adequados é sempre muito difícil ou mesmo impossível. Além disso, o transporte da vítima a um centro médico, logo depois do acidente, é extremamente árduo. As vítimas podem tardar entre seis e 24 horas para chegar a um hospital equipado adequadamente e muitas delas morrem antes de alcançá-lo.

Aos amputados, além de adaptar-lhes uma prótese para que possam mover-se, é necessário também ocupar-se da sua dignidade e dos seus traumas psicológicos e, mesmo reabilitados, muitos continuam incapacitados, pois nem sempre podem trabalhar ou participar de atividades normais do dia-a-dia, por isso é possível que caiam em uma profunda depressão com poucas esperanças de reinserção social.

“As MAP destroçam membros e vidas sem possibilidade de reparação.”

A Desminagem Humanitária



Além do desolador impacto na vida das pessoas, as minas trazem graves repercussões no âmbito social e econômico, em particular para um país que tenta reconstruir-se, ao término de um conflito armado. A presença das minas inutiliza extensas partes do território nacional. Terras de cultivo, pastos e outras zonas para produzir alimentos se tornam inacessíveis, reduzindo a capacidade da comunidade em sustentar-se. Estradas e vias férreas minadas dificultam, em alto grau, o movimento de pessoas e de produtos, inclusive a distribuição de assistência humanitária.

A remoção das MAP, ainda que essencial, é um processo longo, perigoso e altamente dispendioso. Para se ter idéia, o custo aproximado da fabricação de uma mina é de 3 a 30 USD (dólar americano), enquanto que o valor para remoção de uma mina pode chegar de 300 a 1000 USD. Mesmo supondo que não se instalem mais minas no mundo, no ritmo atual da desminagem, seriam necessários 1100 anos e 33 bilhões de dólares para remover todas as minas existentes.

De acordo com as Normas Internacionais para as Atividades relativas às Minas (IMAS), o termo “Desminagem Humanitária” se refere às atividades realizadas com o objetivo de retirar minas e restos explosivos de guerra, incluindo o estudo técnico, levantamento cartográfico, sinalização, desminagem, documentação posterior à desminagem, contato direto com as comunidades afetadas e entrega à população civil das terras desminadas para utilização.

É conveniente, entretanto, fazer uma distinção entre a ‘Desminagem Humanitária’ e a ‘Desminagem Militar’. A primeira tem por objetivo destruir, de forma segura, todas as MAP e outros restos explosivos de guerra localizados em uma determinada zona e restituir as terras desminadas à população civil para sua utilização. A segunda, quando executada em combate, prioriza a rapidez em detrimento da segurança com o objetivo tático de transpor uma pequena área com as tropas até um determinado ponto (abertura de uma brecha).

A Doutrina Militar tradicional e o Direito Internacional Humanitário estabelecem requisitos claros para que as MAP sejam empregadas de forma “responsável”, em campos demarcados e registrados, mas raramente estas normas são respeitadas. As MAP têm sido empregadas, cada vez mais, como parte de uma guerra brutal e indiscriminada, especialmente nos ásperos conflitos internos que caracterizam as guerras dos últimos anos do século XX.

“É conveniente distinguir a Desminagem Humanitária da Desminagem Militar.”

A exclusão das MAP

Reconhecendo a gravidade do problema das minas, 90 países se reuniram, voluntariamente, em 1997 e negociaram o “Tratado de Ottawa”. Um acordo internacional em que se proíbe,



totalmente, o desenvolvimento, a produção, o armazenamento, a transferência e o emprego das MAP e exige-se a sua total destruição. Esse tratado é uma extraordinária vitória, pois pela primeira vez, os países entraram em acordo e – em conformidade com o Direito Internacional Humanitário – proibiram uma arma que já se empregava em grande escala. Milhões desses mortíferos artefatos “contaminam” mais de 70 países, provocando uma tremenda crise de índole humanitária e um dos problemas mais graves, já provocados pelo homem no nosso tempo. Ao estabelecer uma norma internacional clara contra as MAP, o Tratado de Ottawa, ao qual o Brasil aderiu oficialmente em 01 de outubro de 1999, é o primeiro passo decisivo até a meta de longo prazo, de ocupar-se da praga das MAP e de livrar o mundo dessas terríveis armas.

As missões de Desminagem Humanitária

MARMINCA

Na década de 80, durante o conflito entre a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e os rebeldes “CONTRA” financiados pelos Estados Unidos, foram colocados em solo nicaraguense 135.643 MAP. O território minado chegou a ter 409 quilômetros em 70 dos 145 municípios do país. As MAP foram colocadas em pontes, hidrelétricas, torres de alta tensão, bem como em centros militares e de comunicações, entre outras instalações. Com a chegada do furacão Mitch, que devastou o país em 1998, muitas MAP mudaram de localização sob efeitos das enxurradas, complicando a tarefa de remoção. Assim as MAP se tornaram uma das piores seqüelas da guerra na Nicarágua, pois além de afetarem vastas áreas de produção e da infra-estrutura nacional, ceifaram muitas vidas.



Em 1991, respondendo a apelos da comunidade internacional, a Organização dos Estados Americanos (OEA), solicitou, à Junta Interamericana de Defesa (JID), assessoria técnica no sentido de estabelecer um programa de desminagem que livrasse a Nicarágua do flagelo das MAP que infestavam as regiões de conflito desde os anos 80. Naquele mesmo ano, uma comissão de militares daquele órgão visitou a região, dando início aos trabalhos para a implantação do programa da OEA.

Em 1994 e 1995, com a mesma estrutura planejada para a Nicarágua, o programa desenvolveu atividades de desminagem em Honduras. Em 1996, foi organizada a Missão de Assistência à Desminagem na América Central (MARMINCA em espanhol), subordinada à JID, dando seguimento aos trabalhos na Nicarágua e Honduras, que se estenderam, posteriormente, à Guatemala e Costa Rica. Em 1997, foi formalmente estabelecido o Programa de assistência à Desminagem na América Central (PADCA em espanhol), que estabelece as responsabilidades da OEA, JID, países receptores (Nicarágua, Honduras, Guatemala e Costa Rica), países contribuintes (membros da JID que fornecem pessoal militar para supervisionarem as atividades de desminagem) e países donantes (que oferecem os recursos financeiros para o programa).

A MARMINCA é composta de militares designados para desempenhar a função de supervisor/monitor internacional. A missão possui um chefe, do posto de tenente-coronel, coronel ou equivalente. Os supervisores e monitores devem ser oficiais com um posto não superior ao de capitão ou suboficiais/sargentos, serem especializados em Engenharia, terem experiência prática no manuseio de MAP, domínio do espanhol, conhecimento de primeiros-socorros, além de estarem em excelentes condições física, psicológica e médica.

MARMINAS

O problema de MAP, envolvendo o Perú e o Equador, foi resultado da Guerra de Cenepa (na área do rio que leva esse nome) deflagrada entre janeiro e fevereiro de 1995, em função de uma divergência sobre as fronteiras que foram estabelecidas em 1942, e que, posteriormente, foi

solucionada no “Protocolo do Rio”. Desde então, os governos de ambos os países têm se comprometido com a tarefa de eliminar as MAP de seus respectivos territórios.

No ano de 2002, um oficial brasileiro do Estado Maior da JID e supervisores brasileiros da MARMINCA realizaram, em caráter excepcional, contatos e atividades de treinamento com militares equatorianos e peruanos, com vistas à assessoria técnica que cabe à JID prestar à OEA em relação ao seu programa de desminagem, agora ampliado no seu alcance e sob nova denominação - Ação Integral contra as MAP nas Américas (AICMA em espanhol).

Em Junho de 2003, a JID, apoiando tal esforço da OEA, ativou a Missão de Assistência para a Remoção de MAP da América do Sul (MARMINAS), com a designação de nove monitores internacionais para o Peru e Equador.

Grupo de Monitores Interamericanos na Colômbia

País amazônico, caribenho e andino, a Colômbia se caracteriza pela sua grande variação geográfica e climática. Situada no noroeste da América do Sul, a República da Colômbia é o único país do continente a ser banhado tanto pelo Oceano Pacífico como pelo mar do Caribe. As florestas tropicais cobrem dois terços do país e o restante do território é ocupado pelas Cordilheiras do Andes e pelas regiões da costa, onde vivem cerca de 90% da população.

O país vive um conflito armado interno desde 1964, contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) – maior guerrilha comunista em atividade na América Latina – e o Exército de Libertação Nacional (ELN) que, supostamente, têm como um de seus objetivos proteger os pequenos agricultores contra os grandes latifundiários. Como reação, os fazendeiros armaram milícias paramilitares, intituladas Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), que combatem a guerrilha, mas também atacam a população civil suspeita de apoiá-la. Para obter recursos e pressionar o governo, tanto guerrilheiros como paramilitares criaram uma indústria de seqüestros. Nesse cenário caótico, atua também no país em uma escala fora de controle, o narcotráfico, que está associado tanto aos guerrilheiros quanto aos paramilitares, o que lhes garante as rotas de distribuição. Assim, definem-se as regras de uma guerra sem precedentes no continente americano.

Entre 1999 e 2008, ocorreram aproximadamente 6,696 vítimas de acidentes com MAP e Artefatos Explosivos Improvisados (AEI) na Colômbia. Devido ao aumento do conflito, que se intensificou desde 2002 após o presidente Álvaro Uribe adotar como meta de governo o combate total à guerrilha, houve um substancial aumento de ocorrências de vítimas fatais. A grande maioria das vítimas são militares, mas suspeita-se de que haja omissão no número dos acidentes com civis.



O início das operações de Desminagem Humanitária na Colômbia ocorreu em setembro de 2005, com dois novos e importantes fins a se considerar: executar a Desminagem Humanitária em uma região que continua sendo palco de um conflito interno de grandes proporções e a utilização em grande escala dos Artefatos Explosivos Improvisados (AEI), o que aumenta bastante a complexidade nos trabalhos de detecção e neutralização.

O Grupo de Monitores Interamericanos da Colômbia começou como um desdobramento da MARMINAS e hoje assumiu o papel independente de protagonista de um trabalho pioneiro extraordinário.

O papel do CFN



O CFN contribui de forma ímpar para a nobre e árdua tarefa de conquistar um mundo livre de MAP. São selecionados e designados, anualmente, em média quatro Oficiais e duas Praças da arma de Engenharia para as missões de Desminagem Humanitária. Atualmente é exigida desses militares a fluência no idioma espanhol, comprovada em Teste de Suficiência de Idiomas da Diretoria de Ensino da Marinha; a realização do Curso Especial de Desminagem Humanitária do CFN, a cargo da Escola de Operações de Paz; e uma conduta militar exemplar compatível com a representatividade deste tipo de missão.

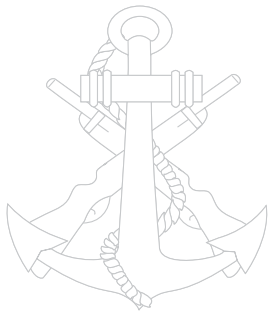
Nessa missão o Fuzileiro Naval exercerá em outra nação, uma função de extrema responsabilidade, sendo observado, diariamente, por militares de outros países.

Desde o ano de 1992, o CFN já enviou 41 Oficiais e 24 Praças para as missões de Desminagem Humanitária na América Central, na Fronteira Peru/Equador e na Colômbia, exercendo as funções de Chefe de Missão (CMG/CF), Monitores e Supervisores (Capitães, Tenentes, Suboficiais e Sargentos).

Conclusão

Em um mundo globalizado, no qual as Forças Armadas assumem, dia-a-dia, maior responsabilidade de resgatar a dignidade humana, por meio de Ações Cívico-Sociais, Missões de Paz e Missões Humanitárias, o CFN sempre atua de forma eficaz e destacada aonde quer que a missão se apresente. Não poderia ser de outra forma nas Missões de Desminagem Humanitária, em que os Fuzileiros Navais são reconhecidos pelo seu preparo profissional, extrema dedicação, entusiasmo, iniciativa e liderança. “Ad Sumus”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - estão disponíveis na Revista Âncoras e Fuzis eletrônica, no site www.ciasc.mb



Programa de Leituras Profissionais

Este programa destina-se a aprimorar os conhecimentos profissionais dos militares do CFN, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, do conhecimento da história militar e, principalmente, da capacidade de liderança do Fuzileiro Naval. Dentre os trabalhos encaminhados pelos Oficiais Fuzileiros Navais, o Centro de Estudos do CFN selecionou o do 1º Tenente (FNI) Carlos Eduardo Nunes Pessanha, sobre o livro “Maldita Guerra”, o qual parabeniza com um “Bravo ZULU”.

Introdução

Conhecer o passado glorioso da Marinha do Brasil e, principalmente, do Corpo de Fuzileiros Navais durante o maior combate em que o Brasil já se envolveu é condição *sine qua non* para que possamos valorizar cada vez mais a carreira de Oficial de Marinha e de Fuzileiro Naval, portanto a leitura de “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto, preenche uma lacuna importantíssima na formação dos Combatentes Anfíbios da Marinha Brasileira, no que tange a estudos mais profundos sobre a Guerra do Paraguai.

Ensinamentos

O autor explica o início do conflito por meio do processo histórico regional. É importante mencionar que é rejeitada a interpretação de que o imperialismo inglês seria o responsável pelo desencadear da luta. Doratioto relata o duro cotidiano das tropas aliadas e mostra toda a dinâmica da guerra, reavaliando a atuação de chefes militares como Mitre, Tamandaré e Caxias. Outro aspecto em pauta é o contexto internacional do conflito: a simpatia da opinião pública pelo lado paraguaio, a neutralidade das potências européias e a postura favorável ao Paraguai por parte dos Estados Unidos da América e dos países sul-americanos.

Confirma-se que a Guerra do Paraguai foi um marco na história dos países envolvidos. No caso do Brasil, absorveu recursos humanos e financeiros de que a economia brasileira carecia para sua expansão, fazendo com que o desenvolvimento da Nação fosse atrasado. No entanto, com sólida base documental, “Maldita Guerra” desfaz mitos antigos e recentes sobre o conflito, constituindo-se em obra de referência sobre o tema.

Desfazendo Mitos

A 7 de dezembro de 1864, o diplomata Edward Thornton, representante britânico na Argentina e no Paraguai, escreveu ao chanceler paraguaio José Berges uma carta que comprova o desinteresse da Grã-Bretanha na eclosão de uma guerra entre o Paraguai e seus vizinhos. No documento, Thornton afirma textualmente:

V.E. sabe que a Inglaterra também está em atritos com o Brasil, de modo que tanto por esse motivo, como pela falta de instruções de um governo, não poderia fazer nada de oficial com seu governo; mas particularmente sim, se puder servir, no mínimo que seja, para contribuir para a reconciliação dos dois países, espero que V.E não hesite em me utilizar.

A disposição do representante britânico de colaborar para evitar o conflito entre Brasil e Paraguai é uma das surpresas da obra de Doratioto, que desfaz um dos maiores mitos a respeito da Guerra do Paraguai: o de que o conflito teria sido provocado pelos interesses “imperialistas” britânicos. Tal fato é confirmado após verificação cuidadosa do autor e da forma como a história do Paraguai foi revista nos anos que se seguiram ao conflito.

Doratioto revela um aspecto surpreendente da construção mitológica no Paraguai: a versão gloriosa de um país igualitário, em processo de modernização, cercado por inimigos poderosos e liderado por heróicos patriotas, como Carlos López e, principalmente, seu filho Francisco Solano López, não surgiu imediatamente após a derrota, mas vários anos depois. Ela nasceu em fins do século 19, quando, no país devastado, surgiu uma nova geração de estudantes universitários e secundaristas, concentrados em Assunção, que se dedicaram à recuperação da auto-estima nacional.

Entretanto, ao longo dos anos, os positivistas desapareceram de cena, e o que prevaleceu foi uma história oficial, transmitida através das gerações, pelos bancos escolares. Nela, o Brasil teria sido vítima de um ditador megalomaniaco, empenhado em uma política expansionista, que provocou a guerra, apresando o navio “Marquês de Olinda” nas águas do rio Paraguai.

A figura de Solano López chegou ao clímax no final dos anos 1860, quando intelectuais o elevaram à condição de líder paraguaio. Uma geração inteira de brasileiros concluiu seus estudos secundários e superiores acreditando que o Paraguai alcançara um bom nível de desenvolvimento após a independência, possuindo um projeto autônomo e equilibrado de crescimento e que fora destruído pela Tríplice Aliança por representar uma ameaça aos interesses ingleses da região. A Grã-Bretanha teria se utilizado do Brasil, da Argentina e do Uruguai para pôr fim ao projeto paraguaio.

Na década de 1840, o país procurava obter o reconhecimento de sua independência e ampliar o contato com o exterior para modernizar sua economia. A nova orientação,

que ganhou força no governo de Carlos Antonio López e, principalmente, de Solano López, era uma tentativa de o Paraguai se inserir no mercado mundial. Com Carlos López, o Estado paraguaio implementou uma estratégia de “crescimento para fora”, possibilitado pela exportação de produtos primários. Sua rápida modernização, basicamente militar, deu-se sem o concurso de capitais estrangeiros, pois a tecnologia importada era paga à vista. Em 1854, Francisco Solano López foi enviado à Europa para comprar armamentos e estabelecer vínculos comerciais. Daí o fato de Doratioto considerar um outro mito a idéia de uma industrialização a partir “de dentro” a que teria se tornado uma ameaça aos interesses ingleses.

Dessa forma, as causas da Guerra do Paraguai devem ser buscadas na política regional. A guerra foi um desdobramento previsível de uma política exterior austera por parte do Paraguai, que se aproximou do Partido Blanco uruguaio, em detrimento dos interesses do Brasil e da Argentina. Fatores políticos internos desses dois países, a ascensão de um gabinete liberal no Brasil e a vitória de Mitre sobre Urquiza, favorecem a aproximação inusitada para a época, entre Brasil e Argentina. Não se trata de negar a influência exercida e os benefícios obtidos pela Grã-Bretanha durante o conflito, mas de retirar dos fatores do conflito “os interesses imperialistas ingleses”.

O autor não se limitou a rever toda a historiografia da guerra à luz das fontes documentais, elaborando uma análise da política internacional da bacia do Prata e fazendo uso de conhecimentos dos mais diversos, além de abordar aspectos tão variados como os interesses econômicos nacionais, os conflitos de natureza “geopolítica” e a personalidade dos dirigentes envolvidos no conflito.

O maior interesse da Inglaterra residia na estabilidade da região platina, eixo vital de seus negócios financeiros e comerciais, o que a estimulou a promover a independência do Uruguai em 1828. Quando a Guerra do Paraguai eclodiu, as relações entre o governo inglês e o brasileiro passavam por um mau momento, que chegaram ao extremo do rompimento das relações diplomáticas.

É certo que, uma vez iniciado o conflito, os círculos financeiros da Grã-Bretanha trataram de se aproximar dos dois maiores países participantes do confronto. É certo, também,

que as divergências foram superadas, conduzindo ao reatamento de relações entre o Brasil e a Inglaterra, em setembro de 1865. Mas, mesmo no terreno financeiro, em que os britânicos reinavam sem contraste, é importante constatar, como demonstra Doratioto, que os empréstimos externos não foram a principal fonte das despesas de guerra do Brasil. Tais despesas custaram ao país quase 11 anos de orçamento anual, em valores de pré-guerra, sendo em grande medida responsáveis pelo déficit público, nas décadas de 1870 e 1880. Porém, os empréstimos externos, segundo dados do Tesouro Real, representaram pouco mais de 8% do montante levantado para o financiamento do conflito.

Ao fim da Guerra, de um total de 139 mil homens enviados à frente de batalha, contaram cerca de 50 mil brasileiros mortos, a maioria vítima das epidemias. A Argentina perdeu em torno de 18 mil homens. Quanto ao Paraguai, não há números confiáveis, embora se possa afirmar que o país vencido saiu arrasado do conflito. Dentre outras coisas, a guerra revelou a involução que era a escravidão e criou condições para que as Forças Armadas, à época Marinha e Exército, começassem a desempenhar um papel relevante no cenário nacional.

Cabe, por fim, reler o trecho a seguir, que resume bem a argumentação de Francisco Doratioto:

Culpar a Grã-Bretanha pelo início do confronto satisfaz, nas décadas de 1960 e 1980, a distintos interesses políticos. Para alguns, tratava-se de mostrar a possibilidade de construir na América Latina um modelo de desenvolvimento econômico não dependente, apontando como um precedente o Estado Paraguaio dos López. Acabaram, porém, por negar essa possibilidade, na medida em que apresentaram a potência central – a Grã-Bretanha – como onipotente, capaz de impor e dispor de países periféricos (...). Como resultado, o leitor desavisado, ou os estudantes que aprenderam por essa cartilha, podem ter concluído que a história do nosso continente não se faz ou não se pode fazer aqui, pois os países centrais tudo decidem inapelavelmente. Os latino-americanos, nessa perspectiva, deixam de ser o sujeito de sua própria história, ou, de outro modo, vêem negado seu potencial de serem tais sujeitos. A visão maniqueísta e mistificadora de Solano López também interessava ao oficialismo paraguaio sob a ditadura de Stroessner. Solano López na condição de vítima de uma conspiração internacional, que preferiu morrer a ceder às pressões externas, conferiu um caráter épico para as origens do “coloradismo”.



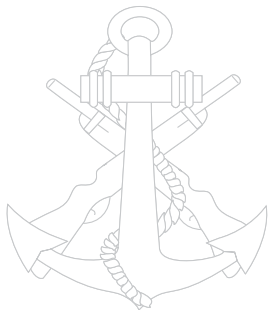
Soldados do Batalhão Naval em combate, a bordo da Fragata Amazonas – óleo sobre tela de Álvaro Martins

Conclusão

O livro de Doratioto foi muito além das interpretações do conflito e de suas causas: a obra constitui-se de uma excelente revisão de uma parte importante da história brasileira, uma época de grandes mudanças que culminariam, algumas décadas à frente com a transição do Brasil-Império para o Brasil-República e com o estabelecimento de uma nova ordem político-estratégica nas relações interiores e exteriores de nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORATIOTTO, Francisco. **Maldita Guerra: a nova história da Guerra do Paraguai**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



CMG (FN) Renato Rangel Ferreira
renato@cgfn.mar.mil.br

CF (FN) Osmar da Cunha Penha
osmar@ciasc.mar.mil.br

CT (FN) José Luiz de Melo Espíúca
40@2btlinf.mar.mil.br

CT (FN) Dagoberto Ferreira da Silva Junior
dagoberto.j@hotmail.com

Intenção do Comandante

“A formulação da ordem deixei para o Estado-Maior, à exceção de um parágrafo, o mais curto, que invariavelmente eu mesmo elaborei - a intenção. Isto dá, ou deve dar, exatamente o que o comandante pretende alcançar. É a expressão dominante de sua vontade por meio da qual, ao longo da operação, qualquer soldado ou oficial no exército será guiado. Ela deve, portanto, ser formulada pelo próprio Comandante.”

Field Marshall Sir William J. Slim
Comandante do Teatro Burma, 1941-45

O planejamento é uma responsabilidade fundamental do comando. Dessa forma, o Comandante, com base em sua experiência, não deve meramente participar, mas sim dirigir o processo de planejamento, orientando seu Estado-Maior no melhor caminho para a solução do problema militar em questão. Ao mesmo tempo em que dirige tal processo, o Comandante busca ganhar conhecimento e se atualizar situacionalmente para apoiar sua decisão. Sua ordem, comunicada de forma oral, gráfica ou escrita, traduz sua orientação em um conceito da operação.

As transformações e inovações tecnológicas, aliadas à rapidez da transmissão do conhecimento e informação, têm imposto novas concepções doutrinárias, moldando um novo campo de batalha e exigindo dos comandantes, em todos os níveis, intensas atitudes relacionadas à iniciativa, à sincronização e à capacidade de atuar na ausência de ordens. Nesse sentido, as necessidades de ampliação do propósito da missão, os efeitos desejados do escalão considerado e os mais amplos almejados pelo seu escalão superior não nos deixa dúvida sobre a importância da **Intenção do Comandante**.

Embora o realce desse conceito seja novo no CFN, a idéia de Intenção do Comandante permeava a doutrina de outros exércitos desde o segundo quartil do século XX. O *Truppenführung*¹ diz: “na guerra não há esquema. A guerra coloca o chefe e a tropa em face de situações sempre novas, diferentes e imprevisas”. Esse mesmo regulamento de doutrina militar acrescenta: “é corretamente admitido que um comandante, mesmo subalterno, em presença de uma situação que se modificou, mude ou transforme a missão que recebera, para agir por iniciativa própria, no sentido que acredite ser o espírito da decisão do comando.”

Os conceitos de Guerra de Manobra idealizados por Boyd e Willian S. Lind têm sido amplamente divulgados no âmbito do CFN, buscando-se empregá-los durante os planejamentos dos GptOpFuzNav. Dentre esses conceitos destacamos o Ciclo de Boyd e a Intenção do Comandante. Tal ciclo, também conhecido como Ciclo OODA, não tem sentido algum caso sua realização não seja de menor duração por nossas forças, comparando-se ao inimigo. Assim sendo, fará com que esse não consiga completar o seu ciclo, prejudicando a sua orientação e/ou fazendo com que sua conduta se torne inoportuna ou inapropriada, devido à alteração da situação para a qual esta foi inicialmente



O Ciclo de Boyd é a principal base teórica empregada na guerra de manobra, segundo a qual as ações no combate são desenvolvidas na seqüência OBSERVAÇÃO – ORIENTAÇÃO – DECISÃO – AÇÃO. Daí ser chamado, também, Ciclo OODA. Na primeira etapa, é percebida uma mudança no curso dos acontecimentos; na segunda é produzida uma imagem mental da nova situação; na terceira etapa chega-se à decisão da conduta a ser desenvolvida; e na última são implementadas as ações decorrentes da decisão tomada, voltando-se à da observação para um novo ciclo.

idealizada. Tendo sido o inimigo sucessivamente sobrepujado por um ritmo superior nas operações (Ciclo OODA mais rápido) executado por nossas forças, esse tenderá a ter sua coesão mental deteriorada, redundando na sua incapacidade de lidar com a situação em tela. Essa premissa de tempo na execução do referido ciclo impõe, aos comandantes subordinados, nos diversos escalões, uma necessidade de decisão rápida diante de uma situação inesperada, sem ter condições, muitas vezes, de fazer contato com o escalão superior para obter orientações sobre como proceder. Assim sendo, é extremamente importante o desenvolvimento da iniciativa nos diversos escalões e a confecção de planos, atentando-se para os conceitos de simplicidade e flexibilidade, de forma a permitir uma adequação a essas situações. Somado a isso, os subordinados precisam entender o contexto maior em que suas tarefas estão enquadradas, possibilitando-lhes o exercício da iniciativa em qualquer situação que se apresente.

A Intenção do Comandante é um dos conceitos centrais da guerra de manobra. É definida na doutrina do *United States Marine Corps*² como “articulação clara e concisa pelo Comandante do propósito que está por trás de uma ou mais tarefas atribuídas a um subordinado [...] que orienta o exercício da iniciativa na ausência de instruções³”. Embora uma situação possa mudar, tornando a tarefa obsoleta, a Intenção do Comandante é mais duradoura e continua a orientar as ações, permitindo aos subordinados o exercício do julgamento e da iniciativa quando há mudança na situação.

1 Regulamento sobre a Conduta da Tropa do exército alemão, publicado em 1933.

2 A Intenção do Comandante também encontra-se descrita no capítulo 3 do manual CGCFN - 0-1.

3 Manual “MCDP-1 Warfighting”.

ação inicial. Ela proporciona flexibilidade ao subordinado na execução do “como”. Mostra-se como a chave para o comando e controle descentralizado, auxiliando na priorização das tarefas e ajudando a unificar os esforços. Desta forma, a elaboração adequada da Intenção do Comandante e a atribuição de tarefas aos subordinados por efeitos desejados permitirão a flexibilidade e a iniciativa buscadas na guerra de manobra, fornecendo um enquadramento geral a ser seguido por todos.

“Cheguei à convicção muito forte de que a intenção do comandante é de longe a parte mais importante da ordem. [...] Pergunto-me, o que tenho que fazer para ter sucesso? Para atender a intenção do comandante? Depois de ter compreendido o que ele quer, posso fazer isso acontecer.”

Capitão Robert Burns
Companhia C, Desert Storm

A Intenção do Comandante estará sempre vinculada à sua personalidade e às características das operações militares. Não poderá ser “engessada” sob pena de, sendo pouco clara, acabar tolhendo as ações dos escalões menores; não deve conter conceitos e princípios doutrinários teóricos, sob pena de se resumir a simples afirmação do óbvio; tampouco deve conter idéias que caibam em itens específicos da Ordem de Operação. Sua importância aumenta direta e proporcionalmente ao incremento da descentralização das operações, as quais exigem uma maior iniciativa do subordinado.

A Intenção do Comandante centra-se no propósito da operação, que continua a orientar as ações dos subordinados; enquanto outras tarefas, tendo como foco aquela intenção, podem ser assumidas pelo subordinado conforme a situação se desenvolver. Diante de uma situação nova, em que não se tem contato com os superiores, e o mais antigo da cena de ação precisa tomar decisões, este baseia-se na “Intenção do Comandante” descrita na diretiva e vale-se do conhecimento amplo do propósito do superior para poder “tomar para si” a responsabilidade de assumir novas tarefas necessárias para que se possa alcançar o efeito desejado do superior. Dessa forma, o subordinado não “arvora” as tarefas impostas, mas, diante de um novo cenário e de conhecimento da Intenção do Comandante, assume nova tarefa com base na avaliação da situação apresentada, valendo-se de sua iniciativa.

Dentro do planejamento, na parte da análise da missão, a finalidade do estudo da intenção dos escalões superiores é conhecer e compreender a missão atribuída à unidade imediatamente superior, sendo que a análise da Intenção do Comandante dessa última permitirá compreender como a missão atribuída à nossa unidade contribuirá para alcançar o êxito no conjunto. Já a compreensão da Intenção do Comandante de dois níveis acima permitirá ao Comandante planejar e conduzir sua operação no mesmo contexto concebido por seus superiores. Para facilitar tal entendimento pelos subordinados, mostra-se essencial a descrição da missão e da Intenção do Comandante imediatamente superior no parágrafo primeiro, item “Forças Amigas” da diretiva.

Conforme o Comandante prossegue através do processo de planejamento, ampliando sua consciência situacional, surge a possibilidade de refinar sua intenção. A intenção fornecida para os subordinados na diretiva deve contribuir para a realização do propósito que um Comandante tenha recebido do escalão superior. Esse fluxo de intenção, de cima para baixo, fornece consistência e continuidade nas ações e estabelece o contexto que é essencial para o exer-

cício adequado da iniciativa de baixo para cima. Embora a situação possa mudar, subordinados que claramente entendem o propósito e agem para atingi-lo podem se adaptar à evolução das circunstâncias por conta própria, sem difusão do esforço ou perda de tempo, permitindo a manutenção de um ritmo elevado nas operações. Os comandantes subordinados poderão prosseguir no cumprimento da missão, por iniciativa própria e por meio da coordenação lateral com outras unidades.

Dentre os erros mais comuns na escrituração da Intenção do Comandante estão: a prolixidade e falta de foco; abordagem do “o que” e do “como”, esquecendo-se do “porquê”; escrituração por outra pessoa, que não o Comandante; e utilização de terminologia confusa e inconsistente. A escrituração deve retratar a visão clara e concisa do Comandante sobre a operação. Embora não tenha formato pré-estabelecido, deve conter: entendimento das atividades inimigas e a possibilidade do inimigo mais provável de ser adotada; o centro de gravidade identificado e a(s) vulnerabilidade(s) crítica(s) inimiga(s) visualizada(s) para explorá-los, bem como o modo Comandante vislumbra tal exploração (seu método); além do estado final do campo de batalha com respeito ao inimigo, às nossas forças e ao terreno, que, quando satisfeito, alcança o propósito da operação. Para sua redação deve-se ter presente que a mesma não é um conceito da operação resumido e que se refere à unidade como um todo. Não se deve aludir ao terreno em detalhe, salvo o imprescindível para o entendimento. Deve-se ser breve e conciso, embora sua redação e extensão dependam da personalidade do Comandante. Em suma, a Intenção do Comandante, a qual constará do parágrafo terceiro da diretiva, diz o “porquê” e o conceito da operação diz o “como”, representando um elo entre esse conceito e a missão recebida.

Como exemplo, no contexto de uma operação anfíbia, de Intenção do Comandante no nível GDB cuja missão é “Desembarcar por CLANf e ED, a Hora-H do Dia-D, na Praia Dbq-AMARELO, para conquistar e manter o Obj 1, a fim de contribuir para a conquista da CP até D+2”, poderíamos ter a seguinte redação (considere como propósito da operação anfíbia a negação das instalações do porto de MACABU pelas forças de VERMELHO):

“O 11º Batalhão de Infantaria Blindada posicionou uma de suas companhias na região ao S do Morro Salomão, permanecendo o restante do batalhão disperso em larga frente sobre terreno montanhoso e com poucas vias de comunicação (**entendimento das atividades inimigas**). O mais provável é que essa companhia busque retardar nossas ações, a fim de viabilizar possíveis reforços que impeçam o cumprimento de nossas tarefas (**possibilidade do inimigo mais provável**). Visualizo o comando do batalhão que está coordenando o emprego das dispersas peças de manobra inimiga como seu Centro de Gravidade e como vulnerabilidade crítica sua dificuldade de concentrar forças e reagir rapidamente para fazer frente ao nosso ataque devido às condições do terreno (**Centro de Gravidade e Vulnerabilidade Crítica do inimigo**). Assim, é minha intenção atacar o mais rapidamente possível para garantir a conquista do objetivo do ForDbq antes do inimigo conseguir reforçar seu poder de combate. O esforço principal será exercido pela 1ªCiaFuzNav(Ref) a N, a quem caberá explorar as brechas no dispositivo inimigo, para conquistar tal objetivo e destruir o PC do batalhão, o que tornará ainda mais difícil a coordenação das ações inimigas (**Método**). Visualizo que, ao final desta operação, a companhia inimiga localizada ao S do

Morro Salomão estará destruída e o batalhão inimigo estará sem condições de reforçar e prosseguir no combate; nossas forças estarão controlando o entroncamento da estrada do N com a estrada litorânea, mantendo o objetivo da ForDbq, e prontas para reajustar seu dispositivo para a manutenção da CP; e as localidades na zona de ação do GDB deverão sofrer o mínimo de danos possíveis (**Estado Final Desejado**)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN 0-1**: manual básico dos grupamentos operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2003.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Marine Corps. **MCDP-1**: warfighting. Washington, DC, 1997.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Marine Corps. **MCDP -5**: planning, Washington, DC, 1997.



IT (T-RM2) Jaqueline Vanessa Barbosa Melo
jaqueline@ciasc.mar.mil.br

Português para estrangeiros: uma nova perspectiva de ensino

Dentro de uma nova idéia do que seja ensinar e aprender português para estrangeiros, - mudando a concepção de que o ensino de idiomas não se prende somente ao ensino de estruturas, é fundamental trabalhar sob o ponto de vista que considere as quatro habilidades lingüísticas (ler, falar, escrever e entender), sendo essa a principal razão de discussão e questionamentos entre educadores nesse segmento do ensino.

Ao analisarmos o ensino de português para estrangeiros, devemos observar algumas questões importantes, como a experiência profissional, o material didático e a prática pedagógica. Talvez, muitos professores de língua portuguesa que atuam no mercado tenham em mente: “Se sou falante do idioma, tenho domínio suficiente para ensinar a minha língua...” ou “Os meus conhecimentos no idioma são suficientes para exercer tal atividade...”. A princípio, diríamos que “sim”, mas se analisarmos a questão mais profundamente, a resposta deveria ser “sim, mas só isso não é suficiente”. Além disso, é necessária a qualificação do profissional por meio de cursos, palestras ou leituras de publicações na área. Dessa forma, o professor estará ciente das novas abordagens, das práticas, dos métodos e técnicas do assunto, além de ter a possibilidade de trocar experiências com outros profissionais da área.

Ainda nesse contexto, o material didático é um importante ponto a ser considerado: o seu conteúdo deve incentivar o interesse pela aprendizagem, sendo uma ferramenta fundamental para estimular o aluno a utilizar o idioma a

partir de situações reais, ou seja, ele deverá possuir a capacidade de se expressar de forma concisa e coerente sobre assuntos conhecidos e no âmbito de interesse pessoal; assim, o aluno poderá se comunicar em situações simples do dia-a-dia, em que ocorra uma troca coesa e direta de informações sobre fatos conhecidos e usuais da sua esfera de vivência; por exemplo: não é tão necessário o estudante saber que ‘nós’ é um pronome pessoal e ‘a gente’ é um pronome de tratamento, mas sim que, em circunstância do cotidiano, os brasileiros empregam muito mais ‘a gente’ do que ‘nós’. Além disso, ao utilizarmos o ‘a gente’, a conjugação verbal deverá estar na terceira pessoa do singular, ou seja, igual a ‘ele/a’ e ‘você’. No exemplo citado, o aluno não deixa de ter um conhecimento gramatical, porém ele terá uma explicação mais prática do idioma. Dessa forma, temos a oportunidade de desmistificar a idéia de que quanto mais regras gramaticais o aluno possuir, maior será a facilidade de solucionar as suas dificuldades em se comunicar.

No âmbito da semântica, independentemente da língua materna, os alunos demonstram dificuldades com o significado dos vocábulos, principalmente com os falsos cognatos e as expressões idiomáticas, pois, ao procurarem nos dicionários, nem sempre acham o significado que seria mais adequado àquele determinado contexto. Já quanto ao conteúdo morfológico, o aluno tem maiores dificuldades na flexão de gênero e número, nas preposições, no emprego dos comparativos e superlativos e nas flexões verbais.

Nessa modalidade de ensino, o papel do professor é importantíssimo para o processo ensino-aprendizagem. Para isso, o docente deve refletir sobre a sua própria prática pedagógica, visando selecionar quais são as melhores abordagens e os métodos para os seus alunos. Além disso, a escolha do material didático associada a uma metodologia adequada ao nível da turma são os diferenciais para o objetivo principal: o sucesso do ensino da língua portuguesa para estrangeiros.

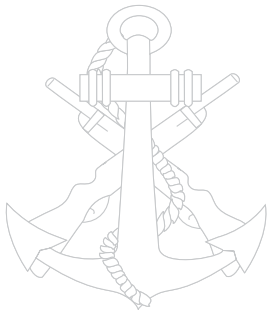
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Emma Eberlein O.F. et al. **Avenida Brasil 1**. São Paulo: EPU, [200-]

FERNANDES, Gláucia Roberta Rocha; FERREIRA, Telma de Lurdes São Bento; RAMOS, Vera Lúcia. **Muito prazer: fale o português do Brasil**. São Paulo: Disal, 2009.



Ten. Jaqueline com turma de português para estrangeiro (namibianos)



SO-FN-AT Erinaldo Victor da Silva
erinaldovictor@gmail.com

Formosa 2009

No período compreendido entre 06 e 09 de novembro de 2009, os alunos do Curso de Aperfeiçoamento em Artilharia (C-Ap-AT) e do Curso de Especialização em Artilharia (C-Espc-AT) do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) acompanharam o exercício ESFOG-ART IV do Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais (BtlArtFuzNav), realizado no Campo de Instrução do Exército Brasileiro, em Formosa-GO.

No dia 09 de novembro os alunos dos Cursos de Aperfeiçoamento e de Especialização em Artilharia assumiram as funções intrínsecas à Artilharia de campanha, supervisionados por militares do BtlArtFuzNav e instrutores do CIASC. Os alunos do C-Ap-AT atuaram como Chefes dos Calculadores e Chefes de Peça e os alunos do C-Espc-AT como Controladores Horizontais, Controladores Verticais, Cabos Apontadores e Chefes da Munição, utilizando como munição de exercício a Granada EX RO 38-05 105mm.

Esse exercício pode ser considerado como a primeira ESFOG da Escola de Artilharia do CIASC, porque nas oportunidades anteriores os alunos normalmente não assumiam as funções nas peças e centrais de tiro e também não havia

grande disponibilidade de munição para sua instrução.

Além das atividades ligadas à Artilharia de Campanha, os alunos também puderam acompanhar outras atividades desenvolvidas pelas diversas organizações militares da Força de Fuzileiros da Esquadra que estavam presentes ao exercício, tais como os disparos dos Mísseis Superfície-Ar MISTRAL e Anticarro BILL, a execução de tiro real pelos carros de combate SK-105 e o emprego do binômio carro de combate e infantaria, com uso de munição real e disparo do lançador de mísseis astros II do Exército Brasileiro.

O exercício contribuiu de forma significativa para a formação dos graduados, proporcionando-lhes melhores condições para que possam assumir suas futuras funções com segurança.



Aluno do C-Espc-AT apontando a peça



Assessoria de Comunicação Social

Atividades no CIASC

Presidente da CEDAE visita o CIASC

Prosseguindo no caminho da melhoria contínua, o Comando do CIASC convidou o presidente da Companhia Estadual de Águas e Esgoto do Rio de Janeiro (CEDAE), Wagner Vicker, para conhecer as instalações deste Centro de Instrução. As propostas da visita foram apresentar ao presidente os problemas crônicos de fornecimento de água e tratamento de esgoto da OM, bem como de todo o Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG), e buscar parceria para soluções financeiras mais viáveis. O evento, que foi revestido de amplo sucesso, contou com a presença do Comandante da Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador (BFNIG), CMG (FN) Marcus Vinicius.

Ao longo do encontro, Wagner Vicker conheceu o programa Forças no Esporte (desenvolvido pelo CIASC e que atende cerca de 200 cidadãos mirins em suas instalações) e convidou os jovens para um passeio na Estação de Tratamento de Água do Guandu, localizada em Nova Iguaçu. “Lá elas irão conhecer como conseguimos transformar uma água barrenta e turva em água pura e cristalina”, acrescentou o presidente. Aproveitou e também convidou os alunos do Curso de Habilitação a Sargento (C-Hab-SG) a conhecerem a Estação Alegria, a obra mais importante do Programa de Despoluição da Baía Guanabara.



Visita do General Burmann ao CIASC

No dia 19 de abril de 2010, o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) recebeu a visita do General-de-Exército Clovis Jacy Burmann, Presidente da FHE/POUPEX. O encontro ocorreu em função de um convite enviado pelo Comandante do CIASC, após agradecimento por mais um valioso patrocínio da revista “Âncoras e Fuzis”, produzida pela OM. O almoço contou com a presença do Comandante do Pessoal de Fuzileiros Navais, Vice-Almirante (FN) Marco Antonio Corrêa Guimarães e dos principais assessores do General: Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Ronaldo Megdalani, Chefe do Escritório da FHE/POUPEX no Rio de Janeiro (ESCRJ), Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN-RM1) Jorge de Oliveira Carlos, Chefe do Posto de Atendimento da Freguesia (PSTFR) e Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-RM1) Genildo Rodrigues de Araújo, Chefe do Posto de Atendimento da Avenida Brasil (PSTAB).

Durante a visita, o General conheceu algumas instalações do Centro de Instrução, incluindo as do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CAOCFN), as salas de aula do Departamento de Instrução, o Centro de Estudos do CFN, a Escola de Operações de Paz do CFN (EO-PAZ) e a Biblioteca do CFN. Em seguida, visitou as instalações do Posto de Atendimento da Freguesia, localizado no CIASC.

O General ficou particularmente entusiasmado quando



observou as 200 crianças do Programa Forças no Esporte e quando tomou ciência das perspectivas futuras de melhorias planejadas pelo CIASC para esse programa, que atende a crianças entre 10 e 14 anos cursando o período escolar do 6º ao 9º ano, e tem como uma das finalidades o desenvolvimento e o acompanhamento de novos talentos esportivos.

Forças no esporte em 2010

O Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), desde 2008, implantou o programa “Forças no Esporte”, projeto que promove, por meio da prática de esportes, a inclusão social de crianças cuja faixa etária compreende as idades entre 10 e 14 anos. Os adolescentes têm a oportunidade de praticar esportes, assistir a aulas de reforço escolar, receber atendimento médico e odontológico, além de alimentação, roupas e transporte.

Neste ano, a abertura do evento foi em 19 de abril, com a presença do Comandante do CIASC, que disse estar trabalhando para que, no futuro, possa colocar mais crianças no projeto: “Faço questão de estar sempre presente nas atividades do ‘Forças no Esporte’. As crianças nos dão um grande retorno. Devemos fazer o que está ao nosso alcance para que sejam melhores do que nós somos. Devem ter um futuro melhor do que nosso presente”.

Os pais e as próprias crianças afirmam que: “a inclusão no projeto é um estímulo para os alunos”. Gabriela Rodrigues, 12 anos, estudante da Escola Municipal Sun Yat Sen, afirma que já gostava de esportes antes e que seu rendimento nos estudos melhorou bastante. A mãe de Gabriela, Regiane Nascimento, atendente de consultório dentário, diz que a filha conheceu vários amigos e que está ansiosa para o início das aulas de natação; comenta ainda que, com a ajuda das atividades esportivas, vai emagrecer.

O coordenador Técnico, Primeiro-Tenente (RM2-T) Alexandre Barauna, formado em Educação Física, diz que o plano é desenvolver entre as crianças, em estado de vulnerabilidade social, atividades esportivas e sócio-educacionais: “Essas crianças estão restritas às oportunidades, que o am-

biente em que vivem oferecem. O intuito é dar a elas chance de conhecer profissões diferentes e uma outra realidade”.

Segundo o organizador, o comportamento dos estudantes melhora, pois eles passam a se sentir diferenciados dentre os outros: “Eles não querem perder a chance de continuar participando do programa”.

Além dessas vantagens, as bibliotecárias da Biblioteca do CFN lêem um livro diferente em conjunto com as crianças, toda semana, com o intuito de fomentar a leitura, e o CIASC oferece aos participantes assistência em caso de possíveis acidentes e palestras educacionais sobre cuidados bucais e meio ambiente.

A Diretora de uma das escolas participantes, Teresa de Fatima Coutinho, concorda que sente uma diferença no comportamento dos estudantes e que os pais acham confortável saber que enquanto estão no trabalho, seus filhos realizam atividades produtivas dentro de uma instituição de confiança: “A iniciativa é excelente! As crianças mais novas ficam ansiosas para atingirem a faixa etária exigida pelo projeto”.



I Jornada de Operações Psicológicas e I Jornada de Operações de Paz, maio/2010

Com o objetivo de divulgar as atividades desenvolvidas durante as missões de Paz, nos níveis operacionais e táticos, e apresentar as principais lições aprendidas, o CIASC realizou, nos dias 07 e 10 de maio deste ano, respectivamente, a I Jornada de Operações Psicológicas e a I Jornada de Operações de Paz.

Na Jornada de Operações Psicológicas, os palestrantes Adriana Kühn, CC (FN) Werner, T Cel (Art) Lima e CMG (FN) Sousa apresentaram, ao longo do dia, métodos e procedimentos interativos para o eficiente emprego das tropas, utilizando ferramentas de Comunicação Social, tais como



panfletos e comerciais de televisão. Esse tipo de ação se diferencia da finalidade da mídia como um todo, pois não tem compromisso com a verdade, mas sim com a missão. As Operações Psicológicas podem ser utilizadas para conquistar o apoio da população local, bem como para enfraquecer o inimigo durante a batalha.

Seguindo o caminho da especialização e da busca pela excelência, a Jornada de Operações de Paz teve o propósito de apresentar e discutir os aspectos relevantes da participação do 11º Contingente do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) na MINUSTAH. Com uma visão objetiva das atividades realizadas, palestrantes e convidados dialogaram sobre os principais desafios e dificuldades encontrados pelo grupamento. Estiveram presentes ainda os representantes dos seguintes órgãos: MD, CGCFN, ComOpNav, CPesFN, Com1ºDN, ComFFE, ComDivAnf, EN, DASM, SASM, 1ºBtlInfFuzNav e 3ºBtlInfFuzNav, que nucleará o próximo contingente.



Seminário de Operações de Paz - Pró-Defesa: Os Fuzileiros Navais operando em prol da paz no Haiti

Conforme fora publicado na edição anterior, segue a continuação da matéria sobre o 1º Seminário de Operação de Paz, que ocorreu em novembro de 2009.

O Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), por meio da Escola de Operações de Paz do CFN (EOPAZ), realizou, em suas instalações, o 1º Seminário de Operações de Paz Pró-Defesa, nos dias 16 e 17 de novembro de 2009, como uma das atividades do Programa Pró-Defesa, que reúne o Comando-Geral do CFN, os Institutos de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e a Escola de Guerra Naval (EGN), com o propósito de debater a participação brasileira em operações de paz, com ênfase na MINUSTAH.

O cenário encontrado à época no Haiti e a atuação da tropa brasileira na MINUSTAH foram os temas centrais do seminário. O Almirante-de-Esquadra (FN) Alvaro Augusto Dias Monteiro, Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais (COMGER), saudou a todos na cerimônia de abertura, fazendo um breve

comentário sobre a trajetória histórica dos fuzileiros navais nas Operações de Paz, seja por meio do envio de Observadores Militares, Oficiais de Estado-Maior ou contingentes de tropa.

A participação na MINUSTAH é uma prioridade para a Marinha do Brasil e vem agregando valores e experiências aos militares fuzileiros navais. O COMGER destacou também a importância do evento em se tratando da integração do conhecimento acadêmico com o saber militar, visto que parte significativa da platéia era formada por universitários: "Trata-se de um relevante cabedal de conhecimentos e experiências profissionais valiosas que adquirimos por meio de nossa participação em todas as operações de paz, sujeitas a diferentes contextos e mandatos das organizações internacionais que queremos compartilhar com o meio acadêmico".

Durante os dois dias do evento, apresentaram-se no seminário 29 palestrantes, divididos em seis tópicos de discussão: 'Aspectos conceituais (históricos/comparativos)

& espaço humanitário'; 'Operações multi-dimensionais/interações cívico-militares'; 'Uso da força'; 'A preparação para a atuação em missões de paz'; 'O Brasil, a América do Sul e as Operações de Manutenção da Paz (processo decisório/integração regional)' e 'Haiti: cenários e perspectivas'. Ao final de cada bloco houve um período de debates, em que era possível, aos presentes, fazer perguntas aos palestrantes ou mesmo fazer



comentários sobre o conteúdo exposto. Equipamentos, viaturas e materiais diversos utilizados pelos Fuzileiros Navais na MINUSTAH foram expostos por meio de um mostruário, sendo possível, a todos os presentes, conhecer um pouco mais sobre tais meios e mesmo manusear alguns desses equipamentos. Observou-se ainda nas instalações do 3ºBtlInfFuzNav demonstrações práticas sobre algumas atividades realizadas pela tropa na MINUSTAH, dentre elas a Operação de Vasculhamento em área urbana e o Controle de Distúrbio em áreas onde existam protestos e riscos de ataques de pontos sensíveis.

A conferência de honra ficou a cargo do Embaixador Brasileiro no Haiti, Igor Kipman, que apresentou algumas atividades em andamento nesse país, que contam com o apoio do Brasil, tais como esforços para o desenvolvimento e a redemocratização do país, revitalização das instituições públicas, segurança, criação de infra-estrutura econômica e social, saneamento básico e recuperação da produção local de alimento.

O embaixador destacou a extrema complexidade de se reorganizar um país por muitos anos abandonado e devastado pela miséria, citando também as naturais dificuldades para a aceitação, por parte da população local, das tropas militares estrangeiras. Questionado sobre o Brasil ser um dos países representados com tropas na missão, Igor Kipman defendeu a presença brasileira no Haiti, reiterando que a MINUSTAH não é uma força de ocupação e, sim uma força que tem como missão prover a manutenção da paz naquele país, estando lá a convite das autoridades haitianas. O embaixador lembrou ainda, que o Haiti não possui um Exército próprio, cabendo à Polícia Nacional a função de garantir a segurança não apenas para os civis, mas também nas fronteiras, o que o faz no momento com muitas dificuldades.

Mônica Hirst, professora e doutora da Universidad Torquato di Tella na Argentina, afirmou ser relevante a missão no Haiti como laboratório para cooperação regional nas Américas, principalmente nos países da América do Sul: “Eu vejo as operações de paz como uma extensão de uma agenda regional de cooperação militar, baseada no compartilhamento de afinidades democráticas”, lembrando o fato de termos pouco conhecimento sobre o Haiti e que este, por sua vez, também pouco sabe sobre as nações latino-americanas que participam da MINUSTAH.

Clóvis Brigagão, professor da Universidade Cândido Mendes, pontuou o grau de profissionalismo, a flexibilidade e a adaptação dos Peacekeepers para atuarem em qualquer situação na área da missão. Disse ainda, que um dos objetivos da missão de Paz é a atuação em ambientes de guerra, buscando uma solução entre as partes conflitantes: “O Brasil tem desempenhado com louvor o Comando da MINUSTAH e tem despertado a confiança e a admiração dos outros contingentes. É notável, além da seriedade e do profissionalismo como desempenha suas tarefas, a maneira educada como a tropa brasileira trata a população haitiana, criando um ambiente favorável para as negociações e para o cumprimento do previsto no mandato. Vale lembrar, ainda, que se trata de um ambiente operacional onde a pressão e o estresse estão sempre presentes, e a dúvida sobre o que virá pela frente é permanente. A comunidade internacional não cansa de exaltar as atitudes dos militares brasileiros, e muito hoje se fala na missão sobre a “Maneira Brasileira de Fazer Operações de Paz”.

Don Hubert, professor da Universidade de Ottawa, no Canadá, em dez anos de pesquisa sobre a prática de mis-

sões de paz, avaliou que falta atenção quanto à segurança da população: civis e inocentes precisam ser preservados em situações de guerra e há muito o que fazer para que isso seja posto em prática – “Se um número alto de civis morre numa missão, ela fracassou”. No tocante à noção de intervenção humanitária, o pesquisador expôs: “Se a situação do povo é ruim, é porque o próprio governo o está matando. É preciso que outros países intervenham nesse sistema.” E como referência, citou um documento da ONU que diz: “... quando o Estado falha em proteger a sua população, outros países podem agir.” Hubert agregou ao seu discurso que as missões podem proteger os civis usando qualquer recurso necessário, inclusive a força letal, desde que assim esteja previsto no Mandato, respeitando-se as Regras de Engajamento. Para o professor, o sucesso da operação de paz depende da proteção da população local; do contrário, não é possível obter êxitos.

Na visão da conselheira Gilda Motta Santos Neves, chefe da Divisão das Nações Unidas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, “o uso da força é aceito em casos de autodefesa, obstáculos ao cumprimento da missão e proteção aos civis, desde que com a imprescindível autorização do Conselho de Segurança da ONU”.

O sucesso obtido pelas tropas brasileiras na MINUSTAH é reflexo de diversos fatores, como o intenso treinamento, o permanente acompanhamento social e psicológico aos militares e suas famílias e a eficiência da cadeia logística. O Capitão-de-Fragata (FN) Alexandre Aballo Nunes, encarregado da EOPAZ, afirmou: “Para que o envio dos contingentes e dos militares em missões individuais seja feito de maneira adequada, com um preparo formalizado, é preciso que a Marinha do Brasil e o Corpo de Fuzileiros Navais contem com uma estrutura permanente que possa desenvolver atividades voltadas para as Operações de Paz, particularmente aquelas relacionadas ao treinamento e à preparação do pessoal, tanto para missões individuais quanto para os contingentes de tropa”. No seu entendimento, o aprendizado adquirido pelos militares brasileiros nas operações de paz (Lições Aprendidas) é de fundamental importância na preparação dos futuros contingentes de tropa e também para aqueles designados para missões individuais.

A comissão de palestrantes contou com presenças marcantes como a do Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães (Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos do Brasil); dos Almirantes-de-Esquadra Mauro César Rodrigues Pereira e Alvaro Augusto Dias Monteiro; do Embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman; e da Embaixatriz Roseana Kipman; além de representantes internacionais das delegações da ONU e da OEA, da Argentina, do Canadá, do Chile, dos Estados Unidos, do Haiti, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e das Organizações Não-governamentais como Médicos Sem Fronteira, Viva Rio e demais autoridades brasileiras.



Bernardinho discorre sobre liderança para mais de 500 militares

Autor do livro “Transformando suor em ouro”, Bernardo Rocha de Rezende, o “Bernardinho”, palestrou para mais de 500 pessoas no auditório do CIASC. O evento, ocorrido no dia 02 de dezembro de 2009, foi elogiado na ocasião pelos participantes e é lembrado até hoje entre os nossos militares. O convite partiu do interesse pelo tema “liderança” e como aplicá-lo no dia-a-dia da nossa instituição, a partir do exemplo de pessoas bem-sucedidas em suas áreas de atuação, fora do âmbito militar.

Na palestra, que teve como tema “Excelência, Conquista e Sustentabilidade”, Bernardinho, ao longo de 1h de apresentação, destacou como principais características de líderes, a transparência, o desenvolvimento de um relação de confiança, a proximidade com a equipe e a instigação do inconformismo, ou seja, exigência cada vez maior com relação aos subordinados.

“Disciplina é a ponte que liga nossos sonhos às nossas realizações”: essa foi uma das principais afirmativas do palestrante, frase do jogador de futebol americano, Pat Tillman, que lembrou ser o treinamento um passo primordial e básico para o sucesso. Acrescentou que, para sermos bem-sucedidos, é necessário termos determinação, genialidade e paixão pelo



“O sentido de coletividade é mais importante do que eventuais centelhas individuais”

que fazemos – essa paixão é que irá nos impulsionar para onde queremos chegar.

O técnico da Seleção Brasileira de vôlei masculino tem como característica inspirar as pessoas com os seus exemplos de obstinação e liderança. Nas quadras, não poupa a voz e está sempre atento aos detalhes, orientando e chamando a atenção dos jogadores com muito pulso firme; mas, como afirmou na sua apresentação, pouco comemora, pois julga que a vitória do passado não garante a vitória do futuro – ele está constantemente preocupado em não se acomodar, buscando novas conquistas e superações.

Após a palestra, foi convidado para conhecer a Biblioteca do CFN, onde autografou um exemplar de sua obra, que faz parte do “Programa de Leituras Profissionais”. Tal programa tem como finalidade aprimorar o conhecimento e as competências individuais, dos militares do CFN, bem como desenvolver a capacidade de análise, a síntese e o raciocínio lógico voltados para a obtenção de conclusões próprias.

Como fundador da Organização Não-governamental (ONG) Instituto Compartilhar, localizada em Curitiba/PR, Bernardinho acredita que pode criar oportunidades para jovens de baixa renda e, por meio da prática esportiva, contribuir para a formação deles. A ONG atende cerca de 3.800 crianças. Maiores informações podem ser obtidas no site www.compartilhar.org.br.

O Legado do CFN

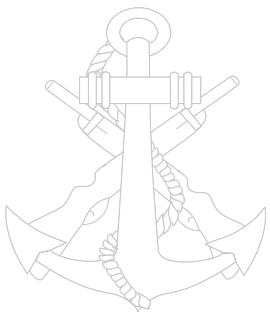
Fraco é o homem que não conhece a sua própria história, a história de sua família, de sua instituição e de seu país, pelo simples fato de não compreender a “razão última das coisas primeiras”. Nesse sentido, diante das dificuldades e dos desafios do dia-a-dia, a comparação de nossa instituição com outras que estejam na vanguarda do estado da arte deve servir-nos de inspiração e motivação, como fator de ânimo e alento. Entretanto, para que esse fenômeno ocorra, mostra-se fundamental conhecermos o legado deixado por nossos antecessores, rendendo-lhes o devido reconhecimento. Tal percepção foi o elemento inspirador para a incorporação de espaço, dentro do círculo de palestras curriculares do CAOCFN, destinado ao tema “O Legado do CFN”, como forma de passarmos às novas gerações de Capitães-Tenentes um conhecimento mais profundo da história recente do Corpo de Fuzileiros Navais.

Dando cumprimento a essa atividade curricular no presente ano, o Alte Esq (FN-RM1) Carlos Augusto Costa, Ex-Comandante-Geral do CFN, proferiu, no dia 16 de março, palestra cujo título foi “De Tropa de Guarda à Força Expedicionária – Uma Evolução”. Dividida em dois blocos principais, a apresentação focou a trajetória da instituição a partir de 1932, quando passou a ser denominada “Corpo de Fuzilei-

ros Navais”. O primeiro bloco abrangeu as mudanças organizacionais e do material típico de fuzileiros navais, cujo ápice fora alcançado com a tão almejada aquisição dos carros-lagarta anfíbios (CLAnf). O segundo bloco focou a aquisição dos novos meios navais necessários à condução das operações anfíbias, em especial os Navios-Desembarque Doca (NDD) e a evolução doutrinária, cuja independência fora alcançada a partir da década de 1980. Nesse mesmo bloco, ainda foram enfatizadas as recentes aquisições de meios navais e de fuzileiros navais, tais como as VBTP “Piranha” e os NDCC Garcia d’Ávila e Alte Sabóia, incorporados ao inventário da Marinha do Brasil. Por todo o histórico exposto pelo Alte Carlos, conhecedor profundo da causa, a palestra mostrou-se como um excelente elemento motivador não só para os Oficiais-alunos do CAOCFN, como também para todos os demais presentes.

E AGORA?
CABE AOS
SENHORES
ESCREVEREM





Biblioteca do CFN

A Biblioteca adquiriu novos títulos sobre *LIDERANÇA*. Eles estão disponíveis para empréstimo com o prazo para devolução de 15 dias, podendo ser renovado, caso não haja nenhuma reserva.

Qualquer dúvida, entrar em contato por meio do telefone 3386-4511 ou e-mail biblioteca@ciasc.mar.mil.br

Título: O poder de delegar

Autora: Donna M. Genett

O livro ressalta a importância da liderança e a sabedoria de delegar. Atualmente, muitos profissionais acabam tomando para si atividades que, se delegadas de maneira correta, com a objetividade e o detalhamento necessários, renderiam grandes resultados e mais: proporcionariam o tempo, a tranquilidade e o distanciamento essenciais a uma gestão competente.



Título: Liderança no limite

Autor: Dennis N. T. Perkins

Este livro fala sobre a expedição de Sackleton com seu grupo de marinheiros e cientistas com a intenção de atravessar o desconhecido continente Antártico. Com suas dificuldades excepcionais e seu desfecho triunfante, ressalta a mais pura essência da liderança eficiente. Exemplifica como grandes líderes podem conferir ordem ao caos e alcançar o sucesso diante da mais temível adversidade.



Título: A arte da liderança

Autor: Stephen Wentworth Roskill

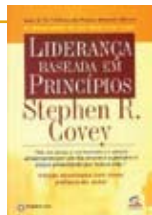
O autor focaliza as principais características da liderança, em todos os seus aspectos, e expõe seu ponto de vista, com muita clareza e propriedade, além de assinalar as questões indispensáveis ao exercício da liderança.



Título: Liderança baseada em princípios

Autor: Stephen R. Covey

A liderança baseada em princípios é um paradigma inovador, uma nova maneira de pensar que auxilia a solucionar dilemas clássicos da vida moderna. Este consagrado livro, mostra como adquirir uma compreensão dos princípios básicos da liderança pessoal eficaz, o que ajudará os leitores a encontrar caminhos para solucionar questões da área profissional, pessoal e em diversos outros níveis.



Título: Liderança militar

Autor: Jarbas Gonçalves Passarinho

O autor discute os tipos de liderança militar, ressalta o problema das relações entre comandantes e comandados, entre chefes e subordinados e ainda destaca a importância do conhecimento da estrutura da personalidade de cada liderado.



Título: Lições de liderança em tempos de guerra

Autor: William A. Cohen

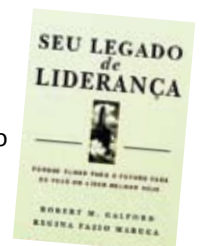
Este livro contém estudos inspiradores sobre planejamento e solução de problemas, trabalho em equipe e treinamento, competência e compromisso, adversidade, motivação, integridade, construção de moral e tudo o que envolva a arte da liderança, para se conquistar vitórias nas arenas dos negócios, da guerra e da vida.



Título: Seu legado de liderança

Autores: Robert M. Galford e Regina Fazio Maruca

Baseado em histórias detalhadas de grandes líderes que construíram carreiras de sucesso, 'Seu Legado de Liderança' explora a arte de criar um 'projeto de legado' e as maneiras como isso pode exercer um efeito positivo imediato no trabalho.



Título: Liderança

Autor: Max de Pree

O livro mostra que as mais bem-sucedidas organizações da era da informação não operam como conjuntos controlados de recursos humanos, mas como comunidades dinâmicas de pessoas livres. Para mobilizar essas comunidades, os líderes precisam saber como liderar sem exercer poder, pois pessoas livres obedecem de acordo com sua vontade ou então não obedecem.



Título: O livro de ouro da liderança

Autor: John C. Maxwell

O autor destaca as principais ações de um líder, e garante que os ensinamentos sobre liderança podem ser aprendidos por qualquer pessoa. Ao aplicar os conhecimentos que estão neste livro, o leitor terá uma visão clara sobre liderança e a contribuição que toda equipe tem para oferecer.



Com a finalidade de estimular o uso dos recursos audiovisuais como forma de apoio ao processo do conhecimento, a Biblioteca disponibiliza coleções de DVD para empréstimo domiciliar, iniciativa que visa a complementar as atividades sócio-educacionais e também a reforçar o seu compromisso com o aprimoramento intelectual dos militares do CFN.

O Resgate do Soldado Ryan

Sob a óptica de um batalhão, o filme se desenrola durante a 2ª Guerra Mundial, com o desembarque das tropas das Forças Aliadas na Normandia (história da invasão do Dia D).



Os militares embarcam em uma perigosa missão especial, pois o Capitão John Miller (Tom Hanks) deve conduzi-los para atrás das linhas inimigas, a fim de encontrar o soldado James Ryan, que teve seus três irmãos mortos em combate.

Enfrentando obstáculos classificados como impossíveis, esses militares questionam suas ordens: "Por que oito homens estão arriscando suas vidas para salvar apenas a de um?". Cada homem, cercado pela brutal realidade da guerra, procura sua própria resposta e a força para triunfar em relação a um futuro incerto com honra, decência e coragem.

Heróis da II Guerra Mundial

Durante os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, quando os senhores da guerra desencadearam seu terror sobre um mundo horrorizado, alguns guerreiros foram para a frente de suas tropas a fim de conduzir seus soldados à procura de justiça e tornaram-se, por sua vez, os heróis da liberdade. A coleção de DVD conta as histórias verdadeiras desses heróis da Segunda Guerra Mundial.



Band of Brothers

Adaptado do best-seller de Stephen E. Ambrose, Band of Brothers narra a história da Companhia Easy, 506º Regimento de Pára-quadistas do Exército norte-americano: na manhã do dia D, os homens da companhia de elite saltaram na França, lutaram na batalha de Bulge e renderam o quartel-general de Hitler em Berchtesgaden.



Com produção executiva de Steven Spielberg e Tom Hanks, também co-diretor, e com base em entrevistas dos sobreviventes, diários e cartas dos soldados, são relatadas as experiências do pelotão, que sofreu incontáveis baixas, cujos homens conheceram a coragem e o medo, tornando-se, por isso, lendas.

Guerra ao Terror

Inserida em um contexto urbano onde ameaças catastróficas são iminentes, a temática é um retrato arrebatador da guerra no Iraque, que abrange o relacionamento entre soldados estadunidenses vivenciando missões juntos, sobretudo centradas em um grupo especialista em desarmar bombas. A diretora Kathryn Bigelow administra com eloquência o dia-a-dia de uma equipe entregue ao terror que a guerra impõe, cujo cenário é perturbador, perigoso e dito infernal, mas não para os soldados que encaram a situação de sobrevivência de maneira atípica e assustadoramente rotineira.



As Batalhas da 1ª Guerra Mundial

Também conhecida como Grande Guerra, Guerra das Guerras ou a Última Guerra Feudal, a Primeira Guerra Mundial foi o primeiro conflito a envolver países de quase todos os cantos do planeta. Ocorrida entre 1914 e 1918, causou o colapso de impérios, deixou aproximadamente 10 milhões de mortos e mudou, de forma radical, o mapa geopolítico do mundo. Como outros combates anteriores, nações rivais se enfrentaram por terra e mar, mas foi a primeira vez que países se atacaram por meio aéreo. No entanto, apesar de sua ferocidade, as batalhas foram desenvolvidas, principalmente, dentro de trincheiras, criando até mesmo um "código de cavalheiros" entre os combatentes, que chegavam a ficar centenas de dias em campo aberto, lutando, homem a homem, por pequenos pedaços de terra.



Armas que Mudaram a Guerra

A coleção de DVD narra a história dos Exércitos e seus soldados e das armas que o homem desenvolveu, construídas com perfeição tecnológica. Cada episódio enfoca um tipo de arma e explica o funcionamento e o seu uso em cada batalha.





MEIO AMBIENTE em linguagem clara & simples

Educação Ambiental na Marinha

Nas últimas edições desta coluna, abordamos temas considerados centrais para a compreensão da problemática ambiental. Gerenciar os resultados de nossas atividades de forma que esses não afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente, tornou-se um dos maiores desafios do terceiro milênio e, nesse contexto, as organizações militares da Marinha assumem posição de destaque na construção de mudanças comportamentais do seu pessoal, principalmente pelo numeroso capital humano que comportam. Em especial, Unidades de Ensino como CIASC, CEFAN, CIAMPA, CIAB e CADIM, por serem verdadeiros centros de reflexão, disseminadores de informação, possuem um excelente potencial para gerar novos conhecimentos, criar novas concepções e incentivar a participação de seus alunos como forma de desenvolver o comprometimento com as questões ambientais, assim como uma análise crítica da realidade social e dos novos conflitos ambientais a que estamos expostos.

No mês de agosto de 2009, a DENSM enviou às unidades da Marinha onde ocorrem diferentes modalidades de ensino, em todos os níveis, um CD contendo um livro, com 33 capítulos, denominado “Os diferentes matizes da Educação Ambiental no Brasil 1997-2007” e mais, aproximadamente, 300 anexos e apensos que se dividem em: diplomas legais, documentos técnicos, publicações do MEC, programas e relatórios nacionais e internacionais, todos versando sobre educação ambiental. Tais documentos apresentam a evolução histórica da Educação Ambiental no Brasil e no mundo e os desafios encontrados para sua implementação nas instituições de ensino. Além disso, têm por objetivo garantir o suporte teórico e metodológico para apoiar a produção intelectual e pedagógica dos educadores ambientais, visando à inclusão da Educação Ambiental nos processos de ensino.

A Lei n.º 9.795, de 28 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), tratou de definir educação ambiental em seu artigo 1º: “Entendem-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Devido à sua importância, o artigo 2º da PNEA determina que a Educação Ambiental seja um componente essencial e permanente de toda a educação nacional, devendo estar presente de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Para tanto, incumbe as instituições públicas e privadas de promoverem a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem. A lei também prevê que estas ini-

ciativas não se limitem às Unidades de Ensino, cabendo também às organizações, em geral, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente.

Não obstante, não se deve confundir a Educação Ambiental formal com a Educação Ambiental (EA) voltada para projetos de um Sistema de Gestão Ambiental de uma OM, por exemplo. Enquanto a primeira é desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino e está voltada para a compreensão das relações sociedade-ambiente natural, dando a oportunidade para que os alunos conheçam os sintomas e as causas reais dos problemas ambientais e de desenvolverem o senso crítico e as atitudes necessárias para resolvê-los; a segunda está voltada para o gerenciamento de nossos processos internos, ordenando a atividade humana, de forma a causar o menor impacto possível no meio.

Exemplos de EA voltada para os aspectos ambientais de um Sistema de Gestão Ambiental de uma OM:

- 1- promover Educação Ambiental à tropa antes de iniciarem suas atividades em uma Unidade de Conservação como a Ilha da Marambaia, por exemplo.
- 2- promover Educação Ambiental aos militares que trabalham nos ranchos para que utilizem de maneira correta suas Estações de Tratamento de Esgoto, uma vez que, a passagem de restos de comida ou de gorduras para a Estação torna o sistema de tratamento ineficiente.
- 3- Educar os militares dos postos de lavagem de viaturas para que utilizem corretamente as caixas separadoras de água e óleo. O manejo incorreto pode resultar em lançamento de efluentes contaminados com óleo nas redes pluviais, o que é extremamente nocivo para o meio ambiente devido ao seu potencial altamente poluidor.

No caso da Educação Ambiental direcionada para minimizar eventuais impactos ambientais em Unidades de Conservação como a Ilha da Marambaia ou APA Guanandy (Itaóca – ES), a Resolução CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente) n.º 249, de 29 de janeiro de 1999, que dispõe sobre as Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica, prevê como linhas de ação para a educação:

- promover a educação ambiental aplicada à conservação e ao desenvolvimento sustentável dos recursos naturais;

- inserir, na educação formal e nos programas de educação ambiental, as noções e princípios do desenvolvimento sustentável;
- promover o levantamento das iniciativas de educação ambiental na área da Mata Atlântica;
- estabelecer ações específicas junto às comunidades tradicionais da Mata Atlântica;
- promover mecanismos junto às instituições de pesquisa e ensino no sentido de desenvolver novos quadros de profissionais em pesquisa e extensão ambiental na Mata Atlântica;
- elaborar e sistematizar a divulgação de material que contribua para a conservação da Mata Atlântica.

Destaca-se que a Reserva da Biosfera é uma espécie de Unidade de Conservação onde se permite a realização de pesquisas ambientais, experimentação e ações que visem o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental.

Portanto, a Educação Ambiental é um instrumento de suma importância para a solução dos problemas ambientais, embora seu objetivo não seja tratar da análise da problemática em si, mas, principalmente, ser aplicada como estratégia de prevenção, motivo pelo qual, dentre os princípios basilares do direito ambiental brasileiro, o Princípio da Prevenção é considerado o mais importante. Concordamos com Thaines (2006), quando entende que os programas de Educação Ambiental devem ser contínuos e permanentes, visto que a maior parte das atividades resume-se a ações pontuais e isoladas (com slogans como “não jogue lixo no chão”, “conviva em harmonia com a natureza”), que não são suficientes para sensibilizar ou proporcionar uma visão crítica da realidade, na qual estamos inseridos; tampouco contribuem para uma visão holística, integrada, multidisciplinar e transversal do tema meio ambiente. Iniciativas pontuais e românticas podem levar a um entendimento equivocado do que seria responsabilidade ambiental, muitas vezes não resultando em ações concretas. Outro equívoco é falar do meio ambiente como se não fizessemos parte dele, ou seja, não nos incluímos como responsáveis pelos problemas. Precisamos quebrar o velho paradigma: “pode-se poluir e degradar que o ambiente natural e o ambiente urbano irão encarregar-se de recuperar o que foi afetado”.

O imenso número de militares lotados nas diversas OM, com finalidades educacionais ou não, sugere-nos que o desenvolvimento de uma política ambientalista, eficiente e focada na capacitação dos recursos humanos, pode promover mudanças de atitudes e adoção de novas posturas individuais e coletivas em relação ao meio ambiente, o que não ocorrerá somente no âmbito da Marinha, pois também levarão para suas casas e comunidades todos os novos valores, conhecimentos e habilidades adquiridas dentro de suas unidades militares, o que efetivamente torna-se benéfico para toda sociedade. O grande desafio está em romper as barreiras da falta de conhecimento sobre o tema, pois de nada adianta um conjunto de princípios, normas e legislações rigorosas, como por exemplo, a Lei de Crimes Ambientais, se a ausência de informação as tor-

nam meras ferramentas coercitivas, quando deveriam servir, principalmente, como fonte de consulta e orientação a todo programa ou processo educacional voltado para complexidade ambiental. Acreditamos que a EA estimula e fortalece o interesse e a participação de toda a sociedade na busca por alternativas ambientalmente sustentáveis. Pode ser ensinada e replicada por todos, e é hábil para causar mudanças imediatas de postura e de comportamento das pessoas em geral, pois o argumento que lhe dá fundamento e profundidade se encontra presente em nosso cotidiano, até mesmo devido à sua difusão nos meios de comunicação. Embora, nos últimos anos, exista certo modismo em torno da temática ambiental, qualquer pessoa pode se comprometer de maneira racional, bastando que lhe seja dada condições e oportunidades para que possa desenvolver suas vocações e capacidades. A democratização das informações ambientais, além de ser um direito de todos, é também um dos objetivos fundamentais da EA.

Questões acerca da formação do educador, reestruturação do sistema de ensino para inclusão da Educação Ambiental e sobre seu caráter inter, multi e transdisciplinar, são complexas e necessitam de uma análise pedagógica mais profunda, principalmente por se tratar de um tema transversal. Motivo pelo qual não foram abordadas nesta coluna sobre esta ótica. Mas vale observar, dentre outras implicações previstas na PNEA, o veto para que a Educação Ambiental seja tratada como matéria específica e isolada nos currículos, fazendo parte de todo o projeto pedagógico a ser desenvolvido por cada instituição de ensino, entretanto apresenta-se inserida em todas as disciplinas.

Legislações relacionadas

Lei n.º 9.795, de 28 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei n.º 9.795/99.

Resolução CONAMA n.º 249, de 29 de janeiro de 1999. Trata das diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica.

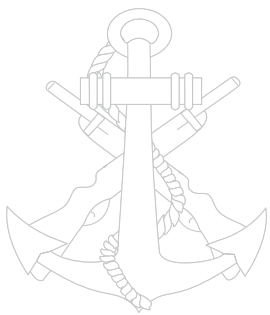
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei n.º 9.795/99. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n.º 9.795, de 28 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE (CONAMA). Resolução n.º 249, de 29 de janeiro de 1999. Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica. Brasília, DF, 1999.

THAINES, Eliane. *Educação Ambiental: abordagens em educação na prática ambientalista das organizações não governamentais*. 2006. 102 f. Dissertação (mestrado em Educação) □ Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2006.



1º Ten (FN) Alexandre Machado da Motta

DECIDA nº 40

(publicado na edição anterior de nossa revista)

Situação

O Sr. é comandante de pelotão no Componente de Combate Terrestre (CCT) de um Grupo Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) que se encontra participando de um Contingente brasileiro em uma Missão de Paz da Organizações das Nações Unidas (ONU). A missão vem sendo realizada em um país onde as instituições governamentais estavam completamente degradadas, inclusive as Forças Policiais, o que fez com que grupos de bandidos armados conseguissem o controle de algumas regiões do país, incluindo a capital.

O árduo trabalho realizado pelos contingentes anteriores proporcionou uma sensível melhora nas condições de segurança na capital, resultado de ações que permitiram assumir o controle das regiões dominadas pelas forças adversas, forçando as mesmas a se dissiparem ou buscarem poucas localidades para seu refúgio.

Atualmente, o GptOpFuzNav é responsável por uma área dentro da capital do país. A intensa presença de nosso contingente através de patrulhamento, ações cívico-sociais e controle de pontos sensíveis nos permite manter um ambiente seguro e estável dentro de

nossa área de responsabilidade.

As ações militares e policiais sobre responsabilidade da ONU, são baseadas nas Regras de Engajamento (ROE). As ROE orientam o uso da força, estabelecendo que a mesma deve sempre ser utilizada de maneira proporcional às ameaças, na menor intensidade necessária e de modo que se evite danos colaterais.

São 09h00, o Sr. encontra-se patrulhando uma região dentro de sua área de responsabilidade, fazendo cumprir um dos pacotes de patrulha diários determinado a seu pelotão, com um grupo de combate, embarcado em 2(duas) viaturas ½ TON. O Sr. recebe uma ligação do Comandante do CCT ordenando que siga com a patrulha para um colégio onde provavelmente estaria ocorrendo um distúrbio civil. Chegando ao local, o Sr. percebe muitos estudantes do lado de fora da escola, gritando, protestando e batendo intensamente em seus portões fechados.

Conseguindo entrar no colégio, o Sr. fica sabendo, através do diretor da instituição, que não haveria aula naquele dia e os estudantes estavam revoltados por esse motivo. O mesmo pede ao Sr. que impeça qualquer atividade hostil e retire os estudantes da frente da escola, para que, com isso, todos os seus funcionários consigam sair em segurança do local.

Saindo do colégio, o Sr. explica a situação aos estudantes, que, não vendo resultados em seus protestos, voltam sua indignação para os militares de sua patrulha, ficando sua tropa cercada por muitos estudantes com garrafas e pedras nas mãos, afetando, completamente, a segurança de sua tropa. Cabe mencionar que os estudantes são menores de 18 anos e que estão reivindicando acesso à educação para ter maiores oportunidades em suas vidas, em um país tão pobre.

Considerando o problema apresentado, exponha as medidas que o Sr. adotaria para resolver tal situação.

Possível solução (da casa)

Diante da situação exposta, é importante que uma rápida decisão seja tomada para evitar que a segurança da tropa seja afetada. Compete a todos os militares presentes na patrulha o conhecimento das Regras de Engajamento pertencentes às Operações de Paz.

As Regras de Engajamento nos orientam sobre como utilizar a força, de modo que seja sempre o mínimo necessário e de maneira proporcional, evitando-se danos colaterais.

Fundamental para procedimentos corretos na situação mencionada, e para todo tipo de patrulha, será a realização do *briefing*, uma reunião feita antes de qualquer patrulha, em que nela serão definidos principalmente o itinerário da missão, o que cada militar irá fazer em cada tipo situação (“Quem vai fazer o quê?”) e todo material necessário para a realização da missão.

Na situação em questão cresce a importância do porte de armamento não-letal, haja vista que os alunos aparentemente não possuem armas, e que o uso da força terá que ser proporcional.

Durante a mencionada questão, os alunos revoltados voltaram sua raiva para a tropa que protegia o colégio, passando a agir violentamente com a mesma, ameaçando jogar garrafas e pedras na direção dos militares da patrulha. A partir desse momento, os revoltosos decidiram realmente engajar contra nossa tropa, cercando e

empurrando-a.

Devido à grande ameaça que a multidão representava à integridade física da patrulha, o comandante da cena de ação ordenou que fosse lançada uma granada de efeito moral nas proximidades dos alunos, o que, em um primeiro momento, resolveu o problema.

Logo após o afastamento dos revoltados, a tropa conseguiu restabelecer a segurança do perímetro do colégio, porém, de certa distância do local, os estudantes começaram a jogar uma grande quantidade de garrafas e pedras em direção à patrulha, causando bastante dano aos veículos que ali estavam e, além disso, acertando uma estudante. Com ordens do comandante da cena de ação, um disparo para cima, de projétil de borracha, foi realizado, cessando com o lançamento de garrafas e pedras.

O atendimento e os primeiros-socorros foram realizados na estudante atingida de forma rápida e eficiente. Logo após, foi realizado um *static point* (*check point* estático) em frente ao colégio, sendo efetuadas patrulhas em torno da região para assegurar que nenhum foco de estudantes manifestasse-se novamente.

Na primeira oportunidade, o comandante da cena de ação deve obter todas as informações do ocorrido e reportar-se ao escalão superior.

Com a segurança da escola garantida, o diretor e seus funcionários puderam sair do local sem maiores problemas.

Resposta selecionada: 1º SG-IF-Coelho

Como Comandante da cena de ação, retiraria para o interior da área murada do colégio, com o propósito de aumentar o controle e diminuir a exposição da tropa.

A partir disso, faria uma tentativa de negociação com um líder indicado pelos estudantes. Ao mesmo tempo, determinaria que um de meus militares entrasse em contato com o Comando do CCT, relatando um breve sumário da situação e TALUDE, para o envio de um reforço, de valor suficiente para fazer frente aos manifestantes, munido de equipamentos adequados para controle de distúrbios civis. Durante a negociação, explicaria que estávamos ali para garantir a integridade dos funcionários e das instalações, que se destruída, acarretaria um mal maior a educação daquela gente.

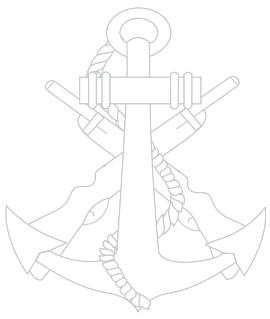
Ao mesmo tempo determinaria que dois militares conduzissem os funcionários para um local seguro dentro das instalações, longe de janelas e portas, permanecendo com eles e garantindo a segu-

rançados mesmos até o fim das manifestações. Os demais deveriam tomar posições em locais estratégicos para a defesa do prédio, preparando suas armas não-letais, mas deixando ser observados, para causar um efeito psicológico nos manifestantes, como um “blefe”.

Com a chegada do reforço, via contato rádio, determinaria para o seu comandante posicionar seus militares em uma formação pronta para controle de distúrbios civis, causando o choque, a fim de desviar a atenção dos manifestantes e dividi-la em duas frentes.

Depois dessa demonstração de força, tentaria uma nova negociação a fim de eliminar a existente idéia de confronto, já que essa acarretaria um prejuízo ainda maior para todos.

Se todos os recursos se esgotassem sem nenhum acordo, determinaria a dispersão dos manifestantes com o mínimo de força não-letal possível. Procuraria atuar em linha para a evacuação do local, colocando os funcionários em viaturas e levando-os para um local seguro o mais rápido possível, mantendo o Escalão superior informado.



1º Ten(FN) Anderson Carlos
Santos de Menezes

DECIDA nº 41

Situação

O processo eleitoral para o senado de um país no qual há uma missão da ONU para estabilização, foi bastante conturbado; principalmente depois que o Comitê Eleitoral Provisório (CEP) não permitiu a inscrição dos candidatos do maior e mais popular partido do país, o "SALLAVAL", o mesmo do ex-presidente deposto que está exilado em um país do Caribe. Devido a esse fato aquele partido, passou a boicotar o pleito; inclusive fazendo ameaças à população, dentre elas a de cortar a cabeça de quem votasse.

Foram organizadas várias manifestações antes do primeiro turno, mas nenhuma delas teve grande repercussão nem adesão em massa da população.

As seções de inteligência da missão da ONU para estabilização do país; inclusive a do GptOpFuzNav, subordinado ao Batalhão Brasileiro, por meio de seus colaboradores, receberam informes dando conta de que o "SALLAVAL" pretendia fazer ações que tivessem um forte impacto na mídia internacional. Contudo, a grande quantidade de capacetes azuis nas ruas intimidou aqueles que pretendiam iniciar qualquer tipo de tumulto.

Por ocasião do segundo turno, as manifestações aumentaram, isto porque líderes estudantis passaram a receber dinheiro para que as organizassem.

O comando da missão decidiu manter as tropas militares em reserva; posicionando a UNPOL/FPU em conjunto com a Polícia Nacional do país na linha de frente contra essas manifestações. A violência dos manifestantes foi crescendo ao ponto de uma viatura da UNPOL ser queimada, obrigando os policiais a fazerem disparos de advertência.

Você é o comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros Navais e está realizando patrulhas na área de operações do grupo operativo, na antevéspera do 2º turno; quando recebe a informação, de um civil, de que o um dos mais famosos chefes das gangues da capital do país está participando de um funeral, ritual sagrado para aquele povo, bem próximo da posição em que você se encontra, e que este funeral já está por terminar. Qual a sua atitude nessa situação?



PENSE

"A liderança é uma poderosa combinação de estratégia e caráter. Mas se tiver de passar sem um, que seja a estratégia."

Gen. Norman Schwarzkopf



Esta obra foi composta na fonte Calibri e GeosansLight, e impressa em papel couchê matte 230g (capa) e couchê matte 150g (miolo) pela Agência 2A Comunicação para o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo - CIASC em junho de 2010.

A luz do conhecimento
derruba fronteiras e
unifica os caminhos!



Centro de Instrução **Almirante Sylvio de Camargo (CIASC)**

Rua Magno Martins, s/nº – Bancários – Ilha do Governador
CEP 21911-000 – Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (21) 3386-4511
biblioteca@ciasc.mar.mil.br – www.ciasc.mar.mil.br

